

A painting of a woman in a white dress writing at a desk, with another person visible in the background.

Miss
Lockhart's
letters

Barbara Metzger



CARTAS DE UMA MORIBUNDA

BARBARA METZGER



Eva, Sarah Cortez e Val Nascimento

SINOPSE

SE DEVIA MORRER, PRIMEIRO IA CULPAR A ALGUÉM...PRETERIVEL MENTE A UM ATRAENTE ROMPE CORAÇÕES!

Delirando com febre, Rosellen Lockharte reúne todas as suas forças para escrever várias cartas em seu leito de morte. Logo todos aqueles que a prejudicaram se inteirarão que em seu momento final foram perdoados por ela. Todos, exceto ele. Mas, por que esperar o dia do julgamento para dizer ao Visconde Stanford que pensa que ele é o mais atroz dos humanos?

A DOCE VINGANÇA DA MORTE... PRÓPRIA

Rosellen escreverá cartas de despedida e de vingança ao seu tio, à sua odiosa prima, à sua miserável patroa e ao perverso irmão de sua patroa. E ao homem que danificou sua única esperança de levar uma vida digna em Londres.

Que melhor vingança que deixar que outros carreguem o peso de sua morte em suas consciências pelo resto de suas vidas?

ZOMBOU DA MORTE E A VIDA ZOMBA DELA

Mas o destino brincarà com ela, pois Rosellen não só vencerà a morte como também agora o próprio homem que arruinou sua vida será quem a contragosto virá em seu resgate. Nem os anjos do céu poderiam haver predito o caos que se desatarà a seguir, nem a magia do amor inesperado. . .

Um romance com toques de comédia negra? Impossível. Não, com a Barbara Metzger tudo é possível. Sente-se muito confortável para ler esse livro! Quem escreveu esta crítica riu e soltou mais de uma gargalhada ao fazê-lo. Prepare-se para entrar no encantador humor de Barbara Metzger!

CAPÍTULO 1

A senhorita Rosellen Lockharte estava morrendo. Ela podia aceitar isso, por assim dizê-lo, se não fosse pelo ruído e as luzes. Por que não podia chegar às suas últimas horas de vida em paz? Embora pensando-o bem, quando tinha tido um pouco de paz em sua vida?

Certamente não desde que tinha chegado à Seleta Academia para Jovens Distintas de Miss Merrihew.

Jovens distinguidas pela enfermidade e o contágio mais exatamente, Rosellen considerou enquanto se curvava miseravelmente na cama. Estava morrendo pela epidemia de gripe que tinha açoitado as garotas da escola. Inclusive essa nem sequer era a sua cama. Porque é óbvio, não havia ninguém com a piedade suficiente para atender à instrutora mais jovem e menos favorecida de miss Merrihew em seu diminuto quarto do apartamento de cobertura.

Rosellen e seus pertences tinham sido transportados por três lances de escadas semi destruídos a um dormitório que tinha sido convertido em uma enfermaria, onde ela podia ser igualmente ignorada e esquecida. Agora estava separada das outras mulheres doentes e seus gemidos, prantos e náuseas por um biombo raquítico. Mas nada separava seus olhos doloridos das lâmpadas que deixavam constantemente acesas. Quão único aliviava o calor era uma toalha empapada sobre sua testa quando uma das criadas conseguia lembrar-se de lhe trazer a toalha ou um tigela com água.

Uma taça de chá ou um caldo pareciam coisas que estavam além dos recursos do pessoal esgotado e das possibilidades de miss Merrihew.

Felizmente, como o estômago da senhorita Lockharte se rebelava ante a visão de comida de qualquer maneira, não havia nada que pudesse comer-se perto de sua cama. Por que desperdiçar um pedaço de pão com uma professora de caligrafia mau paga e pouco apreciada? Rosellen suspirou, ela mesma seria alimento de vermes dentro de pouco, isso é o que seria sem dúvida. Um soluço escapou de seus lábios secos.

— Aqui está, senhorita! — Ela escutou uma voz próxima, junto com o estrépito de uma bandeja, o qual queria dizer que era a hora de tomar o remédio. E a voz seria a da exausta criada Fanny, pois ninguém do pessoal docente se aproximava da enfermaria por temor ao contágio. — Não há necessidade de ficar tão mal. O doutor diz que deverá estar muito mais aliviada amanhã.

— Sei. — Rosellen choramingou. — Ouvi-o. — O médico local tinha estado parado justo do outro lado do velho biombo, ela o tinha ouvido arrastando seus pés e suas pernas instáveis e dizendo. — Sinto muito dizê-lo, mas não há esperança para esta, senhorita Merrihew. Irá para o outro lado amanhã, temo-me. — Ele nem sequer se incomodou em sussurrar, pensando que ela já estava inconsciente, Rosellen supunha.

Conteve outro soluço.

— Não é justo.

— Concordo completamente, senhorita. Lucy se foi com sua mãe e Aggie diz que se contagiou com a peste, então só ficou eu para fazer tudo. Qualquer um pensaria que a ama contrataria pessoal adicional para todo este trabalho extra, mas nada disso. Ajuda extra? Não vou viver para ver isso.

Tampouco Rosellen, mas ela não se referiu a essa injustiça. A vida em geral era injusta. É obvio que o era, todo mundo sabia isso. Exceto que este drama de morrer antes de fazer vinte e um anos parecia-lhe um truque particularmente sujo do destino. Rosellen Lockharte ia morrer antes de ter começado a viver. Nunca tinha dançado uma valsa, nunca tinha visto foguetes, nunca tinha tido um cão próprio. E agora nunca teria um filho próprio, uma horta, um amante.

Ela não tinha nada que chamasse a atenção.

Aos seus vinte anos não tinha nada destacável que mostrar, salvo as floridas caligrafias das letras p e q que ensinava às mimadas filhas da classe alta.

O céu sabia, e certamente São Pedro também, que essas moças caprichosas não podiam soletrar nem a palavra mamãe.

A senhorita Merrihew considerava que a caligrafia de uma dama distinta deveria ser primeiro elegante, segundo legível e terceiro respeitar a ortografia. As senhoritas a cargo de Rosellen consideravam que a ortografia era um exercício criativo. São Pedro certamente passaria por cima da vida de Rosellen no dia do Julgamento e só se fixaria nos enganos de ortografia.

Agora era muito tarde para dar uma melhor impressão.

Miss Merrihew tinha escutado as súplicas de Rosellen e tinha enviado seu irmão clérigo para rezar pela vida de lady Mary em uma cama vizinha. É obvio, o pai de lady Mary era um duque e ele podia pagar pelos serviços clericais do reverendo Merrihew. O pai de Rosellen, que tinha sido vigário, certamente estaria revolvendo-se em sua tumba. Possivelmente ele estava rezando por ela, pois certamente seu amável e cortês pai ganhou o carinho dos anjos. E muito em breve ele teria o carinho de Rosellen também. Muito em breve.

Agora mesmo seus ouvidos estavam sendo atormentados pela monotonia nasal da voz do reverendo Merrihew. Não, realmente não sentia saudades das preces do reverendo Merrihew, não sentia saudades mais do que sentia saudades dos cuidados libidinosos daquele sátiro. Preces, ora!

O cretino era mais devoto ao prazer pecaminoso que à devoção espiritual. Se ele não fosse o irmão de sua patroa, Rosellen lhe teria dado um sermão faz muito tempo. Em vez disso, tudo o que tinha conseguido lhe dar tinha sido um murro na vez em que ele a tinha encurralado na galeria do coro. Se esse olho arroxado resultava ser outro ponto negativo pelo qual as portas do céu não se abririam para a senhorita Lockharte, que assim fosse. Em sua curta vida cheia de remorso essa era a última coisa da qual se arrependia.

— Aqui tem seu remédio agora, senhorita. — Fanny disse. — E também trago-lhe um pouco de água de cevada que tinham preparado para lady Mary. Mas ela não a vai necessitar agora.

Não, lady Mary tinha preces e uma enfermeira do povoado contratada. Rosellen gostosamente trouxe a bebida de cevada mas não o láudano. Se ficava uma noite de vida não queria passá-la drogada, adormecida ou muito atordoada a ponto de não reconhecer seu próprio nome quando a Parca a chamasse.

Era estranho, mas dois dias atrás.

— Ou eram três? — Rosellen tinha estado na lista para dar as boas-vindas à sua morte. Tinha estado no pior momento da gripe, entretanto só agora sabia que estava morrendo. Cada hora lhe parecia preciosa. Não, ia desfrutar do tempo que ficava de vida.

— Nada de láudano. — Ela conseguiu murmurar.

— Não sei, senhorita. — A criada disse sacudindo a cabeça. — Você precisa descansar.

— Não! — Rosellen insistiu mais forte agora que sua garganta não estava tão seca. Ela teria muito descanso muito em breve.

A criada esgotada previu outra noite sem dormir para ela.

— A senhorita Merrihew diz que você deve tomá-lo. Ordens do doutor.

O que sabia o doutor? O homem estava mais acostumado a arrumar ossos quebrados que a ver seres humanos enterrados.

— Estarei bem... — Ela mentia. — Se somente me alcançar minha escrivaninha portátil.

Tudo o que Rosellen tinha de sua mãe era essa escrivaninha de madeira portátil que tinha sido conduzida escada abaixo desde seu quarto no apartamento de cobertura junto com o resto de suas posses. Ninguém, obviamente, esperava que ela retornasse ao seu quarto.

— Quer essa coisa velha agora, senhorita? — Fanny ainda sujeitava o copo com láudano, esperando poder colocá-lo pela garganta da Senhorita Lockharte para que ela pudesse continuar com o resto de seus deveres e finalmente chegar à sua própria cama.

— Quero escrever meu testamento. Te deixarei essa escrivaninha se me ajudar agora.

— Para que queria eu sua escrivaninha velha, senhorita? Não sei escrever.

Rosellen não estava surpreendida. A garota tinha estado na casa de miss Merrihew só por volta de quatro anos.

— Sinto muito. Deveria ter te ensinado.

— Para quê? Assim poderia me converter em uma das professoras, como você?
— A expressão na cara da criada expressava o que ela pensava a respeito das vantagens das professoras sobre as criadas.

— Minha capa vermelha então, que você sempre gostou. Lhe deixarei isso em meu testamento se me der a escrivaninha e trazer a lâmpada mais perto.

Fanny somente estalou a língua, mas fez o que Rosellen pedia, acomodando a jovem nos travesseiros e colocando a escrivaninha de madeira sobre seus joelhos.

— Deixarei o láudano aqui, se por acaso mudar de ideia.

Rosellen não mudaria de ideia. Ela tinha muito o que fazer em pouco tempo. Logo que Fanny partiu, abriu a escrivaninha e tirou papel e tinta. Logo decidiu que não ia lutar com plumas e papéis secantes. Encontrou um lápis de ponta afiada. Pelo menos miss Merrihew nunca regulava em materiais de escritura para a instrutora de caligrafia.

Rosellen escreveu “Único e último testamento” na parte superior de uma página em branco. Logo se deteve para pensar. Além de sua escrivaninha e a capa, não possuía nada que alguém quisesse herdar e ninguém a quem deixar. Entretanto, tinha muito para dizer. Sublinhou as palavras “Único e último testamento”. Deixaria um testemunho de sua breve vida como seu legado final.

Tinha cometido enganos ao longo do caminho, Rosellen admitiu voluntariamente. Quem poderia dizer que não tinha cometido enganos? Embora a maior parte das desgraças de Lockharte, incluindo a mais séria, não eram de sua autoria. Neste ponto ela não tinha nada que perder, colocava a culpa aonde pertencia. É, mas, disse a si mesma expressando sua irritação e seu ressentimento, poderia ganhar um pouco de paz para sua alma. Não devia ser bom chegar ao céu com tanta raiva acumulada. Não haveria espaço para tanta raiva.

Por outra parte, quem leria essas memórias muito sensíveis? Suas alunas? Outras instrutoras? Ninguém. Rosellen descartou definitivamente a ideia de um testamento ou suas memórias. Escreveria cartas em vez disso. Desse modo asseguraria que as pessoas que a tinham posto no caminho da perdição nessa escola de senhoritas se inteirassem de seu falecimento. E inclusive poderiam chegar a lamentar sua contribuição à sua derrota. Disse a si mesma que não queria que ninguém derramasse lágrimas por ela, nem queria acusar consciências, mas se qualquer de seus atormentadores sentisse o mais leve ponto de dor, possivelmente começariam uma vida diferente. O que era bom, pois sua alma poderia melhorar a de outros. As últimas cartas da senhorita Lockharte somente poderiam beneficiar a outras pessoas.

Rosellen mordiscou o lápis, algo que tinha proibido às suas alunas fazer, enquanto decidia por onde começar.

Não podia culpar seu amado pai por havê-la deixado desprovida financeiramente e sem nenhum tipo de amparo. Ele tinha feito o melhor que pudera. Além disso, o veria muito em breve, por seus cálculos, junto com uma mãe que ela quase não lembrava e um irmão recém-nascido que nunca tinha chegado a conhecer.

Não, começaria escrevendo ao irmão de sua mãe, o Barão Haverhill.

CAPÍTULO 2

Estimado Tio Townsend — Rosellen começou.

Estou morrendo e nunca dancei uma valsa, nem tive um cão ou um Natal em família.

Tinha tido Natais felizes na velha paróquia de St. Jerome antes que sua mãe morresse, quando os paroquianos podiam trazer um ganso para comer ou, mais tarde, quando Squire Pemberly se lembrava de convidar ao vigário viúvo e sua filha à festa organizada para seus inquilinos.

Tinha tido pães de gengibre e pudins de Natal e brinde com pessoas do coro, mas ela nunca tinha tido uma celebração a sós com seus pais em Haverhill Hall.

Quando tinha chegado à academia de Miss Merrihew tinha escutado as alunas contar seus planos para os dias de festas, para as grandes reuniões ou banquetes; as celebrações que transcorriam desde o Natal até a noite de Reis. Foi então que percebeu o que tinha perdido, o que sua mãe devia ter perdido nos anos passados na paróquia.

O tio Townsend nunca tinha perdoado sua irmã Margaret por haver se casado com um pobre clérigo em vez de um rico nobre que ele tinha eleito para ela. “— *Você fez a cama* — Ele havia lhe dito — *Então agora te deite nela.*” — E “a cama” era uma fria casa paroquial de uma diocese empobrecida, sem nenhuma ajuda ou contato com sua família rica.

Não era o dinheiro o que teria feito a grande diferença em suas vidas, Rosellen escreveu, embora William Lockharte fosse um pároco que praticava o que pregava, doando a maior parte de suas escassas posses aos mais necessitados da paróquia. Mas a ausência de parentes e da sensação de pertencer a um lugar tinha sido mais doloroso. Sua mãe não teria estado tão triste e curvada, Rosellen acreditava, se não tivesse sido ignorada por seu único irmão.

Só Deus sabia se sua mãe não teria sobrevivido ao parto se tivesse estado melhor nutrida ou tivesse tido a uma criada para ajudá-la com a casa. Mas, Rosellen estava culpando seu tio, ela o explicou na carta.

Seus pais se amaram muitíssimo e os dois sabiam de antemão que tipo de sacrifícios teriam que fazer. Tampouco lhe culpava por não ter assistido ao enterro de sua mãe.

Ela compreendia perfeitamente que tendo ignorado sua irmã durante parte de sua vida, ele haveria sentido que não tinha nada que fazer em seu enterro. Rosellen o admirava por não ter sido hipócrita. Ele era um homem de coração frio e mente fechada, mas não um hipócrita.

E tinha patrocinado Rosellen em uma temporada em Londres. Agradeceu ao seu tio Townsend novamente. É óbvio que seu pai tinha tido que humilhar-se e escrever ao seu cunhado, quase implorando, para que a aceitasse por uns poucos meses. O vigário Lockharte tinha considerado que não tinha nenhuma outra forma de prover o futuro de sua filha exceto pô-la em contato com cavalheiros casadouros, homens que não cheirassem a plumas ou a ovelhas, como os poucos viúvos ou solteiros de sua congregação. E é óbvio, tio Townsend reticentemente tinha feito o convite com a condição que Rosellen fosse uma ajuda útil para sua altiva tia e sua exigente prima.

Sem dúvida não era culpa do tio Townsend que tia Beatrice nunca tivesse apresentado à Rosellen os candidatos mais elegíveis. Nem ele poderia supor que a prima Clarice e suas amigas zombariam das maneiras provincianas de Rosellen, de seu vestido antiquado e das virtudes da filha de um vigário. Rosellen não condenava seu tio, ela escreveu, pelos princípios morais baixos de Londres ou pelo fato que ela não tivesse permanecido o tempo suficiente para receber permissão para dançar uma valsa no clube social Almack.

Entretanto seu tio poderia haver pedido a Rosellen uma explicação pessoal a respeito daquela desastrosa noite no baile da senhora Maplethorpe. Ele poderia ter acreditado que ela nunca teria saído ao balcão com um jovem oficial de cavalaria sem o menor sentido comum. Seu tio poderia ter acreditado que a filha do vigário Lockharte nunca teria permitido que um desconhecido alcoolizado a beijasse.

O tio Townsend poderia ter feito todas essas coisas, mas ele não o tinha feito. Em vez disso, ele tinha escutado a rancorosa, ciumenta e vaidosa Clarice, que tinha arranjado todo esse escândalo. Logo seu tio tinha declarado que Rosellen era uma jovem licenciosa e que sua reputação estava arruinada. Ela tinha dado um mau exemplo à sua filha, era uma ameaça para o equilíbrio mental de sua esposa e uma desonra para a memória de sua mãe. E dessa maneira Rosellen tinha sido embarcada em uma carruagem pública na manhã seguinte.

O tio Townsend conseguiu um posto na academia Miss Merrihew, a escola onde Clarice havia estudado. O que a senhorita Merrihew poderia haver ensinado àquela ratazana malcriada era um mistério para Rosellen, pois Clarice nunca falava de nada exceto de moda, flertes e encontrar um prometido com título e bolsos cheios. Apesar da recomendação duvidosa que tinha escrito seu tio, Rosellen recebeu o posto de instrutora de caligrafia em vez de retornar à paróquia e converter-se em uma boca mais para seu pai alimentar, e uma decepção para suas esperanças.

Rosellen não considerava o Barão Haverhill responsável pelo fato de que miss Merrihew tenha se negado a deixá-la voltar para sua casa para cuidar de seu pai em suas últimas horas de vida, ela continuou escrevendo em uma segunda folha. Não, lhe estava agradecida agora por seus esforços no patrocínio. Lamentava haver feito ele e sua família passar por uma vergonha social. E ela se esforçaria para cuidar de todos eles quando chegasse ao Céu, pois isso era o que esperava pois não era uma jovem licenciada como descreviam as acusações de sua prima. Mas esperava que o Tio Townsend não fosse tão rápido em julgar a outros no futuro e lhe sugeriria que se convertesse em juiz de sua própria casa e de sua própria família. Na carta lhe pediu que se ocupasse de que ela fosse sepultada ao lado de seus pais no cemitério da igreja St. Jerome, ao lado da casa paroquial onde ela tinha sido criada.

Rosellen dobrou a carta e logo inclinou a vela para gotejar cera para selá-la.

Sentiu-se muito mais jovem, mais leve, tendo expressado com palavras sua irritação. E de fato se sentiu tão aliviada que tirou a pluma e tinta para escrever o endereço na frente da carta com sua melhor caligrafia.

Desse modo o Tio Townsend se daria conta que ela não era uma jovem completamente ignorante, embora havia uma certa quantidade de outras coisas que poderia mencionar se não fosse a filha de um vigário com a esperança de ir ao Céu. Logo afiou a ponta do lápis e alisou outra folha em branco.

Estimada Prima Clarice. — Ela escreveu —

Estou morrendo e nunca usei um vestido de seda...

CAPÍTULO 3

Dez mil bichos-da-seda tinham trabalhado incansavelmente para Clarice. Seus armários estavam cheios de vestidos de seda de todas as cores. Também tinha vestidos de cetim, musselina, rendas e outros tecidos que Rosellen jamais tinha ouvido mencionar e muito menos visto ou usado. Ver e tocar foi tudo o que pôde fazer quando ia procurar esses vestidos para sua prima. É obvio, Clarice tinha uma donzela francesa pessoal, mas ela tinha o perverso prazer de fazer sua prima esperar, então pedia ajuda à sua rústica prima camponesa.

Por insistência de seu tio, a rústica prima camponesa conseguiu ficar com os vestidos de musselina descartados que Clarice tinha usado em seus dias de debutante. A tia Beatrice se negou a ser vista com a rústica prima camponesa, declarando que a criada francesa se vestia muito melhor que aquela juvenzinha não desejada.

O tio Townsend se negou a gastar outro centavo com a pirralha filha de sua irmã quando sua própria filha tinha mais vestidos do que jamais conseguiria usar.

Os vestidos refugos eram brancos, todos, e os adornos tinham sido tirados para serem usados em outros vestidos. Clarice tinha o cabelo negro azeviche e a pele rosada. Ela devia ter ficado impactante naqueles vestidos brancos. Rosellen parecia um fantasma. Com o cabelo cor areia e a pele pálida, nem sequer os olhos turquesa, seu melhor traço, podiam dar vida aos vestidos brancos. Poderia ter posto um lençol e teria parecido o mesmo.

Rosellen tinha provado pôr flores nos decotes, do ramalhete que Clarice recebia diariamente, mas viu como as flores se encurvavam e se murchavam durante as tardes e noites intermináveis indo de um baile a outro vigiando Clarice enquanto ela dançava nos braços de homens bonitos. Um lençol lhe teria ficado muito melhor.

A seguinte sugestão de seu tio tinha sido que Clarice escolhesse um dos cavalos dos estábulos para Rosellen, então as primas poderiam cavalgar juntas como ditava a moda, de modo que a filha do vigário sem dote pudesse captar a atenção de um cavaleiro com dinheiro.

Clarice tinha se assegurado que sua prima pobre montasse o cavalo mais lento que encontrou, um cavalo que nunca poderia manter-se junto com os puros sangues que ela e suas amigas da alta sociedade montavam. Rosellen tinha deixado de montar no parque quase ao mesmo tempo que tinha deixado de tentar adornar e realçar os vestidos brancos. Do que servia tentá-lo?

Seu tio também tinha insistido em que Clarice apresentasse Rosellen ao seu círculo de admiradores. Clarice obedientemente lhe tinha apresentado todos os seus pretendentes, lhes insinuando que eles não podiam permitir-se tomar uma esposa sem

dote. Os grilhões do matrimônio eram suportáveis sempre e quando fossem de ouro. Oficiais de baixos salários, velhos libertinos e jogadores compulsivos que não eram bons candidatos para Clarice eram enviados à Rosellen. Logo que esses cavalheiros se inteiravam que a filha do vigário não era dada aos jogos de toques em cantos escuros, ela teve que retornar a uma cadeira dourada contra a parede, tão desanimada como as flores murchas do decote de seu vestido.

Rosellen havia ficado tão entusiasmada com viagem a Londres. Ela ia ser bem recebida pelos parentes de sua mãe, assistiria a festas e encontraria o homem de seus sonhos. Ele a amaria para sempre e ela se ocuparia de manter seu pai depois que se aposentasse. Encurvada sobre a escrivaninha portátil, ela agora avaliava severamente sua ingenuidade então.

Encolheu seus ombros magros. Tinha dezessete anos e estava longe de casa pela primeira vez em sua vida. O que poderia ter sido mais maravilhoso do que ser apresentada na alta sociedade de Londres sob o amparo de sua bela prima? Mas a experiência tinha sido mais parecido a cair do teto do celeiro.

Clarice tinha dezenove e era a rainha da última temporada social de Londres. Se ganhou elogios e ofertas matrimoniais nenhuma delas foi suficientemente interessante para ser aceita. Rapidamente Clarice havia ganhado a reputação de uma rainha sem coração e difícil de agradar. Em dois dias Rosellen percebeu que essa rainha tinha água gelada em suas veias.

Rosellen afiou o lápis outra vez enquanto pensava em algo mais. É óbvio, Clarice não era completamente culpada de suas faltas. Sua própria beleza era sua máxima desvantagem. A incomparável miss Haverhill tinha sido criada para ser a posse mais apreciada de seu pai e para restaurar a juventude perdida de sua mãe. Clarice tinha sido o pesadelo das babás e a cruz de suas instrutoras, pois o barão e sua esposa nunca lutaram com as birras e os caprichos de Clarice. Eles nunca notaram as criadas chorando, os pratos e brinquedos quebrados e os cavalos ofegantes. Para assegurar-se que essa ignorância continuasse, a tia Beatrice se refugiava em sua cama e o tio Townsend nos Clubes de Londres. E não resultava estranho que eles tivessem esperado que Rosellen fosse uma boa influência para sua filha. Mas porcos teriam voado antes que Rosellen pudesse cumprir essa expectativa.

Não contente em converter sua prima no objeto de ridículo entre seus amigos, Clarice tinha se determinado a arruiná-la. Não cabiam dúvidas que Clarice tinha querido a sua prima fora de sua casa e fora de Londres. E ela conhecia alguns canalhas que podiam ocupar-se de arruiná-la socialmente e arruiná-la de tal maneira que o escândalo fosse presenciado pela metade da alta sociedade.

De sua posição atual, entre a vida e a morte, Rosellen não podia entender no que se beneficiou sua prima. Clarice agora tinha vinte e dois anos e ainda não se casara. Rosellen tinha se informado através de suas alunas do rumor que sustentava que Clarice Haverhill era considerada uma caça-fortunas. A alta sociedade não via com bons olhos as jovens que aspiravam mais dos que lhes correspondia. E Clarice encaixava-se nessa categoria.

Rosellen, é óbvio, não escreveu nada disso tudo. Considerando que Clarice tinha sido educada na seleta academia de miss Merrihew, Rosellen duvidava que sua prima pudesse ler e muito menos nas entrelinhas. O que escreveu foi que lamentava que as duas não tivessem podido ter uma amizade. E adicionou que esperava que Clarice encontrasse o verdadeiro conteúdo de seu coração antes que encontrasse o par perfeito. E que o encontrasse antes que fosse muito tarde. Rosellen prometeu cuidar do Céu da única prima que tinha, embora jamais tivessem se dado bem. E escreveu que perdoava Clarice pelos vestidos brancos, os cavalos lentos e os candidatos inapresentáveis. Inclusive, Rosellen adicionou com sua melhor letra, perdoava sua prima pelo escândalo na festa da senhora Maplethorpe. Clarice não poderia ter sabido nesse momento que Rosellen terminaria na academia de miss Merrihew, morrendo sozinha em um dormitório úmido com uma camisola suja.

Isso era muito magnânimo de sua parte, Rosellen decidiu, apoiando-se contra os travesseiros. Errar era humano e perdoar era definitivamente divino, pelo qual Rosellen se sentia muitíssimo melhor uma vez que a carta de Clarice foi selada.

De fato se sentia enjoada. Talvez fosse a febre ou a falta de alimentação ou o curso natural de sua enfermidade. Sabendo que não ficava muito tempo, tirou uma folha em branco e escreveu.

Estimado Senhor, estou morrendo e nunca tive um cão.

Não dirigiria essa carta ao Honorável Timothy Heatherstone, nem carta similar tinha a intenção de copiar para seu irmão gêmeo, o Honorável Thomas Heatherstone, pois não considerava que esses canalhas tivessem algo de honorável.

Londres considerava os jovens Heatherstone como moços brincalhões, espíritos alegres e peraltas. Rosellen considerava esses gêmeos ruivos dois imbecis. Eles eram dois tolos com uma mesma cara sardenta e um pequeno cérebro. Seu pai teria desaprovado aos gêmeos: esportistas e apostadores temerários. Esses eram os dois cavalheiros que tinham ajudado Clarice a arruinar a reputação de sua prima por uma aposta.

Os gêmeos lhe tinham parecido inócuos a princípio. Depois de terem jogado o estúpido jogo de troca de identidade entre eles, tinham passado a ignorar a parente pobre de miss Haverhill até a noite da festa Maplethorpe. Logo um deles, só Deus sabia qual, foi ao encontro de Rosellen onde ela estava sentada à beira da pista de baile. “— *Clarice te necessita.*” um dos parvos Heatherstone assegurou fazendo-a sair ao terraço. Rosellen nunca tinha questionado o que sua prima podia estar fazendo no terraço ou por que ela não tinha mandado chamar a sua própria mãe que estava na sala de jogos. Era uma das tantas perguntas que Rosellen deveria ter feito. Mas ela era a filha de um pároco acostumada a ajudar e servir nas emergências.

O gêmeo Heatherstone a tirou do salão de baile, levou-a escada abaixo e até a biblioteca na parte traseira da residência Maplethorpe. A porta balcão que havia ali estava aberta e dava a um terraço onde as lâmpadas estavam penduradas nas árvores do jardim. Rosellen não podia ver Clarice.

“— *Debaixo do balcão.*” — Thomas insistiu lhe assinalando a direção mas não acompanhando-a. Clarice não estava ali. Havia um oficial com jaqueta do exército fracamente iluminado por uma lâmpada. Ele pareceu pensar que Rosellen tinha abandonado a festa, que tinha abandonado seus acompanhantes e que tinha abandonado seus princípios morais só para estar com ele.

“— *Sabia que viria, querida. Estive te esperando toda a noite.*”

Ainda preocupada com sua prima, Rosellen nunca considerou sua própria segurança. Simplesmente passou pelo lado do oficial procurando Clarice.

Ele agarrou seu pulso.

“— *Não tão rápido, minha pequena. Quero um beijo primeiro*” — O soldado arrastava a língua ao falar.

“— *Não seja absurdo, cavalheiro. Estou procurando minha prima, não vim aqui paquerar. Deveria pedir ao mordomo de lady Maplethorpe um pouco de café se estiver tão tonto para não poder distinguir a uma dama do tipo de mulher que se encontra com homens em cantos escuros.*”

— *Mas, você está aqui ou não?*”

Isso pareceu ser prova suficiente para o canalha, pois ele a abraçou apertando-a contra seu peito. Rosellen não quis gritar, não quis chamar atenção a essa situação comprometedora, mas o golpeou com seu braço e tentou lhe dar um chute na perna. Ele levava postas botas altas. Ela usava sapatos finos de baile. E, na verdade, por tudo o que tinha dançado, teria sido melhor que tivesse colocado botas de montar. Apesar de toda a resistência, Rosellen foi beijada.

Um grito acabou com essa perseguição, mas não foi um grito de Rosellen.

Foi um grito de Clarice do balcão do salão de baile que estava justo acima de onde eles estavam.

Muitos dos convidados correram ao seu lado para ver a provinciana Haverhill nos braços de um famoso mulherengo, o Tenente Roland Dawe.

Antes que seu tio viesse e a arrastasse fora dos braços do canalha, uma atemorizada Rosellen ouviu os irmãos Heatherstone felicitar seu amigo. “— Clarice assegurava que você nunca conseguiria um beijo da Senhorita Dissimulada. Aqui tem o que lhe devemos. Foi um muito bom espetáculo.”

Sua derrota social tinha sido um espetáculo divertido para aqueles dois pirralhos malignos. Caro, mas muito divertido. Rosellen não sentiu arrependimento em obter um pouquinho de prazer pensando no desconforto que esperava que os gêmeos sentissem quando lessem a carta. Então escreveu isto.

Escreveu que perdoava aos irmãos pela sua contribuição de dor à sua curta e trágica vida. Seu pai se orgulharia de sua generosidade. Se sentiria menos orgulhoso quando ela concluísse ambas as cartas com a ameaça de retornar como um espírito do Além para atormentar aos gêmeos Heatherstones se alguma vez, voltassem a desonrar outra moça.

Rosellen realmente não acreditava em fantasmas, mas talvez os gêmeos Heatherstone acreditassem neles.

Na verdade, se alguém merecia ser acossado por um espírito do Além, era o Tenente Dawe. Ele tinha rido a valer quando tio Townsend lhe tinha exigido uma proposta de matrimônio por aquela desonra pública.

“— O que vai fazer-me, barão, me desafiar em duelo se não oferecer matrimônio a esta juvenzinha? Ela veio a este terraço por própria vontade, quero que saiba. E quem pode dizer que eu fui o primeiro homem em sua vida?”

Tendo visto o tenente meter o dinheiro no bolso e logo intercambiar piscadas com Clarice, Rosellen encontrou quase impossível perdoar esse oficial. Escreveu que faria o intento pelo bem de sua alma imortal e pelo bem da dele.

Estou morrendo, ela escreveu, e nunca conhecerei o beijo de um homem que me ame, graças a sua maldade. Certamente havia um lugar especial no Inferno para pecadores como ele. Ela o investigaria, se Dawe não reformasse seus hábitos perversos. Sim, Rosellen Lockharte definitivamente se ocuparia disso. Porque se não tivesse sido por ele e por seu beijo com aroma de álcool, ela nunca teria terminado na Seleta Academia Merrihew para Jovens Distintas. E de extinção, em seu caso.

Existia outra carta que Rosellen, literalmente, morria por escrever.

Estimada miss Merrihew, estou morrendo e nunca terei um filho .

Rosellen tinha contido suas alunas quando elas choravam porque sentiam saudades de suas famílias e tinha separado as más quando queriam arrancar os cabelos das garotas em meio de uma briga. Mas esse tipo de amparo não era o mesmo que a maternidade. Possivelmente miss Merrihew não se interessaria pelos instintos maternos insatisfeitos de Rosellen, já que essa velha harpia parecia não ter nenhum instinto maternal. Rosellen sublinhou a frase da carta. Tirou outra folha em branco. Estava ficando sem tempo e sem papel.

Estimada miss Merrihew, estou morrendo e nunca tive férias pagas.

Primeiro agradeceu à velha amarga por lhe dar trabalho apesar da sua falta de experiência. Por seis meses, a título de experiência e sem salário, tinham sido as condições de contratação. Mas quem sabia o que teria ocorrido à Rosellen se não tivesse se infiltrado na Academia? Teria voltado para sua casa com seu pai e se teria casado com um dos pastores locais e teria vivido outros quarenta anos?

Então agradeceu à miss Merrihew por não lhe haver dado permissão para visitar seu pai doente. De qualquer modo Rosellen não teria podido pagar a passagem da carruagem e poderia ter sido assaltada por bandoleiros no caminho. Também lhe agradeceu pelo obrigatório uniforme cinza, a escova e o carvão para aquecer a sala das professoras, coisas que eram descontadas de seus salários.

Rosellen agradeceu à sua patroa por tudo isso e se sentiu muito melhor do que se sentiu em anos. Inclusive agradeceu à harpia por havê-la mudado para o quarto do apartamento de cobertura depois que tinha sido confirmada em seu posto.

O quarto era muito frio no inverno, sufocante no verão e com um teto muito baixo para que Rosellen pudesse ficar de pé, mas a janela circular dava ao lindo pátio traseiro rodeado de muros de pedras cor cinza.

Seu trabalho na escola tinha consistido em dizer: “— Sim, miss Merrihew” e “— Não, miss Merrihew”. Rosellen estava assombrada de ainda conservar sua língua depois de todas as vezes que a tinha mordido para não estourar. Pois bem, não mais. Não tinha nada a perder dizendo à miss Mirabel Merrihew que ela era uma miserável que sabia menos sobre educar juvenzinhas do que Rosellen sabia sobre eletricidade.

Rosellen escreveu duas páginas, mas ignorando a comoção que ocorria do outro lado do biombo. Escrevia folhas e folhas descrevendo como deveria ser uma escola adequada, detalhando questões sobre ambientes, comida, condições sanitárias das cozinhas, livros na biblioteca, e virtudes morais que deveriam ser inculcadas nas alunas. Porque se os pais das alunas de miss Merrihew alguma vez averiguassem o que

realmente ensinava às suas filhas ou quão perto estavam de morrer envenenadas pela comida, nunca as enviariam para lá. E certamente nunca inscreveriam suas filhas nesta Academia, ela chegou a uma conclusão ,se conhecessem o irmão perverso de miss Merrihew, que visitava as alunas depois do anoitecer e não rezava por ninguém.

Então escreveu.

Estou morrendo, Senhor Merrihew, e nunca pude ver o Príncipe. As outras professoras levaram suas alunas em visita à Brighton ou puderam trabalhar como acompanhantes de suas alunas durante as férias de verão. Mas Rosellen, não. O Reverendo Merrihew tinha convencido sua irmã que “— A Senhorita Lockharte é muito imatura, muito irresponsável para cuidar destas meninas”.

Muito inabordável seria a frase adequada.

As condições de vida de Rosellen na Academia se deterioraram grandemente depois que tinha repellido os avanços do clérigo pouco espiritual. Quando ela morresse ia cuidar de lá do Céu das outras garotas da Academia, Rosellen lhe advertiu na carta àquela escória humana. Se asseguraria de que ele não abordasse mais alunas durante a noite como ele tinha feito com a pobre Vivian Baldour, que tinha sido enviada à sua casa por ter caído em desgraça. A senhorita Baldour, Rosellen tinha escutado, rapidamente tinha sido casada com o Conde do Comfrey, um homem mais velho que seu próprio pai.

Minha estimada Lady Comfrey, espero que esta carta a encontre em melhores condições que as minhas. Desejo implorar seu perdão por não ter protegido sua inocência mais veementemente, embora você não estivesse a meu cargo. Espero que encontre felicidade em seu matrimônio.

Lady Baldour teria estado melhor sob o cuidado de um limpador de chaminé do que o tinha estado sob o amparo do reverendo Merrihew, cuja única meta na vida parecia ser comprometer a alguma juvenzinha rica para obrigá-la a um matrimônio vantajoso. Vantajoso para ele.

O lápis quase estava terminando-se e ela não tinha outro na escrivaninha, mas Rosellen ainda não tinha acabado.

Estimado lorde Vance, ela escreveu tentando não pressionar tanto o grafite. *Estou morrendo e nunca tive um cão.*

Ela sabia que estava se repetindo em suas palavras, mas estava se fatigando.

Além disso, lorde Vance, um dos patrocinadores locais da escola, era fanático pelos cães de caça. Ele a entenderia.

Mas o que Rosellen não podia entender era o que fazia lorde Vance apresentando-se depois da meia-noite na entrada traseira da Academia. De sua pequena

janela circular estava acostumada a vê-lo atando o cavalo detrás de umas árvores e logo caminhando para a zona dos arbustos.

O que fosse que o homem fazia, não podia ser nada bom. Se ele se inteirasse que uma pessoa estaria observando-o do Céu e soubesse de suas visitas clandestinas ao quarto de miss Merrihew, provavelmente ficaria em sua casa com sua esposa no futuro.

No final da carta para lorde Vance, Rosellen bocejava e se esforçava por manter os olhos abertos. Ainda não, ela implorou, ainda não. Tinha duas cartas mais que escrever antes de morrer.

CAPÍTULO 4

Minha estimada Susan, não poderia deixar esta Terra sem me despedir de você. Nunca tive alguém para amar ou meu próprio bebê e nunca vi a ascensão de um balão, mas posso dizer que tive uma amiga.

Neste ponto Rosellen teve que se deter para soar o nariz e secar a lágrima que havia caído sobre o papel. Ela mal podia ver o que estava escrito pela umidade de seus olhos e por sua debilidade crescente. Seus dedos estavam intumescidos e frios. Simplesmente um pouco mais de tempo, ela implorou a quem pudesse escutá-la.

Átila, o huno, um assassino em massa, tinha vivido quarenta anos, sem dúvida Rosellen, uma honesta instrutora de caligrafia poderia receber outra hora mais de vida.

A Senhorita Susan Alton era a única garota da Academia de Miss Merrihew que tinha feito amizade com Rosellen quando ela chegou à escola. Bondade era uma virtude incomum na academia, inclusive mais incomum que uma comida decente, até que Susan sorriu para ela.

Embora só tinham meses de diferença de idade, passado de Susan e Rosellen eram absolutamente distintos. Mas Susan não era excessivamente orgulhosa para não aceitar a filha de um vigário como companheira e amiga.

Neta de um duque e irmã de um visconde, Susan estava acostumada às formas da alta Sociedade e se negava a permitir que os rumores e preconceitos manchassem seu afeto. O escândalo acontecido na festa Maplethorpe poderia haver ocorrido a qualquer garota sem experiência, Susan assegurava, especialmente a uma garota sem uma mãe para aconselhá-la ou sem um guardião para protegê-la. Susan tinha ao seu irmão Wynn e estava segura que ninguém brincaria com seus afetos ou mancharia sua honra enquanto o formidável visconde Stanford estivesse perto.

Quando Rosellen esteve na casa de miss Merrihew por seis meses, Susan Alton já estava ali há dois anos. Ela estava esperando com ansiedade a chegada de sua estreia social. Rosellen não tinha nada que esperar com ansiedade, tinha pelo menos dois anos mais de trabalho pesado e desrespeito. Nessa academia ela envelheceria e seus dedos ficariam nodosos pela artrite por ter uma pluma na mão vinte e quatro horas por dia e perderia a voz por ter que repetir todo o tempo “Senhoritas, prestem atenção!!”

Mas Susan tinha uma ideia. Sua mãe era uma inválida, embora a Viscondessa de Stanford ainda fosse uma das estrelas da alta sociedade, não podia acompanhar a sua jovem filha a museus, bailes, bibliotecas, lojas, piqueniques ou passeios em carruagem. Susan ia necessitar de uma companheira e acompanhante, e quem melhor para esse posto que a estimada Senhorita Lockharte?

Rosellen estava em êxtase. Não só se livraria daquele mau trabalho como da mesquinha das outras professoras e teria esperança outra vez, esperança de uma vida para ela. Estaria em Londres, onde algo era possível. OH, é obvio que não sonhava que um cavalheiro rico desse um simples olhar em seus olhos turquesas e se apaixonasse instantaneamente.

Não, os cavalheiros da alta sociedade estavam muito acima de seu alcance e muito desprezados em sua estima depois do escândalo. Só lhe ocorria que poderia conhecer um empregado público, um secretário ou um professor, alguém que pudesse desejar uma boa administradora do lar, uma esposa leal, uma mãe carinhosa para seus filhos. Não era necessário que ele fosse rico ou que tivesse título de nobreza ou contatos com a alta sociedade. Os requisitos de Rosellen eram simples: um homem que tivesse um bom coração, uma mínima educação e que pudesse manter uma esposa. Estava exigindo muito?

Rosellen não acreditava, nem Susan, quem lhe havia dito que haviam muitos desse tipo de candidatos que visitavam assiduamente a Mansão Stanford, em Grosvenor Square. Seu irmão tinha boas conexões com o Ministério de Guerra, com banqueiros investidores e administradores de propriedades.

E se — Susan lhe tinha jurado — os homens de Londres fossem cegos, surdos ou estúpidos, Rosellen poderia ficar com ela como sua dama de companhia por um salário. Logo ela poderia ser a instrutora dos cinco filhos que Susan queria ter depois que miss Alton conhecesse seu Príncipe Azul. É óbvio, ele seria tudo o que o humilde homem ideal de Rosellen não era: de bom berço e com uma boa posição social. Rosellen não questionava a ênfase que sua amiga punha na aparência externa do Príncipe Azul, porque em realidade não lhe importava. Sempre que o Príncipe Azul pudesse lhe pagar um bom salário, um salário que lhe permitisse comprar uma casa no campo algum dia. Susan podia casar-se com um gnomo se esse fosse seu desejo. Mas um gnomo agradável, porque a doce Susan não merecia nada menos.

Rosellen era como alguém perdido no deserto e Susan era seu guia para o oásis. Exceto pelo feito que o atoleiro de água prometida parecia desaparecer quando Rosellen se aproximava dele. O afeto de Susan só era uma miragem? Rosellen não queria acreditar nisso. Era mais fácil aceitar que Susan Alton era uma boneca bonita com mais cabelo que cérebro. Susan nunca previa problemas nem dificuldades, mas — é certo — Susan não tinha um grama de cérebro.

Rosellen não se lembrou disso quando apresentou sua demissão à miss Merrihew e arrumou sua bagagem. E Susan não se lembrou que necessitava da aprovação de seu irmão antes de contratar uma dama de companhia.

O visconde tinha chegado à academia para buscar sua irmã com um grande revôo de carruagens e escoltas. Miss Merrihew fez-lhe uma reverência tão profunda que seu irmão teve que ajudá-la a erguer-se. Com um gesto de sua mão de unhas arrumadas,

o visconde ordenou que subissem a bagagem. Com outro gesto da mesma mão rechaçou tomar o chá que os irmãos Merrihew lhe ofereceram. E com um terceiro gesto ele não permitiu que a nova dama de companhia de sua irmã subisse à carruagem.

“*Absurdo*” foi tudo o que ele disse em um tom zombador antes de dar as costas à senhorita Lockharte e todas as suas esperanças. Ele não disse que ela era muito jovem ou muito inexperiente ou muito mundana. Ele não sabia que sua reputação tinha sido manchada. Não lhe importou nada disso. “*Absurdo*”. Ele destruiu sua vida com uma só palavra. Isso sim que era verdadeiramente um absurdo.

Susan tinha discutido com o arrogante aristocrata. “— *Mas Wynn, estarei sozinha em Londres, sem nenhuma amiga. A Senhorita Lockharte será uma companhia excelente.*

— *Não seja ridícula, pirralha. Temos amizade com metade da alta sociedade. Agora entra na carruagem. Tenho que me encontrar com uns amigos no Epsom*”.

Em estado de choque, Rosellen se perguntou se Lorde Stanford teria um encontro para apostar dinheiro suficiente para alimentar a diocese do pai para toda uma vida, incluindo as ovelhas. Ou possivelmente estava impaciente porque ia encontrar-se com sua amante para lhe dar de presente diamantes e rubis.

Susan só pôde agitar seu lenço branco pela janela da carruagem e jurar que lhe escreveria. Rosellen só pôde ficar olhando fixamente a carruagem que se retirava em meio aos seus sonhos destruídos e seus escassos pertences. Tudo o que ela possuía cabia em um bolso e a escrivadinha portátil de sua mãe, a qual ela agarrava firmemente como um talismã. Não tinha dinheiro, nem referências, nem um trabalho na Academia de Miss Merrihew.

Susan não tinha atuado com malícia, Rosellen sabia. Ela somente era débil e mulher.

Rosellen rapidamente exortou na carta à miss Alton a fortalecer sua vontade, a menos que desejasse que seu irmão a forçasse a um matrimônio não desejado. Aquele cretino arrogante tinha arruinado a vida de Rosellen e ela não queria vê-lo destruir a vida da Susan também.

Não, Susan Alton não havia intencionalmente sido cruel. Ela e seu irmão, o Visconde Stanford, eram completamente distintos.

Rosellen nunca perdoaria aquele visconde arrogante, nem que sua alma ardesse no inferno por toda a eternidade. Ela se encontraria com aquele cretino ali e lhe diria tudo o que pensava dele.

Mas por que esperar até o dia do Julgamento Final para dizer ao Visconde Stanford o que pensava?

Rosellen podia ter passado despercebida aquele dia no pátio, mas agora chamaria sua atenção com esta carta final. Sua pluma estava tão curta que ela mal podia sustentá-la em seus dedos intumescidos. Desentupiu a garrafa de tinta e umedeceu a pluma. Se atirasse um golpe final ao Visconde Stanford talvez ele se emendasse. E possivelmente Susan colheria benefícios dessa mudança.

A caligrafia não era a mais fina e elegante. O zombador Stanford teria que entrecerrar os olhos para ler essa carta, talvez desse modo ele entenderia quão baixo ela tinha tido que cair para recuperar seu trabalho na escola. Seus joelhos ainda tinham as cicatrizes. Embora ela não tivesse recuperado seu posto. Outra professora já tinha sido contratada, miss Merrihew lhe tinha comunicado com um sorriso afetado, e tinha dado a cama de Rosellen no quarto que compartilhava com a professora de francês. É óbvio que o cubículo do apartamento de cobertura estava vazio e miss Merrihew supôs que poderia necessitar de uma professora de caligrafia para as garotas menores. Com um salário menor, é óbvio.

Rosellen não tinha tido outra alternativa. Seu pai estava morto, outra família se mudou para a paróquia. Seu tio se recusava a ter uma mulher de má reputação sob seu teto e seus sonhos tinham desaparecido com aquela carruagem. Rosellen tinha levado seus pertences ao quarto do apartamento de cobertura amaldiçoando o visconde vaidoso com cada passo que dava.

Se não tivesse sido por ele — ela escreveu — Não teria dormido naquele quarto gélido onde tinha pego um resfriado que a tinha feito mais suscetível ao contágio da gripe que agora a levaria a tumba. Poderia ele perdoar-se por ter matado uma inocente na flor de sua idade? Rosellen não poderia. Tinha que deixar que a morte fosse uma carga para ele para sempre, um aviso de que o poder corrompe. A Nobreza merece condenação — ela escreveu deixando uma mancha pequena na página — viva a revolução.

A tinta acabou antes que a força de Rosellen, graças a Deus. Ela conseguiu empurrar a escrivaninha para fora de seu regaço e juntou as cartas em um pilha que deixou na mesa de luz antes de paralisar-se sobre os travesseiros. Tinha obtido algo. Agora tudo o que tinha que fazer era esperar até manhã, algo que não estava muito longe. Rosellen não acreditava que pudesse sobreviver até então. Seus olhos se fecharam.

Que triste, não ia poder ordenar que as cartas fossem enviadas, através de suas pálpebras fechadas vinha a luz que ela sempre teve conhecimento, uma luz tinha vindo para guiá-la para cima.

CAPÍTULO 5

— Vamos, senhorita, corri as cortinas para que veja que lindo dia temos. A luz do sol vai fazer sentir-se melhor.

Era estranho, Rosellen sempre tinha imaginado que ia morrer de noite ou em um dia chuvoso. Só pôde emitir um grunhido, o que pareceu suficiente a Fanny.

— Vim vê-la duas vezes durante a noite, mas você estava tão ocupada escrevendo que nem se deu conta. O doutor também andou por aqui, mas estava muito ocupado para perguntar se você já tinha tomado o láudano. Mas evidentemente não necessitava do remédio, isso posso haver.

— Ver — Rosellen a corrigiu, era uma professora de escola até o final. Descobriu que poderia falar mais facilmente, uma vez que tinha sorvido o chá temperado que a criada havia trazido. — Preciso te pedir um favor, Fanny.

— Oh, não sei, senhorita, ainda estamos muito ocupados depois da noite passada. A senhorita Merrihew vai dormir toda a manhã, graças a Deus, e não sei como faremos tudo antes que ela se levante e comece a dar ordens às pessoas. Não tenho tempo livre para lhe trazer água para um banho e nada pelo estilo.

Seria encantador poder saudar seus pais no céu com cabelo limpo e camisola limpa, Rosellen pensou, sua mente vagando.

— Não, isso não é o que quero. Somente desejaria que minhas cartas fossem despachadas.

Fanny enrugou a testa.

— Não poderia fazer isso, Senhorita Lockharte. Você sabe que a senhorita Merrihew tem que revisar todas as correspondências das senhoritas.

— Mas eu não sou uma senhorita, Fanny. Quer dizer, não sou uma das alunas. Além disso, a metade das cartas é para entregar aqui mesmo. Poderia pedir ao entregador de ovos que leve a carta para Lorde Vance.

— Por Deus, Vance o que mantém a escola da ama? Deus, o que você tem a ver com ele, Senhorita Lockharte?

— Nada que te interesse. Você só deve pedir a um dos meninos que faz entrega na região e levar as demais ao correio. A maioria são de direções de Londres, exceto a de Lady Comfrey. Lembra-se de Vivian Baldour, a aluna que casou-se com aquele homem velho? Acredito que ela está em Bath, onde seu marido toma banhos termais para curar-se da gota.

— Isso e algo mais.

Rosellen não estava interessada em intrigas.

— O que importa é que Vivian, meu tio Townsend e Lorde Stanford vão poder pagar os gastos do correio.

Fanny se arranhava a cabeça.

— Sinto muito, Senhorita Lockharte, mas isso pode custar meu trabalho, se a ama inteira-se disto.... Escrever a Lorde Stanford, por Deus Santo!

— Esse homem não tem nada de santo, Fanny.

— Deus, não sei. Só o vi sozinho uma ou duas vezes quando ele veio buscar a sua irmã. Mas lhe juro, seus olhos poderiam fazer com que uma garota se perdesse no caminho dos prazeres.

— Seus olhos eram duros e frios e não tenho tempo para este bate-papo.

— O que, vai a alguma parte? — Fanny riu daquela pergunta ridícula.

Rosellen não pensava que isso era engraçado.

— A carta do visconde é a mais importante. Não poderei estar em paz até que saiba que ele a receberá.

— Sabia que ia ter recaídas. Teve febre outra vez, não?

Rosellen não podia lhe dizer nem que sim nem que não e não lhe importava. O que tinha importância?

— Tomarei o láudano agora, Fanny, somente se ocupe que as cartas sejam enviadas. Tenho umas moedas para pagar ao menino e ao entregador de ovos. Se sobrar alguma pode ficar com ela. — Rosellen não necessitaria de suas economias no Céu.

— E recorda, te prometi minha capa vermelha. Toma-a agora antes que miss Merrihew desça para tomar o café da manhã, assim estará abrigada para ir ao correio. Miss Merrihew nunca se inteirará e eu dormirei tranquila.

A criada tinha planos de ir à igreja no domingo com aquela linda capa de lã. Sam, o menino do açougue, não poderia ignorá-la com aquela capa vermelha.

— Farei, senhorita, se você me assegurar que isso é o que quer.

— Nunca estive mais segura do que quero. Marcarei as cartas para que saiba para onde estão destinadas. Vê, estes dois têm um sinal a menos. São para miss Merrihew e seu irmão. A que tem endereço escrito a tinta é a de Lorde Vance. O resto vai ao escritório do correio.

— E você tomará o láudano?

— Sim, agora estou preparada. — E Rosellen o estava, esgotada por aquela pequena irritação e pelo esforço de ter que impelir as marés do destino. Tragou uma dose do remédio amargo e Fanny colocou as cartas no bolso de seu avental junto com o pequeno moedeiro de Rosellen.

Logo ela observou o sol subir no céu até que sua vista se nublou e seus olhos se fecharam. Agora as luzes dançavam atrás de suas pálpebras, dançavam a valsa que ela nunca tinha dançado.

Rosellen respirou profundamente. Essa não era uma má forma de morrer.

CAPÍTULO 6

Para Wynn Alton, Visconde Stanford, Casa Stanford, Grosvenor Square, Londres, ele leu.

Senhor, estou morrendo e nunca tive um cão.

“Que diabos é isto?”, Wynn pensou, seus olhos examinando rapidamente a seguinte frase, logo baixou ao final da página para ver a assinatura. Maldito inferno, o último que ele necessitava era de um melodrama delirante. Senhorita Loveharte? Lostheart? Não conseguia distinguir o sobrenome pelas manchas de tinta na página.

Senhorita Lone Heart¹, ele deduziu.

Uma moribunda tentando chamar sua atenção.

Por mil demônios, nem sequer conhecia aquela maldita mulher. Um bom intento para apanhar um dos solteiros mais cobiçados de Londres, Wynn teve que admitir, lançando a carta para uma pilha de lixo. Mas se havia algo que ele não precisava era de outra mulher histérica. Esta soava como a uma hipocondríaca que não tinha nada mais o que fazer senão queixar-se de sua saúde e tentar responsabilizá-lo por cada calo e dor de cabeça. Ele já suportava suficientes históricas para ter que suportar uma desconhecida.

Algumas vezes Wynn se sentia como Atlas, com o peso do mundo sobre seus ombros. Poderia suportar esse peso, ele pensou, se não estivesse parado em areias movediças. Penteou para trás seu cabelo escuro em um gesto que era mais hábito que necessidade.

Estava até o pescoço de problemas e ainda não era nem a hora do almoço.

O primeiro problema tinha sido Maude, sua amante. Exceto que ele já não queria tê-la como uma amante. Quer dizer, sua mãe lhe tinha exposto que o fato de que ele tivesse uma amante era uma má influência para sua irmã. Ele era muito discreto, então como sua mãe tinha se informado da existência de Maude era um mistério. Além disso, Wynn não poderia entender como as ações de um cavalheiro solteiro e adulto podia afetar o comportamento de uma juvenzinha que fazia sua estreia social, mas não tinha discutido com sua mãe. Lady Stanford sofria de paroxismos. Depois de trinta anos, Wynn ainda não sabia o que era exatamente um clímax, mas sabia que seu pai tinha vivido temendo-os.

Além disso, sua mãe lhe tinha informado que ela nunca fechava os olhos até que ele estivesse na casa de noite, então suas aventuras noturnas iam matá-la de desgosto.

¹ Confunde “Lockharte” com “Lone Heart” que significa Coração Solitário.

Sem importar o fato que seus aposentos estavam no extremo oposto da casa e que ela usualmente estava em Bath ou na casa de campo em Bedford, sua mãe jurava que sabia quando seu amado primogênito não estava abrigado e seguro em sua própria cama. Wynn não se deixava enganar nem por um segundo, sabia que sua mãe não perdia nem um minuto de sono porque não conhecia seu paradeiro. O que ela queria era vê-lo casado e faria algo para obtê-lo, começando por ter um de seus ataques ou paroxismos.

Lady Stanford estava confinada a uma cadeira de rodas, então, como um filho poderia atrever-se a lhe causar mais agonia?

Maude realmente não tinha entendido. Ou não tinha entendido a situação ou em realidade ela preferia os rubis aos diamantes que lhe tinha dado como presente de despedida. Talvez devesse ter feito o anúncio antes de desfrutar de seus favores sexuais, Wynn compreendia agora. Evidentemente diamantes e lençóis úmidos de sexo não encaixavam. Maude tinha armado um escândalo quando lhe tinha anunciado que não retornaria à casinha em Kensington. Logo lhe tinha atirado um vaso, um vidro de perfume e uma cadeira. Quando chegou à Mansão Stanford, ele cheirava como um bordel e tinha a aparência de um boxeador que tinha perdido a briga.

E ali estava sua mãe, sentada em sua cadeira com seu bordado eterno, esperando-o acordada. Como a prima Lenore, o mordomo, dois lacaios e a donzela pessoal tinham tido que atender à viúva, Wynn tinha recebido infinitos olhares de recriminação. Como ele pagava seus salários, Wynn acreditava que merecia um pouco de simpatia. Ou ao menos um pouco de compreensão.

A vida sem dúvida era muito mais fácil antes que sua mãe chegasse à cidade. O visconde tinha liberdade de ação e ia e vinha ao seu desejo sem ter que encontrar-se com matronas escoltando suas filhas debutantes. E esse era o problema. Sua mãe estava na cidade pela estreia social de sua irmã. Por que a merda desse processo ridículo de apresentação social devia levar dois malditos anos? Sua mãe o acossava continuamente com seu desejo de ser avó, insinuando que o dormitório de crianças da mansão já deveria estar ocupado.

Deus, Susan tinha sido uma bela menina, toda rosada e branca com cachos dourados, Wynn pensou carinhosamente. Ela ainda era diabolicamente bela, ele admitiu, apenas agora ela não se conformava com uma boneca ou um passeio em seu pônei. Não, agora ela queria assistir aos bailes de máscara no Vauxhall Gardens na companhia de um dos piores sátiros de Londres. Pelo amor de Deus, Tully Hadfield era um dos companheiros de farras de Wynn. Aquele sátiro não era adequado nem para tocar a

bainha da saia de Susan. De fato, se aquele degenerado se atrevesse a tocar qualquer parte de sua irmã, Wynn o desafiaria a um duelo.

Isso lhe havia dito na noite anterior quando os rumores asseguravam que o canalha planejava pedir a mão da Susan e o mesmo havia dito à sua irmã essa manhã durante o café da manhã.

Deveria ter usado o colete de cor borgonha. Combinaria com a geleia de framboesa que ela lhe tinha jogado. Depois de romper pratos e taças vieram as lágrimas, o que foi pior. Por mil demônios, por que a pirralha não poderia apaixonar-se pelos amigos que ele queria que ela gostasse? Não havia arrastado ao Jack De Forrest e ao Tripp Hayes à Mansão Stanford em milhares de ocasiões? Esses homens eram estáveis e confiáveis, não bebiam nem apostavam em excesso. Qualquer um deles seria um bom marido para Susan, mas ela não fazia o menor esforço por atrair seu interesse. Não, ela deixava que a prima Lenore os recebesse educadamente.

Que diabos estava procurando Susan? Ela poderia pôr de joelhos a qualquer um dos dois com uma simples revoadada de pestanas. Logo se casaria e começaria seu próprio lar. Sua mãe retornaria à Bath com Lenore, com seu bordado e com sua maldita insônia e Wynn poderia recuperar uma vida em paz.

As mulheres eram representantes do diabo, Wynn pensou e não pela primeira vez, arranhando a mandíbula machucada. Eram boas só para uma coisa e isso em pequenas doses, assim não se acreditavam como as proprietárias de um homem. Não, teve que admitir, as mulheres tinham outro uso importante. Sua mãe tinha razão, necessitava de um herdeiro. Das duas uma: as areias movediças estavam se elevando ou ele estava se afundando.

E tudo o que Wynn queria fazer era brincar com seus soldadinhos de chumbo.

Bom, não eram brinquedos e Wynn tampouco brincava com eles. Eram réplicas artísticas feitas à mão que formavam uma valiosa coleção. Guiando-se por desenhos usados no Ministério da Guerra, Wynn copiava os uniformes o mais exatamente possível em preciosas miniaturas. Embora pintar soldadinhos de chumbo não fosse o típico passatempo de um cavalheiro de sua época nem de sua classe.

Wynn tinha estado pintando essas figuras em miniatura desde que era menino e tinha passado um comprido tempo na cama com uma perna quebrada.

Anos mais tarde, quando ao herdeiro da sucessão Stanford negou-se a permissão de unir-se ao exército para brigar por seu país, Wynn tinha encontrado outra forma de ser útil. Seus soldados em miniatura tinham sido enviados a distintos generais e eram usados para armar estratégias para batalhas reais. E mais adiante os inocentes soldadinhos tinham sido usados para enviar mensagens que nunca foram interceptadas pelo inimigo.

Sua mãe tinha entrado com sua cadeira de rodas em seu escritório tão logo ele tinha retornado do Ministério da Guerra e lhe tinha dado um sermão sobre vida noturna, cabeças-de-vento e mulheres que seriam boas esposas e que lhe dariam netos. Logo começou a lhe contar que o chapéu de um dos convidados à casa tinha desaparecido na noite anterior. A cartola favorita de Theodore, lorde Hume, não tinha podido ser encontrada quando ele havia decidido deixar a festa depois que outros convidados já haviam partido. Wynn não perguntou que demônios fazia lorde Hume na Mansão Stanford tão tarde da noite porque não queria saber. Então perguntou:

— Qual é a grande catástrofe, mãe? É muito provável que algum outro cavalheiro tenha ido da casa levando a cartola de lorde Hume.

— Pois não é assim, porque não ficou nenhum outro chapéu, o que teria acontecido se tivesse sido uma simples confusão.

— Então alguém se esqueceu que veio sem um chapéu. Não é um grande mistério, mãe. O tipo se dará conta de seu engano esta manhã. — Ele soltou a fumaça do charuto. — E retornará com o chapéu. Confio que as iniciais de lorde Hume estejam dentro do chapéu.

Lady Stanford brincou com o lenço em sua mão.

— Sim, mas isso não é tudo.

Wynn podia ter jurado que as bochechas de sua mãe estavam ruborizadas.

— Não? — Ele perguntou reticentemente, desejando estar em sua oficina, afastado dos problemas provocados pelas mulheres.

Lady Stanford observou o lenço em suas mãos, evitando o escrutínio de seu filho.

— Theo tinha algo muito valioso para ele no forro do chapéu.

— Que classe de idiota guarda um tesouro no forro de seu chapéu? — Wynn perguntou impacientemente, com um olho na porta de sua oficina.

Sua mãe se recuperou rapidamente.

— A mesma classe de idiota que brinca com soldadinhos de chumbo.

Lady Stanford deveria ter trabalhado no Ministério da Guerra.

— Sim, bem, averiguarei o que aconteceu, mãe, e direi ao Wilkins que revise toda a casa. Agora, na verdade, estou muito ocupado.

Wynn tinha deixado passar o comentário provocador de sua mãe, peculiar embora não incomum, porque ele tinha notado a falta de uns soldados os quais Hume poderia ter escondido discretamente em seu chapéu em forma de cogumelo.

Mas Wilkins não tinha dado o chapéu de lorde Hume a ninguém. Ao ser interrogado, o mordomo não recordava nenhum pedido estranho de um convidado ao roupeiro. E Wilkins tinha declarado firmemente que revisava as iniciais de cada chapéu que entregava.

Logo que Stubbing completasse a confecção da lista de convidados, Wynn ia revisá-la prestando atenção às iniciais. Logo faria uma visita para assegurar-se que Tripp Hayes ou Townsend Haverhill não levaram o chapéu de Theo Hume por engano.

Haverhill tinha assistido à festa de Susan com a esperança de seduzir a pequena.

Quanto ao Hadfield, tinha estado na Mansão Stanford na última noite também e os bolsos de Tully estavam perpetuamente vazios, mas a insolvência não convertia automaticamente o homem em um ladrão ou um traidor. Poderiam haver outros homens com essas iniciais, teria que investigar. Quem demônios pôde haver levado o chapéu de Theo Hume e por que isso tinha deixado sua mãe tão nervosa?

Maldição, quando ia ter tempo para dedicar-se a pintar?

Muito em breve a irmã do visconde apareceria em seu escritório privado. Um olhar a ela e o coração de Wynn se afundou. A cara de Susan estava vermelha, seus olhos estavam inchados e ela agarrava firmemente um lenço empapado na mão e uma folha de papel enrugada na outra. Uma atriz interpretando um melodrama. Quão único faltava.

— Não.

Susan se deteve repentinamente na metade de um soluço.

— Não? Mas não disse nada ainda.

— De qualquer maneira a resposta é não. Não a tudo. Não tente me enganar com seu histrionismo. A resposta é “NÃO”. E se você vier me pedir alguma outra coisa, Susie, juro que te casarei com o primeiro homem que aparecer.

Stubbing tossiu e retrocedeu pela porta aberta, vermelho de vergonha.

O olhar de Susan observou as costas eretas do oficial.

— Quem era esse, Wynn?

Ele gemeu ante a nota de interesse repentino em sua voz.

— Meu novo secretário. Ninguém a quem deve te interessar. Agora, por favor, Susan, estou muito ocupado....

— Mas, Wynn, temos que fazer algo. — Ela agitou a mão com o papel diante de sua cara. — A Senhorita Lockharte está morrendo! Ela inclusive pode estar morta a esta altura.

— Lockharte? — Disse. — Eu também recebi uma de suas cartas. Alto melodrama para chamar a atenção, nada que deva te deixar tão nervosa.

— Oh, não, Wynn. Realmente há uma epidemia na Academia de Miss Merrihew. A maior parte das garotas foram enviadas às suas casas. E lady Mary morreu. Estava no periódico esta manhã. Tem que ir a Brighton.

— Tenho o que? Ela é sua amiga, Susan. Por que não vai você?

— A festa no Farragut é esta noite e o baile do Almack é amanhã, e tenho que ir ao teatro na quinta-feira. Além disso, você nunca me deixou ir sozinha a Brighton.

— É verdade, mas por que diabos deveria algum de nós ir a Brighton?

— Para ajudar a senhorita Lockharte, irmãozinho. Já lhe disse isso.

— Aprecio sua confiança, docinho, mas se sua amiga já está morta temo que isso está além das minhas possibilidades. Só sou um visconde, não Deus.

— Sei que está sendo obtuso de propósito. Tem que ir à Academia de Miss Merrihew ou à sua casa em Worthing, nos subúrbios de Brighton, para oferecer sua ajuda se for necessário e para por flores na tumba da senhorita Lockharte.

— Meu Deus, por que eu deveria fazer isso? Nunca conheci essa mulher.

— Sim, o fez. E lhe fez UM GRANDE DANO.

Wynn poderia ouvir as letras em maiúsculas. Suspirou por aquela manhã perdida. Susan secou seus olhos com o lenço.

— Eu a queria como minha dama de companhia quando deixei a escola de miss Merrihew, mas você não o permitiu.

Wynn vagamente recordava um pouco do acontecido mas tinha o episódio muito claro.

— Você sabia que a prima Lenore viria. Ela é a dama de companhia perfeita, viúva e respeitável. E ela necessitava do trabalho.

— Mas Lenore é velha e Rosellen era minha amiga.

Lenore tinha a mesma idade de Wynn. Ele se encolheu de ombros.

— Estou seguro que sua amiga encontrará outro trabalho.

— Esse é o problema. Ela nunca o fez. Miss Merrihew nunca lhe daria uma referência porque ela renunciou à academia. Aquela velha bruxa se comportou horivelmente com ela, e agora ela está morta e é sua culpa. O mínimo que pode fazer é levar flores ao seu lugar de descanso eterno. Essa foi sua última petição.

Wynn pareceu lembrar-se que a última petição da hipocondríaca era ter sua cabeça servida em uma bandeja. Revisou a pilha de lixo até encontrar a carta. Voltou a ler o texto manchado e enrugado.

— Não é uma surpresa que ela não tenha podido encontrar outro posto como professora de caligrafia. — Ele murmurou.

Susan não esperou que ele terminasse de ler.

— E ela me disse que eu devia ser firme em minhas ideias e que devia sair em defesa dos meus próprios interesses e não permitir que ninguém controlasse minha vida com atitudes arrogantes.

— E crê que eu deveria ter contratado a essa... Essa... Guerrilheira rebelde para te incentivar e te fazer pensar que sabe mais que os mais velhos?

— Não é uma questão de me incentivar, trata-se do meu futuro. E não me casarei com seu amigo, não importa quantas vezes o convide para jantar. Os ratos comeram a língua desse homem? Ou não tem nenhum tema de conversação?

— Lenore não tem problema em falar com o Tripp Hayes.

— Então deixe que a prima Lenore se case com ele. Eu não o farei. — Ela disse plantando o pé no piso para dar ênfase. — Mas essa não é a questão agora. A senhorita Lockharte me incentivou a aprender a ser determinada, a manter firmemente aquilo que acredito. Acredito que devemos a ela um enterro decente, o que mais eu poderia fazer pela senhorita Lockharte?

— Se ela estiver morta, querida, não há nada a fazer. E se estiver viva, não há necessidade de fazer nada.

— Mas miss Merrihew é uma mulher cruel.

— E nenhuma outra escola teria um posto para uma bruxa histérica, rebelde e com caligrafia horrenda e uma língua de víbora. A vida pode ser muito cruel, pequena.

Imediatamente Susan estava em seus braços, chorando.

— Mas ela era minha amiga, Wynn. Ela se preocupou comigo e por minha felicidade, não estava interessada em meu dinheiro ou em meus títulos.

Wynn deu batidinhas em seu ombro torpemente.

— Estou muito ocupado, querida, mas pensarei a respeito do que podemos fazer.

Ela ofegou. Logo ofegou outra vez e deu um passo para traz.

— Quer dizer que está muito ocupado com suas amantes para ajudar a uma mulher honesta?

— Demônios! O que sabe de amantes, querida?

— Sei o que mamãe me contou, ela me disse que cheirava a perfume barato e ela tinha razão.

— Ela está equivocada, meu amor. Esse perfume me custou muito dinheiro.

CAPÍTULO 7

Algumas vezes o correio trazia boas notícias à Seleta Academia para Jovens Distintas de Miss Merrihew: cartas inquirindo para inscrições de novas alunas, cheques com o pagamento das tarifas das alunas atuais. Mas essa não era uma dessas vezes.

— O que vamos fazer, Mirabel? A cadela parece saber tudo. Temos que nos desfazer dela.

A senhorita Merrihew rasgou a carta que tinha recebido pela metade e logo a rasgou uma e outra vez até que os pedaços de sua carta fossem menores que seus olhos estreitos. A carta tinha sido escrita em um papel caro, mas nem de perto tão caro como seria se as palavras da pirralha se fizessem públicas. Se a santarrona contasse tudo sobre a comida em mal estado, as professoras incompetentes, o dinheiro que não era investido em melhoras para a escola, sem mencionar as atividades noturnas do reverendo, Mirabel Merrihew teria que mudar-se à Antártida.

Ela lançou os pedacinhos de papel ao fogo que ardia na chaminé de seu quarto, o único fogo que se mantinha constantemente aceso na escola. Logo estendeu seus dedos ossudos à carta de seu companheiro.

— Nos desfaremos dela de uma forma ou de outra.

* * *

Algumas vezes o correio chegava antecipado, algumas vezes o correio chegava atrasado. E algumas vezes o Correio do Reino era excessivamente diligente.

— Vivian, minha querida, isto é o que podemos chamar de uma carta viajada, veio atrás de nós desde Bath até Bristol e de volta outra vez. Está dirigida a você, minha querida.

Lady Comfrey, Vivian Baldour de solteira, tomou a carta da mão do marido lhe entregando seu filho que chiava pela carta. O conde acomodou a criança em seus braços e a ninou enquanto sua esposa lia. O bebê parou de gritar.

— Comfrey, querido! — Vivian disse levantando a vista. — Acredito que estamos sendo chantageados.

Lorde Comfrey segurava seu filho, o menino sem dúvida era a mais robusta e inteligente criança de toda a Inglaterra. Se o menino não fosse o mais lindo, logo o seria, pois se parecia com sua bela mãe. Nada poderia danificar o prazer do conde neste momento.

— Ignora-o, meu amor. Essa é a melhor forma de lutar com tais moléstias.

— Mas é uma carta da minha velha escola, Comfrey.

— Digo-lhe isso: ignore-a, amor. Esse sócio da Merrihew não vai abrir sua boca se ele souber o que lhe convém e a cadela da sua irmã certamente não pode te extorquir. A imagem de sua escola sofreria com sua exposição. Ainda mais porque agora você é uma condessa e ela é uma simples plebeia que se dá ares.

— Não, a carta é de uma das professoras da escola, miss Lockharte. Lembro-me que ela era muito agradável, embora um pouco rígida e santarrona.

— E o que diz ela?

— Que está morrendo sem nunca ter tido um filho.

— Pois bem, não posso ver como isso pode ser inquietante, meu amor, não penso que a professora pretendesse te ameaçar.

— Não pensa que ela está dando um indício que sabe algo sobre Algernon e que está disposta a contar a todo mundo? Não quero que haja falatórios, Comfrey. — Os fofoqueiros tinham trabalhado tempo extra quando Vivian se casara com o velho conde com uma licença de casamento especial e ela não queria ser tema de outro escândalo. Gostava de sua posição respeitável de dama da sociedade de Bath. O cretino do Reverendo Merrihew, de fato, tinha feito o maior favor de sua vida.

O conde entregou seu filho a ama de leite e logo se pôs atrás do ombro de sua esposa. Colocou os óculos para ler.

— Vê, ela te deseja felicidade em seu matrimônio, meu amor. Eu não me preocuparia. Envie cinquenta libras à mulher e acabe com isto.

— E o que ocorrerá se ela realmente estiver morta?

— Então não poderá contar a ninguém sobre o Algernon, não?

* * *

As cartas? Lixo, seria mais apropriado as chamar. Convites a lugares que ele não queira ir, contas de compras que ele não tinha querido fazer, isso era tudo o que o correio trazia para lorde Haverhill. Agora isto.

— Droga, droga e mais droga. — Ele protestou entredentes enquanto bebia a cerveja da manhã. Inclusive sua amante lhe dava dores de cabeça.

— Jamison! — O barão gritou ao seu mordomo. — Traga a minha esposa e a minha filha aqui embaixo neste instante.

— Mas, sua Senhoria, ainda não é meio-dia.

— E a metade da Inglaterra já cumpriu meia jornada de trabalho honesto.

Lady Haverhill apareceu na sala do café da manhã, deu um olhar à mandíbula tensa de seu marido e ao grande copo vazio de cerveja e retrocedeu para fora da sala do café da manhã arrastando seus cachecóis e xales.

— Minha lady, faria a cortesia de me acompanhar esta manhã?

A baronesa inclinou a cabeça e se encolheu em seu assento no extremo oposto da mesa, estendendo a mão para pegar os sais aromáticos.

— Por Deus, mulher, não vou matar-te, só vamos tomar o café da manhã! — Ele gritou fazendo com que a baronesa se encolhesse de medo em sua cadeira.

Maldição, lorde Haverhill pensou, sua esposa era temerosa como um coelho e sua filha era uma cadela que convertia a ele em um asno.

Clarice não estava muito contente por ser tirada de seu quarto antes que pudesse terminar de colocar o conjunto de roupa para esse dia.

— Qual é o problema, papai? Sabe que eu não gosto de ser perturbada, especialmente quando não estou pronta para visitas matutinas.

— As visitas matutinas serão enforcadas. Isto... — Ele agitou a carta em uma mão e estendendo seu copo vazio para ser enchido na outra. — Isto é o problema. Esta manhã recebi uma mensagem de despedida da minha sobrinha que trabalha na escola, dizendo que está doente e que é muito provável que morra.

Lady Haverhill ofegou e agarrou firmemente sua xícara enquanto Jamison terminava de servir e logo se retirava rapidamente fechando a porta detrás dele, mas Clarice simplesmente tentou pegar uma fatia de pão.

— Rosellen sempre foi muito séria e extremista, papai. Eu também recebi uma nota dela e te asseguro não terá que lhe dar atenção.

— Devo ficar tranquilo porque você não se importa se sua única prima está com o pé na tumba?

Clarice fez uma pausa lubrificando com manteiga o pão para então olhar ao seu pai com seus olhos azuis.

— Por que eu deveria me preocupar? Acredito que tenho roupa negra para ir ao enterro.

— Por Deus, essa juvenzinha é sua parente.

— Mas não éramos muito próximas. Nunca a tinha visto em toda minha vida até essa temporada em que ela nos fez passar uma grande vergonha com suas maneiras provincianas. Não foi você quem declarou que os Lockhartes estavam muito abaixo de nós todos esses anos? Então não pode jogar-me a culpa agora. Não recordo escutar de você nenhum remorso quando a mãe de Rosellen morreu.

O barão apertou os dentes. A juvenzinha tinha razão, não se sentia orgulhoso disso, mas tinha razão.

— Minha irmã estava casada. A paróquia se fez responsável por seu enterro. Rosellen é minha responsabilidade. Ela pode estar morrendo e podemos ser responsáveis por sua morte.

Clarice riu, era uma risada muito estudada e ensaiada. Agora que já não era uma debutante, as risadinhas dissimuladas não funcionavam, ela precisava rir afetadamente.

— Oh, pai, como podemos ser responsáveis? Não vimos o cabelo de Rosellen em dois anos. Estou segura que não se pode esperar que as famílias nobres tenham responsabilidade por todas e cada uma das gentinhas que formam parte de sua árvore genealógica.

— Enviei a única filha da minha irmã à escola que você estudou porque você disse que a reputação dela estava arruinada.

Sua esposa falou mais alto agora.

— Ela estava no terraço com aquele Dawe. Todos a viram, Townsend. Nós não poderíamos ter mantido semelhante cabeça-de-vento sob nosso teto. Teria sido um escândalo.

— Houve um escândalo, minha lady, do qual culpei Rosellen. Mas agora não estou tão seguro. Sempre pensei que nessa noite tinha acontecido algo muito estranho, a filha de um vigário com um conhecido canalha...

— Eu a vi, pai, em seus braços.

O barão dobrou a carta.

— As aparências podem ser enganosas, como bem sei ao meu pesar. — Olhou fixamente sua bela filha.

— Não sei o que quer dizer, pai.

Possivelmente sua filha não sabia.

— Rosellen me disse que não devia julgar precipitadamente as pessoas, Clarice, então discutiremos isso depois que a tenhamos visto. Se não for muito tarde.

— Como depois que a vermos? Sem dúvida não estará planejando trazer de volta essa mulher insuportável? Uma professora de escola, pai? O que vai fazer depois, ingressar o valete ao exclusivo clube White's? — Clarice ensaiou sua risada afetada outra vez.

— Minha sobrinha é uma professora de escola porque eu a condenei sem escutá-la, senhorita, me apoiando em suas afirmações. Enviei-a à escola de miss Merrihew também por sua recomendação e nesse lugar ela foi extorquida, maltratada e possivelmente mortalmente afetada. Se nada mais, lhe devemos um enterro decente. Ela quer ser enterrada com seus pais na diocese de St. Jerome.

Clarice ficou de pé derrubando sua cadeira e o bule com o cotovelo. Seus olhos azuis eram meras fendas e suas bochechas se ruborizaram com vermelho de irritação. Se algum de seus pretendentes pudesse vê-la nesse momento, seu pai pensou, escaparia mais rápido que as perdizes. Um olhar à cara furiosa de sua filha e Lady Haverhill se meteu debaixo da mesa fingindo limpar o piso com seu fino lenço de renda.

Clarice chutou o piso.

— Não vou levar luto por um dom ninguém somente porque você tem um ataque de consciência. Poderia ter forçado Rolly Dawe a casar-se com ela antes que ele voltasse a unir-se ao seu regimento ou poderia ter dado um dote para convertê-la em uma dama mais elegível. Mas tudo o que fez foi impingir-me aquela pirralha. Tive que lhe dar minhas roupas, meus amigos, minhas conexões sociais. Ela foi minha via crucis. Tirei-me isso de cima e não vou aceita-la de volta para que me arruíne outra temporada social, morta ou viva.

— Clarice... — Sua mãe respirou com dificuldade debaixo da mesa enquanto o barão Haverhill procurava a jarra de brandy no aparador.

Clarice não tinha terminado.

— Além disso, me recuso a usar meio luto por sua sobrinha a quem repentinamente parece amar, porque a cor lavanda fica muito bem em mim e desde já te aviso que não vou retirar-me ao campo no pico da temporada, especialmente quando estou pescando Stanford.

Lorde Haverhill se engasgou com a bebida e não só porque era muito cedo para essa bebida, mas sim pelas palavras de sua filha.

— Stanford? Esteve perseguindo esse pobre diabo por dois anos e não conseguiu se aproximar um metro dele. O homem nem sequer dançou com você na festa de sua irmã ontem à noite.

Clarice levantou seu queixo.

— Ele me disse que eu estava muito bonita.

— Você sempre está bonita, filha, quando está em público. E também o é sua querida, ele não vai casar-se com Maude Jenkins?

Lady Stanford jazia sobre o tapete agora, escutando boquiaberta. Seu marido e sua filha se olharam furiosamente, ignorando-a.

— Tem que saber que o Visconde Stanford me deu especial atenção ontem à noite antes de partir. Ele comentou que lamentava não poder ficar no baile porque tinha outro compromisso. Espero que ele faça uma visita qualquer dia destes.

— E eu espero que o rei da Inglaterra venha me visitar. Stanford tem boas maneiras, isso é tudo, não te faça ilusões, juvenzinha. Simplesmente porque um homem é educado não significa que esteja preparado para casar-se. Stanford é muito ardiloso para deixar-se enganar por uma cara bonita e quanto mais cedo compreender isso, mais cedo começará a procurar outro candidato e mais cedo aprenderá a não confiar somente em sua beleza.

— Agora soa tão santarrão quanto Rosellen, dizendo que devo melhorar meu intelecto. Ha! Meu intelecto não vai conseguir-me um marido.

— Eu gostaria que passasse a metade do tempo que passa melhorando seu guarda-roupa, melhorando seu caráter, desse modo finalmente poderia me liberar de você.

Agora Clarice ofegou. Seu pai nunca lhe tinha falado desse modo.

— Pai!

— Falo sério. Um homem não quer uma mulher lhe rompendo a.... A paz todo o tempo. — Ele olhou por cima da borda da mesa à sua esposa prostrada. — E a pura verdade é que é egoísta e muito mimada, senhorita. Sei que é muito tarde para travar as portas do celeiro depois que a égua escapou. E eu permiti que arruinasse a vida de uma juvenzinha.

— Rosellen Lockharte nasceu para ser uma professora de escola. Ela foi criada como uma sabichona em um lugar afastado do mundo. Se ela morrer da forma em que viveu, não é minha culpa. Agora te peço que me dê permissão. Tenho que me preparar para as visitas desta manhã.

— E eu tenho que ir enterrar a minha sobrinha.

CAPÍTULO 8

Ninguém nunca tinha escrito aos gêmeos Heatherstone. Por que incomodar-se em fazê-lo?

Nunca pagavam as contas, os convites nunca eram respondidos e a correspondência nunca podia ser encontrada no ninho de ratos que os dois irmãos compartilhavam em Albany. Ninguém sabia se aquelas duas cabeças idiotas podiam ler e escrever. Os comerciantes enviavam as contas a Sir Harry, seu muito sofrido pai que se mantinha a grande distância desse duo diabólico.

Chase colocou uma carta em cada uma das mãos dos irmãos, Chase era o nome do porteiro que estava ordenando a correspondência essa manhã no exato momento em que os gêmeos retornavam ao seu apartamento depois de uma noite de farra.

Timothy e Thomas subiram hesitantemente as escadas e logo lançaram suas gravatas e seus casacos na montanha de roupa que se acumulava sobre as mesas e cadeiras de seu apartamento. Logo se ajudaram a tirar botas, logo Tim encontrou dois copos limpos enquanto Tom procurava a pederneira para acender o fogo. Finalmente, com os copos de brandy em suas mãos e as cartas nas outras, os irmãos tiraram o lixo que cobria as poltronas de couro.

Tim elevou sua carta ao nariz e a cheirou.

— Não é de uma amante.

Tom estudou o selo de cera.

— Não é de uma dama.

A crença popular sustenta que os gêmeos poderiam ler-se os pensamentos. Felizmente os Heatherstones tinham poucas coisas que poderíamos chamar pensamentos e liam suas mentes tão facilmente como liam as cartas. Entretanto, conseguiam comunicar-se tão bem como se comunicariam duas abóboras. Os gêmeos abriram as cartas. O fogo ardia, os lábios murmuraram as palavras escritas. Logo, silenciosamente, intercambiaram as cartas. O fogo ardia, os lábios murmuraram as palavras escritas outra vez.

Levantaram a vista ao mesmo tempo, bastante mais pálidos. Tim foi o primeiro em falar.

— O que pensa?

— Não sabia que as mulheres gostavam dos cães.

— Não essa parte. Pensa que o fizemos?

— Nunca lhe dissemos que não poderia ter um cão próprio.

— Te esqueça do cão. Arruinamos a reputação de uma dama?

Um minuto passou enquanto Tom deliberava.

— Só fizemos o que Clarice Haverhill nos pediu que fizéssemos e tentamos ajudá-la a ganhar a aposta com o Tully.

— Bela moça. De primeira classe.

Não se necessitavam poderes sobrenaturais de comunicação para que Tom entendesse que seu irmão não se referia à parente pobre e provinciana de Haverhill.

— Rica, também.

— Pensei que ela aceitaria a um de nós se a ajudássemos a ganhar a aposta.

— Uma sorte que não ganhou.

— Cadela.

— De primeira classe.

Juntos olharam distraidamente o fogo, sorvendo suas bebidas.

— Foi Rolly Dawe quem a beijou — Tom disse depois de um momento.

Tim assentiu com a cabeça.

— E agora ele está morto. Pensa que ela o fez?

— Foi uma bala francesa. Isso foi o que comentavam em “A árvore de Cacau”.

— Mas ela disse que se vingaria. E perdi muito dinheiro esta noite.

— E eu tive um pesadelo ontem. Sonhei que me casava com Mrs. Fitzherbert.

Ambos se estremeceram e beberam suas bebidas.

— Deus, talvez o fantasma dessa mulher esteja nos espreitando. Ela diz que não descansará em paz.

— Talvez ela não esteja morta. — Tim sugeriu esperançosamente.

Seu irmão estava desejoso de concordar com isso.

— Os fantasmas não podem vingar-se se não estiverem mortos, não?

Tim sabiamente declarou.

— Se não estão mortos, não são fantasmas.

— Bem pensado, irmão. Então o que devemos fazer?

— Melhor que averiguemos o que aconteceu com ela.

Tom estava ainda torturado por ter visto o fantasma da velha amante de Prinny.

— Se ela não estiver morta, o que deveríamos fazer? Devemos ter um plano.

— Ir, talvez.

— Os espíritos não viajam? Nunca soube isso. Crê que os fantasmas podem viajar?

— Não, refiro-me a que poderíamos nos incorporar ao exército. A mulher diz que é melhor que não desonremos outra dama. Não há damas na Espanha.

— Não? E como se arrumam os cavalheiros espanhóis?

Tim olhou severamente ao seu irmão.

— Escuta, se nós manchamos sua honra, talvez pudéssemos reparar esse engano no exército. Por Deus, pelo rei e pela pátria, entende?

— Eu sempre gostei dos uniformes. Mas papai não vai gostar da ideia.

— Mas tampouco gosta dos problemas que lhe causamos. O Barão ficará muito contente de livrar-se de nós. Ele sempre diz que somos inúteis e superficiais, não? Ele assegura que nunca chegaremos a ser nada, não?

— Poderíamos chegar a ser atiradores. Não temos que morrer por disparar um canhão e o espírito da senhorita Lockharte não nos perseguiria, não é?

— A guerra quase está por terminar. Não correríamos muitos riscos.

— De acordo, então. — Tom disse.

— Faremos isso. — Tim disse — A menos que essa mulher não esteja morta. Se ela estiver viva, o que fazemos?

— Lhe compramos um cão?

— Isso não vai devolver a honra que lhe manchamos.

— Ela não nos deu aquele beijo, o deu ao velho Rolly, por Deus. Pensei que estávamos de acordo nisso.

— Basta, Tom, roubamos sua reputação, ela diz isso na carta. Os cavalheiros não devem arruinar a reputação de uma dama. — Ele declarou, sustentando uma maturidade recém-adquirida. — Devemos fazer algo pela reputação dela. Você casará com ela.

Tom quase caiu da poltrona.

— Eu? Por que não você? Você é o mais velho. O que vai herdar a baronia algum dia. Há mais honra em casar-se com um herdeiro que com um homem simples. As damas gostam dos títulos de nobreza.

— Mas as damas não gostam de ir viver em uma casa no campo, que é quão único nós poderíamos pagar. Sabe que o Barão disse que nós dois somos muito caros para uma mulher pobre e que um de nós tem que casar-se com uma dama de dinheiro.

Tom afastou uma luva solta, um pedaço de pão meio comido e uma pilha de roupa interior usada a um lado de sua poltrona. Debaixo do almofadão encontrou um maço de cartas incompleto.

— Sortearemos isso.

Tim não estava seguro.

— O ganhador fica com a garota?

— Droga, não. O ganhador se incorpora ao exército e vai à guerra. O perdedor se casa com a garota.

— Uh, talvez deveríamos deixar a eleição à mulher... Se ela não estiver morta. É melhor, vamos procura-la e salvá-la, se for possível.

— Heróis, isso é o que somos. Então vamos em carruagem ou a cavalo?

— Como diabos transportaríamos uma mulher doente em um cavalo? Não está pensando, Tom.

— Parece-me que não temos feito outra coisa mais que pensar nos últimos cinco anos. Já me dói a cabeça. Então vamos em minha carruagem ou na tua?

— Meus cavalos baios são mais rápidos que seus garanhões.

— Não é assim. Seus cavalos estarão esgotados antes que tenhamos percorrido dez milhas.

— Façamos uma corrida, então.

Tom não estava tão seguro.

— O que obtém o ganhador?

— Chega primeiro à academia, tolo.

— Oh, Tim, e onde está o ganho disso?

— Maldição! Não sei.

* * *

O visconde Stanford não tinha posto aos gêmeos Heatherstone em sua lista mental de suspeitos do roubo do chapéu de Hume. Não tinha podido recordar seus primeiros nomes ou suas iniciais, posto que sempre tinha pensado neles como Tonto e Retonto. Mas recordava que tinham estado em sua casa na noite anterior, já que tinha visto seus nomes na lista de convidados que Stubbing tinha armado com a ajuda do mordomo. Tinha usado calças amarelas e coletes roxos com rosas bordadas neles. Com seus cabelos laranjas, Tonto e Retonto pareciam um empapelado de bordel.

E tinham estado paquerando com a Susan. Os Heatherstones eram famosos por seguir o último grito da moda, tanto em suas vestimentas quanto em cortejar a dama mais popular. Wynn queria que sua irmã se estabelecesse, mas não com um desses idiotas, o par de parvos mais estúpidos que jamais tinha conhecido. Sempre lhe tinham parecido inofensivos, mas alguém tinha estado em seu escritório.

A primeira visita de Wynn, depois de discutir a lista com o Stubbing, foi ao apartamento deles em Albany. O porteiro ali lhe informou que os gêmeos tinham partido uma hora atrás discutindo sobre cavalos, carruagens e o que obteria o ganhador.

— Tomaram o caminho Reigate. — O porteiro ficou mais loquaz com uma moeda nova em seu bolso. — O caminho equivocado para chegar a Brighton.

Que diabos estavam fazendo esses dois imbecis indo a Brighton?

— Queriam bater um recorde de tempo, isso escutei. — O porteiro disse sacudindo a cabeça.

— Mas durante a alta Temporada? — Wynn se perguntou em voz alta. — Esses dois idiotas nunca perderiam uma comida grátis.

O porteiro não tinha resposta para isso.

— Talvez não sabem que é verão.

— Lhe incomodaria se eu deixasse uma mensagem?

Por outra moeda o porteiro não teria se incomodado se o visconde Stanford deixasse aos gêmeos um elefante.

— Pode tentá-lo, mas nunca encontrarão a mensagem nesse chiqueiro em que vivem.

Wynn olhou a sala de estar sem dissimular seu asco, procurando um lugar seguro onde deixar seu cartão de visita. Deus, os porcos viviam melhor que os gêmeos.

— A criada vem às quintas-feiras. Faz o que pode, mas se necessita mais que um balde e uma vassoura para pôr apresentável este lugar.

Um incêndio ou um terremoto poderiam limpar tudo isso, Wynn pensou. Encontrou uma cartola colocada no busto de Homero. Revisou o chapéu enquanto o porteiro se queixava dos hábitos da alta sociedade.

— Loucos, preguiçosos e imundos. — Ele murmurou.

Não, não havia nada na fita do chapéu e tampouco no forro, simplesmente as iniciais TH. Wynn não continuou a busca. Um batalhão de seus soldados podia estar acampando nesse depósito de lixo e ele não conseguiria ver. Então ele saiu pisando inadvertidamente nas cartas que tinham feito com que os Heatherstones partissem tão precipitadamente.

* * *

Os quartos que pertenciam a Tripp Hayes, o Honorável Thorence Terceiro Hayes, era ascético e austero em contraste ao apartamento dos gêmeos.

Nada estava fora de lugar e tudo estava imaculado, inclusive o valete de Tripp, Fullerton. O afetado valete preparava a bagagem.

— O Senhor Hayes decidiu visitar sua família. — O criado disse com altivez, expressando sua opinião sobre os cavalheiros que viajavam ao campo sem a companhia de seu valete.

— Partiu muito inesperadamente. Eu viajarei esta tarde com sua bagagem.

— Espero que não seja algo mau com sua mãe.

— Não poderia dizer, o amo não me confiou isso. — Era óbvio que tinha um ressentimento contra seu amo.

Tampouco podia informar quando poderia retornar Hayes à cidade. Mas foi capaz de afirmar inequivocamente que nenhum dos chapéus de seu amo tinha sido extraviado.

— Os chapéus de meu amo são feitos pelo Locke, é óbvio.

— Sim, mas Locke fabrica uma grande quantidade de chapéus e alguns podem ter as mesmas iniciais.

O valete se ergueu à sua altura completa, com o nariz empinado.

— O Senhor Hayes nunca pôs e nunca ficaria com o chapéu de outro cavalheiro.

E ele nunca trairia ao seu país nem aos seus amigos, Wynn estava disposto a jurar. Ele era o candidato perfeito para sua irmã, se ela pudesse ver as qualidades de Tripp. A única coisa que perturbava ao visconde era um pequeno detalhe. A mãe de Tripp vivia no Bognor Regis, na costa sudeste, um lugar que os contrabandistas usavam para trazer mercadorias da França. E ficava na mesma costa que Brighton.

* * *

Tully Hadfield não estava em sua casa, o quarto da velha pensão onde se hospedava. Vendo uma brigada de policiais na porta, Wynn não se sentiu assombrado que Hadfield tivesse cometido algum delito, mas tampouco se sentiu contente de comprovar que esse canalha estivesse passando por uma situação tão complicada.

Wynn revisou o estábulo onde sabia que Hadfield guardava seus animais. Como era de esperar, os animais também faltavam. O dono da pensão não tinha visto Tully partir, senão ele mesmo teria chamado a polícia. Agora a conta do Tully ficaria sem pagar. Wynn lhe lançou uma moeda por seu amabilidade. Demônios, não havia modo de descobrir o paradeiro de Tully agora. Ele poderia estar na metade do caminho para a França com os soldadinhos de Wynn e o chapéu de Lorde Hume.

* * *

A última parada de Wynn foi no clube White's em busca de Townsend Haverhill. Para sua surpresa o porteiro lhe disse que o barão não tinha chegado até o momento. Por Deus, Wynn não queria fazer uma visita à casa do barão. Porque visitar Clarice Haverhill era como colocar a cabeça dentro da boca do leão. O barão era sua última oportunidade de recuperar o chapéu de Lorde Hume e de todos os segredos que o continha.

Felizmente não teve que entrar na Mansão Haverhill.

Na porta de entrada perguntou ao mordomo se poderia falar com o barão.

— Meu lorde não está, Lorde Stanford. Deseja que leve seu cartão às damas? — Ele estendeu uma mão de luva branca para receber o cartão de visita. O mordomo o

levaria para dentro, perguntaria à sua ama se ela estava disposta a recebê-lo e logo miss Clarice seria advertida da presença de seu candidato favorito.

Wynn colocou uma nota bancária na palma do mordomo em vez de lhe dar seu cartão.

— Esqueça que passei por aqui.

O mordomo notou que o visconde não trazia um buquê de flores ou uma caixa de bombons. E tampouco havia uma caixa com um anel no bolso de seu casaco. Jamison sacudiu a cabeça. A nota bancária desapareceu discretamente em seu bolso.

Wynn tinha uma segunda nota bancária preparada.

— Possivelmente poderia me informar onde encontro o Barão Haverhill? Um dos meus convidados teve extraviado um artigo pessoal e me perguntava se o barão saberia algo a respeito.

Jamison olhou a nota bancária com pena.

— Lamento-o, Sua Senhoria, mas o Barão Haverhill saiu da cidade por uma questão familiar. Espera-se que retorne de Worthing em uma semana.

Worthing, na costa entre Brighton e Bognor Regis? O mesmo Worthing onde a irmã de Wynn tinha ido à escola? O mesmo lugar onde estava aquela mulher morta ou moribunda? Impossível! Ridículo! Nem pensar.

Diabos, Wynn amaldiçoou enquanto voltava para Grosvenor Square, teria que visitar a senhorita Lockharte depois de tudo.

CAPÍTULO 9

Quando o visconde retornou à Mansão Stanford, entregou seu chapéu e suas luvas a Wilkins. E o mordomo em troca deu-lhe mais dores de cabeça.

— O senhor Stubbing pediu ser notificado imediatamente de sua chegada, Sua Senhoria. Ele está no escritório. Lady Stanford solicitou que se apresente em sua habitação e miss Susan está esperando-o no salão. Também veio lorde Hume. Coloquei-o na biblioteca.

— Algo mais? A prima Lenore não quer falar comigo?

— Lamento lhe informar que a senhorita Dahlquist está doente. Ela não saiu de seu quarto no dia hoje.

— O doutor foi chamado?

— Não, Sua Senhoria. Achei uma nota debaixo da porta da senhorita Dahlquist pedindo que lhe seja permitido descansar no dia de hoje, que não lhe acontecia nada grave.

— Muito provavelmente esteja farta de escutar as súplicas de Susan para assistir ao baile de máscaras. Com aquele canalha Hadfield fora da cidade talvez tenhamos um pouco de paz.

— Sim, Sua Senhoria.

Wynn estava no vestíbulo penteando seu cabelo escuro com os dedos, tentando decidir onde devia ir primeiro, além de ter que retornar ao White's.

— E isto foi entregue enquanto você estava fora, Sua Senhoria. — Sobre uma bandeja de prata que usualmente continha convites e cartões de visita, jaziam os restos de uma miniatura de Wynn que Maude lhe tinha pedido. O objeto estava quebrado em pedaços. Maude estava sendo muito clara.

— Isto não tem bom aspecto. — O mordomo comentou.

— Pelo contrário, é uma representação perfeita de como me sinto: maltratado, quebrado, preparado para ser atirado ao lixo.

— Possivelmente a enfermidade da senhorita Dahlquist é contagiosa.

— Ah, mas eu não posso colocar-me na cama e me esconder debaixo das mantas. — Mas se tivesse ficado na casa de Maude estaria na cama, debaixo das mantas e escondido em alguma parte do corpo de sua amante.

O mordomo não se incomodou em responder, simplesmente comentou que lady Stanford parecia muito perturbada, assim como miss Susan e lorde Hume.

— Perfeito, irei falar primeiro com Stubbing.

— Excelente, Sua Senhoria. Levarei brandy.

— Tão mal está a coisa? Não devo supor que um chapéu extraviado tenha sido devolvido?

O mordomo somente sacudiu a cabeça com simpatia.

Stubbing não tinha encontrado nenhuma pista sobre os soldados perdidos. Nenhum dos convidados estavam na lista de suspeitos do Governo Britânico ou na lista de nomes de ladrões da polícia. Alguns dos esnobes que gostam do Senhor Hadfield, souberam que ele estaria debaixo de escotilhas.

— Eu não descartaria os homens que vivem gastando além de suas possibilidades. — Os dois homens estavam sentados no escritório de Wynn.

Wynn fez girar o brandy em seu copo e concordou.

— Ao menos é honesto. Se formos considerar traidores todos os que gastam além do que ganham, teríamos que suspeitar de mais da metade dos membros do Parlamento.

O oficial assentiu com a cabeça e continuou:

— Não temos muitas esperanças, embora nossa gente esteja vigiando aos suspeitos de sempre.

— O problema é que meus soldadinhos são muito pequenos, muito fáceis de esconder ou serem passados como brinquedos de meninos.

— Precisamente isso é o que os fez tão valiosos para nós no passado. Temo que teremos que descontinuar a operação por agora. São ordens do general.

— Sem mais soldadinhos de chumbo? — Wynn tentou esconder a decepção em sua voz.

— O general disse que você deveria continuar pintando os soldadinhos só para si, se for o caso. Ele tem esperanças que a guerra acabe em pouco tempo e neste caso você poderia dar de presente os soldadinhos aos seus filhos.

— Não tenho filhos.

Stubbing olhou o papel em suas mãos.

— O general também menciona isso. Parece pensar que é sua responsabilidade prever o futuro e prover um herdeiro.

— Velho intrometido.

Stubbing esclareceu sua garganta, um rubor repentino subiu às suas bochechas.

— O general é meu padrinho, sua Senhoria.

— Mil desculpas, tenente, mas já tenho que suportar os sermões de minha mãe.

— Entendo-o, sua Senhoria e há vezes que me alegro em ser um segundo filho. Ninguém se preocupa se por acaso me reproduzo ou não.

— Me diga, tenente, deve retornar à sua missão para o Governo Britânico ou poderia ficar por uns dias? Tenho uma ideia ou duas sobre os soldados extraviados. Houveram algumas coincidências muito estranhas ultimamente.

O jovem sorriu agradado ao ser convidado a ficar, a Mansão Stanford era decididamente muito melhor que os barracos militares.

— Estranhas coincidências. — Ele disse, sorvendo sua bebida .

— Isso é o que penso.

Quando seu bate-papo com Stubbing se acabou, Wynn foi golpear a porta de sua mãe. Teve que lhe contar que não tinha podido localizar o chapéu extraviado de lorde Hume.

— Não, não posso aceitá-lo. — Ela soluçou sobre seu sofá depois de ter escondido uma novela rosa debaixo dos almofadões. Ela gemeu fracamente. — É tudo minha culpa e agora estamos arruinados. Susan nunca fará um bom matrimônio, meu único filho varão me odiará para sempre e meu querido Theo não poderá entrar em seus clubes.

— Meu Deus, mãe, que segredo tão importante para vocês dois pode ter sido escondido na fita de um chapéu? Não, não me conte isso, rogo-lhe isso. E por favor não se ponha nesse estado. Não é bom para sua saúde. Ninguém vai difundir seu segredo, e se o fizerem ninguém vai acreditar nessas intrigas. É uma viscondessa, pelo amor de Deus, uma das damas decanas da alta sociedade. Agora por que não descemos e permite que lorde Hume te leve para dar um passeio pelo parque?

— Não, não posso sair. Não posso enfrentar o mundo. — A mão em seu peito fez um drama e sem querer fez cair a novela rosa, a qual caiu aos pés de Wynn. Ele a olhou suspicazmente.

— Isto é um pouco forte para sua saúde, mamãe. Me diga simplesmente o que é que não quer fazer?

Lady Standford se endireitou com a manta sobre seus joelhos sem olhar ao seu bonito e cínico filho.

— Lenore está doente e não pode fazer-se de acompanhante de sua irmã esta noite.

— Não me olhe desse modo, mãe. Essa juvenzinha não vai morrer por ficar em casa uma noite. Pode ficar umas horas lendo ou costurando com você. Parece que esteve bordando os mesmos almofadões durante os últimos seis anos.

Lady Stanford não queria discutir sobre bordado ou novelas rosa de alto teor erótico.

— Sua irmã é uma debutante. Deve assistir às festas, deve ser vista.

Ele bufou.

— Ela está mostrando-se faz mais de um ano, mãe, e é uma debutante muito popular. Não corre o risco de ser esquecida em uma noite.

— Ela já aceitou o convite.

— Então você e lorde Hume podem leva-la ao baile desta noite.

— Theo está muito aflito. Digo-o a sério, Wynn. E ele padece de gastrite quando está nervoso.

— Já vejo, então quer me encaixar a tarefa de se escolta. Não funcionará, mãe. Tenho outras coisas muito importantes que fazer.

— Como se esconder nessa oficina fedorenta? Ou passar toda a noite em só Deus sabe que lugar em Kensington?

— O que sabe sobre Kensington?

— O que? Pensa que seu pai não tinha uma amante escondida em algum lugar? Ou que eu não sei nada sobre esse tipo de coisa? Se eu não acreditasse nisso, Theo e eu não haveríamos... Bom, esse não é o ponto. Deveria te ocupar deste assunto, Wynn, e encontrar uma esposa. Se tivesse uma esposa, ela poderia ser a acompanhante de sua irmã.

— Deus, como que chegamos da acidez gástrica do Hume à minha prometida? Não terá estado falando com o pessoal do Governo Britânico, não é?

— Pois bem, Susan não vai encontrar um candidato elegível ficando sentada em casa. Nunca terei a netos a este passo.

— Mãe, eu...

— Te cale. O que te importa o fato que eu deveria estar de retorno à Bath, onde os doutores sabem como tratar minha condição, onde as águas são mais saudáveis e o ar

é mais limpo? É muito egoísta para se casar e agora não quer ajudar para que sua irmã encontre um marido.

O que? Sua mãe pensava que ele queria ter ela e Susan vivendo em sua casa para sempre? O visconde há muito tempo estava tentando que a juvenzinha partisse da casa no marco de um casamento decente. Teria tido mais sorte se tivesse tentado ensinar um porco a voar.

* * *

— Basta, Susie, parece uma salsicha, toda vermelha e inchada. Não pode chorar assim por um tolo baile de máscaras.

Susan deixou o assento junto à janela da sala de estar onde tinha estado olhando fixamente o parque da frente.

— É uma besta desumana, Wynn Alton. Não choro por perder um baile de máscaras, embora nunca assisti a um no Vauxhall porque você é muito aborrecido para me levar. Estou angustiada, coisa que entenderia se tomasse em consideração os sentimentos dos outros, estou angustiada pela pobre senhorita Lockharte. Ela tinha razão, Wynn, você é muito arrogante e desconsiderado com aqueles que pensa que estão abaixo de você, o que é virtualmente todo mundo.

— Besta desumana? Arrogante e desconsiderado? Por que essas palavras me soam familiares? A professora de caligrafia te escreveu isso na carta, não é?

— Claro que não. Ela me desejou coragem e felicidade, como já te disse. Mas isso é o que ela escreveu na carta para você. E não me olhe assim, Wynn. Eu não queria lê-la, mas você deixou a carta à mão.

— Não estava à mão, pelo amor de Deus. Estava em meu escritório dentro da escrivaninha!

— Eu necessitava de papel.

— Precisava ver o Stubbing, suponho.

— Deve admitir que ele é atraente.

— Não devo admitir nada, querida, e nem deve você. Stubbing é um mero segundo filho com conexões que poderiam lhe conseguir um posto no governo com muita sorte. Nunca poderia manter o estilo de vida a que está acostumada, então que nem te ocorra paquerar com ele. Ele não está à sua altura.

— Agora está sendo odioso, e tudo porque sabe que tenho razão. É arrogante e egoísta, tal como disse a senhorita Lockharte.

— Basta de mencionar essa mulher deplorável, pirralha. Não quero ouvir uma palavra mais dela nem de você.

— Ela não é deplorável. Ela está morrendo, coração de gelo. A pobre senhorita Lockharte muito provavelmente já está morta. — Susan começou a chorar outra vez ante essa ideia.

Wynn estava aborrecido.

— Desequilibrada mentalmente, assim é como está sua amiga. Morta, não. Nenhum moribundo golpeia as portas do céu com tantas forças. E eu não acredito que se importe tanto com sua professora doente, está chateada porque Lenore não pode te levar à festa esta noite.

— Está muito equivocado. Por que eu estaria chateada por perder a noite musical de Lady Carrington? Mamãe disse que você seria minha escolta. Vai se encantar. A sobrinha de lady Carrington vai tocar harpa.

Wynn não podia pensar em algo mais divertido. Foi ao vestíbulo e gritou chamando Stubbing.

Lorde Hume apareceu com sua cabeça calva pela porta da biblioteca.

— Ah, já chegou, Stanford? Quero trocar uma palavra com você.

Wynn se penteou com as mãos e apertou os dentes.

— Sim, justamente estava indo para aí. Só estou tentando conseguir uma escolta para minha irmã para a festa desta noite.

— Bem... — O conde disse voltando a entrar na biblioteca. — Não posso aguentar a música que tocam nessas festas. Disse à sua mãe que você encontraria a solução para isto.

Não havia forma em que Wynn pudesse livrar-se de escutar a confissão de lorde Hume. Arrastando o pés, seguiu o velho à biblioteca, a qual estava tão cheia de fumaça que mal podia ver as prateleiras com livros. Abriu uma janela enquanto lorde Hume se desabou na cadeira mais confortável da sala, desmoronando-se no momento em que fazia isso.

— Fuma, moço? — Ele ofereceu, estendendo um charuto novo.

Wynn rechaçou amavelmente a oferta, logo se serviu um copo de vinho. Parou-se ao lado da janela sem lhe importar que o dia primaveril fosse úmido e frio. Nunca ia poder retornar aos seus soldadinhos, a esse passo.

— Algum probleminha? — O aristocrata perguntou com suas bochechas avermelhadas.

Probleminha? Deixar que segredos do exército caíssem em mãos do inimigo era um probleminha?

— Sei que foi estupidez o ter comigo, mas eu queria a nota bancária perto de mim.

Wynn se deu conta que o conde estava falando de seu maldito chapéu.

— Por que diabos não guardou a nota em seu bolso?

— Meu valete revisa os bolsos antes de mandar limpar as roupas.

— E em uma caixa forte? Não teria sido o melhor lugar para guardar algo incriminatório... Oh... Um documento tão importante?

— Provavelmente sim, mas isso me trouxe sorte todos estes anos. Já sabe o que dizem desafortunado no amor, afortunado no jogo. Sentia como se tivesse um anjo sentado em meu ombro, entende?

Wynn acreditou que sim. O velho Hume nunca se casara, nem sequer com um título de nobreza a herdar, embora Wynn pensava que existiam sobrinhos para herdar o título de conde. Mas a ideia de que esse cavalheiro tivesse amado a uma mulher todos estes anos era tão doce que enjoava o estômago do visconde. Não, não era esse amor oculto e leal, era a fumaça do charuto o que o enjoava.

— A coisa é que essa nota poderia ser motivo de uma grande vergonha para sua estimada mãe.

— Suponho que ela escreveu a carta? — Wynn perguntou, resignado ao pior.

Hume cuspiu um pouco tabaco molhado.

— Ela escreveu que me amava. Me senti muito honrado.

— E suponho que ela assinou a carta? E lhe enviou isso?

O conde assentiu com a cabeça.

— Pois bem, não posso entender por que fazem tanta confusão com isto. A alta sociedade sabe que você gosta da minha mãe. Todos estão acostumados a vê-los juntos, aqui e em Bath.

— Ela datou essa carta.

Quem acreditava que as mulheres deviam aprender a ler e escrever deveria ser fuzilado. Entre a carta dessa mulher moribunda atroz e a carta de amor ilícito de sua

mãe, Wynn sentiu vontade de arrancar os cabelos. Mas nesse caso poderia parecer-se com Theo Hume, então penteou seu cabelo para trás. O visconde teve um pensamento horrendo: possivelmente ele estivesse destinado a parecer-se com o conde de qualquer maneira.

Como fazia para perguntar isso ao amante de sua mãe? Perdão, conde, mas você – de casualidade – não será meu papai? A puta que os pariu.

— Assumo que a data dessa carta precede a data da morte do meu pai?

Hume soprou um anel de fumaça e o olhou fixamente.

— Amei-a sempre. Mas o pai a queria como esposa do herdeiro de Stanford. O casamento foi arrumado, sabia?

Wynn sabia que não estava obtendo uma resposta.

— E por que diabos não se casa com ela agora? Desse modo não teriam que preocupar-se com as intrigas.

— O peço uma vez ao mês desde que sua mãe afastou-se do luto. O primeiro dia de cada mês, exato como um relógio. Para que ela não se esqueça que a amo. Mas ela não me aceitará até que você e Susan estejam casados respeitavelmente. Desse modo vocês não poderão ser alcançados por nenhum escândalo do passado. Diz que seu primeiro dever é para com Stanford.

Não era estranho que sua mãe insistisse tanto por vê-lo casado, e a Susan também, Wynn pensou.

O conde ia adiante, falando com o charuto em sua boca.

— Ela não me aceitará agora que coloquei a sua família em perigo de ser excluída da alta sociedade. À Susan sobretudo.

Wynn acreditou saber a data da carta nesse momento.

— Talvez isso nunca aconteça. Acredito que alguém levou o chapéu por engano. Poderia ser devolvido qualquer dia destes.

O conde negou com a cabeça.

— Perdi minha carta, perdi minha dama, perdi meu amor. — Um lágrima rodou por sua bochecha corada.

Wynn sabia que tinha que fazer algo para manter a sua família protegida daquele segredo vergonhoso. Não era um arrogante, desumano e desconsiderado apesar da opinião da senhorita Lockharte.

— Tenho algumas pistas para investigar. — Disse a Lorde Hume. — Cavalheiros aos quais não pude interrogar porque estão fora da cidade. Com você e Stubbing para vigiar as coisas por aqui eu poderia viajar ao sul.

Deus, era incrível, mas realmente ia a Brighton.

Enquanto Rosellen Lockharte ia ao céu.

CAPÍTULO 10

O céu era tal qual Rosellen o tinha imaginado, tudo branco e suave, brando e acolhedor. As nuvens eram como travesseiros e lhe davam as boas-vindas. Ela não podia ver nada ou seus olhos não queriam abrir-se, mas tudo estava bem. Estava contente de poder flutuar nesse mar... Mas então uma sombra pareceu cruzar-se sobre ela. Rosellen se perguntou se teria que compartilhar sua nuvem da mesma forma que tinha tido que compartilhar sua cama quando tinha chegado à Academia de Miss Merrihew.

Rosellen já não estava tão cômoda, nem tão completamente segura em sua nuvem. Ainda não podia ver, mas agora podia sentir alguém respirando. Possivelmente um anjo — ela supôs — necessitava para viver no céu, mas certamente os anjos não ofegavam com dificuldade, embora isso parecia ser o que estava acontecendo. Parecia que uma nuvem estava lhe cobrindo o nariz e a boca. Teria que perguntar ao seu pai sobre isso. Sem dúvida ele saberia a resposta.

Enquanto isso, tentou arrancar a nuvem que a afogava.

Repentinamente houve menos pressão em seu rosto e Rosellen tomou uma respiração profunda e revigorante. Acreditou ouvir Fanny.

— Senhorita, como se emaranhou assim? Estava dançando na cama antes de poder ficar de pé?

— Fanny, é um anjo. — Rosellen conseguiu dizer quando teve suficiente ar em seus pulmões. A criada devia haver-se contagiado com a gripe, pobrezinha. Rosellen esperava que ela não tivesse sofrido muito tempo.

Colocando ao lado da cama uma tigela de caldo, Fanny riu.

— O moço do correio disse o mesmo quando me viu com a capa vermelha.

— Oh, tem uma nova capa?

— Ainda está tonta. A febre se foi, somente precisa se fortalecer. Melhor beber seu caldo e começar a recuperar-se. A ama não me deixará seguir cuidando-a assim uma vez que as alunas retornem.

Isto não tinha nenhum sentido para Rosellen, mas disse a si mesma que o entenderia uma vez que descansasse um pouco. Começou a flutuar nas nuvens outra vez.

— Todas as suas cartas foram entregues. — Fanny disse orgulhosamente. Tinha conseguido fazer a tarefa sem que miss Merrihew se inteirasse.

As cartas? Que cartas?

* * *

Ia levar um tempo para adaptar-se ao céu. A túnica parecia estar estrangulando-a no pescoço. Mas logo, justo antes que pudesse proferir uma queixa, ali estava Fanny, seu anjo pessoal. Em poucos segundos Rosellen pôde respirar, pôde tragar, e até pôde falar.

— As coisas não lhe parecem um pouco estranhas aqui, Fanny? — Ela perguntou.

— Só me parece estranho que não possa levantar uma mão para sustentar uma colher. Trouxe-lhe papa de aveia e uma surpresa.

Rosellen se encontrava bastante surpreendida. Papa de aveia no céu? Ela apartou a colher.

Mas Fanny estava muito excitada para notá-lo.

— Uma grande carruagem se deteve no caminho esta manhã, senhorita, e nunca adivinhará, mas um lacaios de libré desceu e perguntou por você! Miss Merrihew quase teve um colapso. O homem insistiu para que lhe entregasse isto em suas mãos, então a ama me deixou trazê-lo. Deveria havê-lo visto, um lacaios alto e bonito com uma peruca branca e adornos de ouro.

— Deve ter sido o Arcanjo São Gabriel. Não acredito que fosse uma peruca. Tinha uma trombeta na mão?

— Uma trombeta para soprar? Para mim era um cocheiro ou um guarda. Não está me escutando, senhorita. Espero que a febre não lhe tenha afetado o cérebro, porque não entendo nada do que diz. A senhorita Merrihew não ficará contente se você não se recuperar para ensinar as alunas na semana que vem. Olhe o que o moço bonito lhe mandou. Ele não esperou por uma resposta, então não o vai poder devolver, seja o que seja.

Fanny colocou uma pequena bolsinha sobre o peito de Rosellen. Estalou sua língua quando a senhorita Lockharte não fez nada para abrir os cordões.

— Deus, eu teria que estar meio morta antes de me privar de ver do que se trata.
— Ela disse impacientemente.

Mas Rosellen estava morta e não lhe importava.

Fanny tomou a bolsinha e a abriu.

— Senhorita, olhe isto! É uma fortuna! Perto de cinquenta libras, eu diria! Está rica, senhorita!

Rosellen sempre tinha pensado que não podia levar sua riqueza ao céu. Agora tinha dinheiro mas estava morta. Que pena.

— Muito tarde. — Ela murmurou.

— Nunca é muito tarde para estar rodeada de ouro.

— Nuvens, não ouro.

— Com certeza conseguiu esta pequena fortuna com aquelas cartas, senhorita.

— Cartas?

— Deus, não recorda de nada? Você tinha febre e estava delirando e decidiu escrever aquelas cartas.

* * *

Rosellen não estava com Deus. Simplesmente tinha ficado detida em alguma forma de Inferno. A senhorita Lockharte abriu seus olhos para encontrar-se com miss Merrihew e seu irmão parados ao lado dela gritando-se entre si. Ao menos ambos estavam mortos e não poderiam arruinar a vida de nenhuma outra jovem. Rosellen se perguntou o que tinha feito mal em seus curtos vinte anos para merecer ser atormentada também na eternidade.

Rosellen piscou e viu dois pares olhos de abutres observando-a.

Os abutres tinham vindo, Rosellen pensou.

Bem, não os escutaria. Podia estar no inferno, mas ninguém poderia obrigá-la a conversar com outros demônios.

— Não me importa qual é sua condição. — A senhorita Merrihew disse. — Quero-a fora daqui.

Por uma vez Rosellen estava de acordo com a diretora da escola, mas não acreditava que seus desejos tivessem algum peso no purgatório.

O senhor Merrihew seguiu.

— A moça falará. Ela sabe mais do que convém. Com a epidemia e a escola fechada quem vai se inteirar do que ocorra a esta cadela?

— Todas essas pessoas a quem ela escreveu, eles vão se inteirar. Nem sequer conhecemos a metade dessas pessoas ou o que ela lhes disse. Somente a quero fora da minha escola.

— Mas ela pode nos arruinar.

— Não se ainda não o tiver feito, e não se ela souber o que lhe convém.

Rosellen pensou que poderia ser bom convencer àqueles dois demônios de que a deixassem sozinha, que ela não tinha nenhum interesse em passar o resto da eternidade escutando suas queixas.

— Vão-se ao céu. — Ela disse com um leve sorriso pela piada.

Miss Merrihew cravou seu dedo ossudo no peito de Rosellen.

— Ahá! Então fingia estar adormecida! Sabia, juvenzinha ardilosa e mentirosa. Tem feito esse truque muitas vezes.

Com cada palavra que a diretora pronunciava, cravava mais profundamente o dedo no peito de Rosellen.

— Eu... Eu... Não morri?

— Por que morreria? Estou segura que nunca estive doente, somente fingia estar doente para evitar seus deveres. É uma miserável ingrata, senhorita Lockharte! — Miss Merrihew gritou. — Eu fui a única que te acolheu depois da sua conduta desonrosa em Londres. Deveria ter sabido que isto ia acontecer, mas seu tio me rogou que te aceitasse. Ele não te queria em sua casa e agora sei por que. Não merece nenhuma confiança e eu não mantereí uma víbora como você em minha escola.

Rosellen tentou evitar o dedo que continuava cravando-se em sua carne. Tudo o que ela conseguiu fazer foi emitir um gemido confuso.

— Bem pode choramingar, víbora confabuladora, mas isso não lhe beneficiará em nada. Não te mantereí aqui nem um dia a mais. Está despedida, senhorita Lockharte. Foi desleal, desonesta, e uma má influência para minhas alunas.

— E sua caligrafia se deteriorou grandemente. — O senhor Merrihew adicionou. — Não está à altura dos padrões desta Academia.

— Muito de acordo com você, Jonas. Envergonha-me que alguém tenha visto esses garranchos horríveis que chama de caligrafia. — Miss Merrihew cruzou os braços. Para o alívio de Rosellen. Mas a diretora da escola não tinha acabado. — Como se atreveu a enviar essas cartas pelas minhas costas? E como se atreveu a me explicar como dirigir minha escola, como se uma juvenzinha impertinente criada em uma paróquia soubesse algo sobre como educar as senhoritas da alta sociedade. E se atreveu a escrever

a lorde Vance! Sinto-me ultrajada porque uma das minhas professoras se atreveu a incomodar um dos nossos benfeitores com aquelas queixa afetadas.

Ah, Rosellen pensou, sua memória se esforçava por ordenar os fatos.

— Não sabe qual é seu lugar, moça? — Miss Merrihew gritou. — O vais aprender muito em breve, mas não aqui. Quero-te fora daqui amanhã.

Amanhã? À Rosellen não lhe tinha ocorrido que poderia sobreviver até hoje. Obviamente o tinha feito. Estaria por ver-se se sobreviveria outro dia. Igualmente quanto mais rápido estivesse fora da escola, melhor, se só pudesse levantar a cabeça.

— Eu... Não acredito que possa, senhora.

— Ha! A senhorita santarrona não acredita que possa, imagine, Jonas! Isto não é um hotel, senhorita. E estive na enfermaria por duas semanas sem trabalhar, e duas semanas é muito tempo. Paguei pelo médico, por seu remédio, e pelos serventes que cuidaram de você. Isso, é obvio, será descontado do seu salário. Não me importa se vai se arrastando pelas ruas, quero-te fora deste lugar e da minha vista amanhã pela manhã. A jogaria esta mesma noite, mas sei o que é correto e o que não o é.

Enquanto a mente de Rosellen dava voltas, pôde escutar uns sussurros ao seu redor.

— ...Fora desta cidade. — O clérigo continuou. — Não lhe queremos vagando perto de Worthing falando bobagens.

Miss Merrihew assentiu com a cabeça.

— Obrigado por me recordar meu dever cristão, Jonas. Por bondade, senhorita Lockharte, e não porque pense que o merece, ordenarei que uma carroça da escola te leve a Brighton amanhã. Ali poderá encontrar um emprego ou pode ficar vivendo à beira do caminho. Não me importa o que faça.

Rosellen sabia que não poderia partir pela manhã. Aonde iria? Tinha que fazer planos para seu futuro, agora que parecia que ia ter um e tinha que recuperar suas forças. Sua mente aturdida precisava limpar-se, mas ela ainda estava muito fraca fisicamente. Duvidava que poderia pentear-se e muito menos ser transportada em uma carroça a Brighton.

— Me... Eu gostaria de ficar um ou dois dias mais, miss Merrihew, com sua permissão. Posso pagar.

— E eu gostaria de saber como vais pagar, senhorita. — Miss Merrihew sorriu.

— Tenho cinquenta libras.

O senhor Merrihew riu dissimuladamente.

— De onde tiraria cinquenta libras?

— Do mensageiro. Meu tio deve ter me enviado isso. — Rosellen não estava segura dos detalhes e não recordava precisamente quantas cartas tinha escrito.

Miss Merrihew sacudiu a cabeça sem desarmar seu coque.

— Nenhum mensageiro veio para você. E seu tio nunca te escreveu. Ele se livrou de você dois anos atrás, um homem muito afortunado.

— Houve um mensageiro. — Rosellen insistiu. — Um mensageiro com libré e adornos de ouro. Veio em uma carruagem grandiosa.

— Esta garota está delirando. Imaginando coisas assim como imaginou todas essas acusações que escreveu. — Miss Merrihew olhou ao seu irmão, o clérigo corrupto. — Ninguém lhe acreditará.

Rosellen media a roupa de cama enrugada procurando a bolsinha que recordava.

— Fanny a trouxe. Ela lhes pode dizer.

— Fanny foi despedida esta tarde por sua insubordinação. Não posso ter criadas que fazem coisas às minhas costas, aceitando subornos para desobedecer minhas regras. Ela saiu desta escola sem minha permissão. E isso foi o suficiente para lhe custar seu trabalho, sem mencionar sua paquera com um dos comerciantes. Não, ela se foi e você também irá. Ponto final.

Miss Merrihew tomou o braço de seu irmão e ambos saíram do quarto. Quando atravessou a porta, deu-se volta.

— E não espere que lhe sigam atendendo como uma rainha. Se deseja algo, pode procurar isso você mesma.

Rosellen só queria recuperar seu dinheiro.

CAPÍTULO 11

Rosellen tinha razão, não poderia obtê-lo. Miss Merrihew tinha razão, ela precisava ser marcada. A diretora da escola enviou a cozinheira para ajudá-la, a cozinheira era uma mulher grandona, de cabelo despenteado, avental sujo e com aroma de couve rançosa.

— Você anda dizendo às pessoas que há ratos em minha cozinha? — Ela passava a escova pelo cabelo enredado de Rosellen como se estivesse cortando um frango. Logo suas mãos toscas e grossas tiraram a velha camisola de Rosellen e lhe colocaram um uniforme sobre a cabeça. Meias de lã, um chapéu de palha e sapatos usados completaram o conjunto de Rosellen. — Andou dizendo que sirvo carne velha, né?

— Só sugeri que miss Merrihew...

A cozinheira sustentou Rosellen contra uma parede, não muito acidentalmente a empurrou. Rosellen se desabou no piso como se seus joelhos estivessem feitos com purê de batatas, mas sem os grumos do purê que fazia a cozinheira.

Rosellen só pôde observar do piso como a criada furiosa colocava seus pertences em uma bolsa, lançando-a à Rosellen.

— Não sou uma chef francesa, mas preparo comida decente. Não é suficientemente boa para uma senhorita como você, né? De onde tirou tantos ares, senhorita, isso eu gostaria de saber. Vai sentir saudades da minha comida muito em breve, não tenho dúvida, quando for daqui sem o café da manhã em seu estômago.

Rosellen lutou por envolver-se no casaco leve, pois já estava sentindo frio, não havia lareira acesa no quarto dos doentes. Também sentia seu estômago revoltado, perguntando-se o que ocorreria com sua vida. Não, não ia sentir saudades dos ovos gordurentos da cozinheira e de suas torradas queimadas.

A cozinheira encaixou a escrivaninha portátil de Rosellen em seus braços, logo empurrou a moça para colocá-la de pé. Logo levou a senhorita Lockharte escada abaixo e a empurrou pela porta traseira, onde Jake estava esperando com a carroça da escola sendo levada por um pônei. A cozinheira lançou Rosellen e suas posses na parte traseira da carroça, entre gavetas de madeira vazias.

Não houve adeus, nenhuma cesta com comida para a viagem, nem sequer a direção de Fanny. Jake, o encarregado de manutenção da escola, tampouco sabia.

— É um grande problema para ambas, senhorita. — Ele disse passando uma manta à Rosellen quando viu como ela tremia. Era a manta do cavalo, ela notou instantaneamente, mas foi bem-vinda de todos os modos. Ela envolveu-se na manta,

enjoada pelo estalo continuado da carroça, perguntando-se se estava melhor agora que não estava morta.

Jake a ajudou a descer da carroça quando chegaram a uma estalagem em Brighton. Ela teria caído se não tivesse sido pelo braço do homem em sua cintura. Jake a guiou até um banco fora da estalagem e colocou a bolsa e a escrivaninha portátil ao lado dela.

— Não sei o que será de você, senhorita, mas se não voltar antes do meio-dia com as provisões, também perderei meu trabalho.

— Entendo-o, Jake. Você foi muito amável.

Ele colocou uma moeda em sua mão.

— Isso não é muito, senhorita, mas você sempre foi muito diferente das outras professoras. O que lhe fizeram não é justo, senhorita Lockharte, mas não posso mudá-lo.

Rosellen olhou para baixo. A moeda de prata devia ser uma fortuna para Jake. Não podia aceitá-la. Com um braço tremente, ela a estendeu.

— Não, Jake, eu ficarei bem. Ficarei aqui, recuperarei o fôlego e decidirei o que devo fazer. Guarda esta moeda.

Jake retrocedeu, tocando a asa de seu chapéu.

— Não, senhorita, não poderia dormir de noite, poderia ser eu quem estivesse na rua como você.

Não pôde lhe deixar a manta. Não podia deixar que o velho Posy se resfriasse. Rosellen se sentou mais adiante no banco, muito intumescida para tremer. Ficaria um pouco mais ali organizando suas ideias, reunindo forças e coragem. Por Deus, não podia reunir o que não tinha. Deus, o que ia fazer de sua vida?

Olhou a moeda de prata em sua mão. Uma coroa. Cinco xelins. Poderia comprar uma xícara de chá e um pão-doce. Poderia usá-la para enviar uma súplica ao seu Tio Townsend. Ou poderia oferecê-la ao seguinte condutor de carruagem que passasse como pagamento de uma passagem. Mas uma passagem para onde?

A senhorita Lockharte necessitava de suas cinquenta libras. Com aquele dinheiro poderia pagar um quarto limpo enquanto se recuperava. Logo poderia viajar a Londres e conseguir um trabalho decente se seu tio não a aceitasse de novo em sua casa. Com cinquenta libras inclusive poderia comprar uma passagem para a América, onde teria mais oportunidades.

Isso é o que faria, Rosellen pensou. Viajaria para a América e começaria de novo. Certamente alguém em uma terra tão vasta necessitaria de uma instrutora ou uma professora de escola ou mão de obra. É óbvio que ali haveriam selvagens, mas quem

poderia ser mais selvagem e bárbaro que os irmãos Merrihew? Faria isso, Rosellen decidiu, logo que recuperasse suas cinquenta libras.

Primeiro tinha que encontrar Fanny. Fanny poderia jurar diante do magistrado que realmente tinha havido um mensageiro e o dinheiro. A criada poderia dizer às autoridades de onde tinha vindo a bolsinha, e possivelmente onde ela tinha ido parar. Rosellen não pensava que aquele presente provinha de seu tio Townsend, pois ele não era tão pomposo. Ele não teria enviado uma carruagem tão chamativa, ele nem sequer teria enviado uma carruagem, e ele não tinha lacaios que usassem libré cara nem perucas embelezadas com pó branco.

Rosellen necessitava que Fanny recordasse se tinha algum escudo na porta da carruagem ou na mensagem. Ao menos a criada poderia lhe dizer quem mais tinha recebido suas cartas, pois as últimas duas semanas eram um borrão na mente de Rosellen. Suspeitava — na neblina de sua memória — que Fanny não podia ler, mas enfrentaria esse problema mais tarde. Primeiro tinha que encontrar a moça.

Quando um dos hóspedes da estalagem passou ao lado do banco, ela perguntou onde poderia encontrar ao agente de polícia local. Transladaria o problema a ele, ela decidiu, e deixaria que ele localizasse Fanny. O menino da cavalaria lhe deu a direção e lhe disse que podia deixar seus pertences no banco.

Enquanto se movia lenta e inseguramente pelo jardim, Rosellen pôde ouvir certa classe de comoção, mas como não tinha nada a ver com ela, continuou sua marcha vacilante. Logo quando estava a ponto de alcançar a rua principal, ouviu um som ensurdecido de um veículo movendo-se a muita velocidade e gritos e chiados frenéticos. Deu-se a volta para ver um par de cavalos enormes arrastando uma carruagem com enormes barris de cerveja muito perto dela. Que idiota podia conduzir tão imprudentemente? Ela se perguntou e logo viu que ninguém conduzia essa carruagem. Os cavalos estavam fugindo assustados pelos gritos ao seu redor.

Mas a essa altura Rosellen não tinha nenhum lugar aonde ir e suas pernas instáveis tampouco podiam levá-la a esse não-lugar. Tentou retroceder, mas enterrou seu pé em um montão de esterco. Caiu ao chão. Rosellen não se salvou de uma gripe só para sucumbir a um par de cavalos assustados.

— Ela está morta? — Ouviu alguém perguntar. Desta vez, Rosellen decidiu, esperaria que alguém mais lhe informasse se estava morta ou não.

— Não, os cavalos se desviaram. — Outra voz respondeu. — E as rodas da carruagem passaram ao lado desta juvenzinha. Foi um milagre.

— Então por que ela não se move?

Rosellen pôde sentir umas mãos toscas percorrendo seus braços e suas pernas procurando possíveis danos. Com um protesto débil ela foi posta de pé, mas Rosellen não podia manter-se na vertical ou voltaria a cair sobre o esterco.

Uma voz preocupada perguntou.

— O que faremos, chefe, levamo-la a estalagem?

— A proprietária da estalagem está de viagem visitando sua irmã. Não há outra mulher que possa atendê-la. Ela é uma das professoras daquela escola de senhoritas. Vi o Jake trazendo-a aqui. A levaremos de volta à escola, lá vão atender-la melhor.

* * *

Desta vez a levaram ao quarto do apartamento de cobertura. Machucada e dolorida, Rosellen não tinha suficiente energia nem para emitir um gemido. Se tivesse podido mover-se teria tirado o vestido manchado de esterco. Agora cheirava tal como se sentia. Pelo menos havia um pouco de água ao lado da cama e uma xícara, embora não quisesse pensar a quanto tempo estava ali. Não queria pensar em nada, então sorveu a água, logo deixou que sua mente vagasse por uma cinza neblina, a esta altura muito familiar. A vida era muito mais difícil que quando estava morta.

— Estúpido, agora ela está de volta! — Miss Merrihew gritava, aparentemente de algum lugar muito longe. — Poderíamos nos ter liberado dela de uma vez por todas.

Rosellen reconheceu o acento do reverendo Merrihew.

— Não me culpe por isso. Minhas mãos estão limpas.

Não por muito tempo se ele se atrever a vir a este quarto, Rosellen pensou. Decidiu fingir um estado de coma — o qual não era muito difícil — antes de ter outro enfrentamento com aquele par de canalhas. Além disso, poderia inteirar-se de algo que poderia lhe servir. O céu sabia que ela necessitava de qualquer vantagem que pudesse conseguir.

O reverendo Merrihew continuou.

— Eu não fiz nada a essa garota esta manhã. E não fui eu quem a acolheu novamente esta tarde.

— O que esperava que eu fizesse com aqueles homens que chegaram no mesmo momento que lorde e lady Manley estavam entregando a pirralha de sua filha à escola? Aqueles mequetrefes estavam ali com a professora em seus braços, sorrindo bobamente como se houvessem me trazido um tesouro. Aqueles imbecis esperavam uma

recompensa, muito provavelmente. Ha! O inferno se congelará antes de me tirarem um centavo.

— Não pôde dizer que a professora estava a caminho de algum lugar?

— Olha-a , pelo amor de Deus. Ao único lugar que ela poderia ir é a uma tumba. Além disso, rechaçando a professora diante dos Manleys teria manchado a reputação desta Academia. Se supõe que estamos ensinando a Regra de Ouro, recorda? Deveria recordá-la, pois é a única classe que você ensina, Jonas. Não poderia — embora seja de vez em quando — ser um vigário? Além disso, escutou aqueles homens contando que ela andava perguntando pelo agente de polícia? Isso é tudo o que precisamos com os estudantes retornando, um representante da lei fazendo perguntas embaraçosas.

— Então o que vai fazer agora?

— O que faremos? Fale no plural. Terei que pensar nisso. Por agora decidi deixá-la aqui, assim a senhorita Manley não pode escrever ao seu papai contando idiotices. As alunas gostam desta professora e poderiam levar a mal se a jogamos ao lixo. Mas quem sabe o que poderia acontecer à pobre senhorita Lockharte em sua condição tão debilitada?

— Se tivermos sorte...

— A sorte não tem nada a ver com isto. — Miss Merrihew abriu os dedos fechados de Rosellen e tirou-lhe a moeda de prata. — Isto deverá cobrir os gastos até que possamos resolver alguma outra forma de nos desfazer desta moléstia sem causar uma comoção às alunas.

Rosellen escutou o ruído de passos afastar-se e logo baixar as escadas estreitas. Abriu os olhos e olhou severamente as costas do casal de malvados. Agora ela era uma moléstia? Como uma mosca em um lugar fechado? Duvidava que eles voltassem aquele dia, então poderia descansar um pouquinho, só um pouquinho. Uma coisa era certa: morreria de verdade se ficasse nesse apartamento de cobertura sem comida e sem fogo para esquentar-se. Rosellen não queria morrer cheirando a estábulo. Isso verdadeiramente teria acrescentado uma degradação ao seu mal-estar. E já tinha tido bastante de ambos.

* * *

Quando despertou outra vez sua mente não estava tão aturdida. Então sentiu que era momento de fazer um plano. Considerando que não tinha nenhum recurso, suas opções eram incrivelmente simples.

Podia ficar ali e morrer de fome ou poderia ir-se e morrer de fome. Rosellen tinha fome, o que lhe pareceu um bom sintoma. Então decidiu ir à cozinha e escamotear um pouco de pão e queijo. Deus sabia que ela tinha pago por aquela comida com suas cinquenta libras e cinco xelins. Também, alguém na cozinha poderia saber sobre o paradeiro da Fanny. Teria que evitar a cozinheira e aos Merrihew e é óbvio, procurar forma de transporte para retornar a Brighton. Como o oficial local de polícia era lorde Vance e ele tinha entrevistas de meia-noite com miss Merrihew, Rosellen sabia que teria que ir a um lugar mais longínquo para apresentar seu caso.

A senhorita Lockharte se felicitou pela excelência de seu plano. Agora tudo o que tinha que fazer era executá-lo, o qual — ela admitiu — era uma má eleição de palavras considerando suas circunstâncias. Além disso, considerando que não podia levantar a cabeça do travesseiro, isso era mais fácil de dizer do que fazer. Rosellen se estirou até que seus pés estivessem fora da cama. Era um princípio.

Com uma lentidão atormentadora, Rosellen estirou o resto de seu doído corpo. Quase podia ouvir o chiado de suas articulações protestando, lhe dizendo que não a sustentariam. Logo enquanto estava de joelhos no piso sujo, disse uma prece.

— Meu Deus... — Ela começou, seu pai lhe tinha ensinado a começar agradecendo as bênçãos do Senhor — Obrigado por me haver salvo da epidemia e daqueles cavalos assustados. Não queria que seus esforços postos em mim terminassem em nada, então se pudesse me dar uma mãozinha, eu lhe agradecería isso eternamente. Se me ajudar a descer a escada, acredito que poderei seguir sozinha dali em diante.

Aferrando-se ao poste da cama, Rosellen se sustentou para ficar de pé. Desta vez seus joelhos cooperaram o suficiente para mantê-la direita. Um passo, dois passos.

Sua cabeça dava voltas outra vez, mas poderia obtê-lo. Tinha que dar três passos... Quatro. Agora a escada. Um, dois, três... Quantos malditos degraus tinha essa escada?

Muitos. Teve que descansar no pé da escada, ficando sem fôlego para respirar, agarrando-se firmemente ao corrimão de ferro como se fosse um salva-vidas. Mas tinha saído do apartamento de cobertura. Agora os degraus eram mais largos e mais profundos e estavam atapetados. Não teria que agarrar-se tão firmemente. *Obrigada, Deus!* Pois seus dedos frios estavam intumescidos.

Rosellen começou a contar um por um o seguinte lance de degraus, desta vez em voz alta. Por isso não ouviu o ruído de passos detrás dela nem o ruído de uma mão estendendo-se para lhe dar um tranco. Havia três lances de escadas mais, com quatorze degraus cada um, e Rosellen os baixou todos rodando antes de aterrissar na parte inferior.

Desse modo Deus tinha respondido às suas preces, Rosellen pensou, embora essa não era a resposta que tinha tido em mente. E agora rezava para que o detestável CRACK que tinha escutado fosse do corrimão e não de seu pulso. Enquanto estava fazendo isso, antes de perder a consciência, Rosellen pediu ajuda, pois não estava chegando muito longe sem intervenção divina — ou sem a intervenção de alguém mais.

CAPÍTULO 12

Mas a ajuda estava no caminho, em forma indireta, lenta, mas segura.

Os irmãos Heatherstone tomaram um desvio em Woking, onde se inteiraram que haveria um combate de boxe ilegal realizado atrás do estábulo de uma estalagem. Tim apoiou ao ganhador e Thomas apoiou a umas das moças do botequim em um assento vazio. Uma feira estava sendo realizada em Guildford, então ficaram para ver o bezerro de duas cabeças, ao engolidor de facas e à mulher barbada. Oportunidades como essas não se apresentavam todos os dias. Com o bolso cheio de moedas, Thomas ganhou um punhado de réplicas de joias nas rifas. Com o bolso ligeiramente mais volumoso, Tim conquistou os afetos temporários de uma mulher tatuada. Uma oportunidade como essa não se apresentava todos os dias.

Houve uma rixa de galos em Horsham essa noite, então os irmãos ficaram. A senhorita Lockharte devia estar morta a esta altura, então outro dia mais ou dois não poderia fazer nenhuma diferença. Além disso nenhum dos gêmeos se sentia espreitado pelo espírito dela, então por que apressar-se para ter que ouvir as más notícias?

À manhã seguinte, depois de despertar em um estábulo de vacas, com ressaca e com os bolsos grandemente mais fracos, os gêmeos decidiram que as demoras do dia anterior tinham zangado ao espírito da senhorita Lockharte. Se aquela mulher estava começando a vingar-se, então era melhor apressar-se.

Então partiram a toda velocidade como se o próprio diabo os estivesse perseguindo ou uma mulher afirmando estar grávida. Em Horsham as carruagens atravessaram uma ponte estreita. As rodas travaram e Tim saiu voando do veículo. Tom freou seus cavalos e logo voltou para desenredar seu irmão de um riacho. Finalmente tirou seu gêmeo da água. Mas não pôde salvar o chapéu do Tim, o qual flutuava corrente abaixo. Um dos cavalos do Tom ficou coxo e a carruagem de Tim estava prejudicada. Tiveram que dirigir-se lentamente ao Cuckfield, onde alguém poderia fazer as reparações e onde Tim poderia comprar um chapéu novo.

* * *

Lorde Haverhill não via razão para apressar-se. Se sua sobrinha estava morta, bem... Estava morta e isso era algo irreversível. Ninguém mais ia pagar para enterrá-la, então a manteriam até que ele chegasse àquela maldita escola. E se não estava morta, não havia nada que ele pudesse fazer para cuidar de uma mulher doente.

Além disso, o barão tinha intenção de desfrutar daquelas pequenas férias sem sua filha histérica e sem sua esposa depressiva. Sua carruagem estava bem equipada, bem protegida contra bandoleiros e bem sortida com mantimentos da despensa

Haverhill. O cocheiro sabia evitar os poços do caminho e as altas velocidades, pois o barão odiava ser sacudido. O cocheiro também sabia escolher estalagens de boa qualidade, pois o barão amava comer e beber.

Detiveram-se nos subúrbios de Reigate ao anoitecer, em um lugar chamado “A mulher serena”. O que mais podia pedir? A comida era soberba, os vinhos, obviamente entrados de contrabando. Logo o Barão Haverhill necessitou de um descanso para fazer a digestão. E logo decidiu que poderia ficar nesse lugar tão encantado para o jantar. O hospedeiro lhe prometeu que o jantar seria mais rico que o almoço. E a moça que lhe serviu de noite também era mais substanciosa que a do meio-dia. Com o estômago cheio o tio de Rosellen decidiu que ficaria para passar a noite em vez de ter que encarar um fastidioso enterro.

* * *

O visconde Stanford cavalgava. Não gostava de ficar encerrado por horas, sem importar quão cômodo fosse a carruagem. Mas não gostava de cavalgar sob a chuva, então a luxuosa carruagem ia seguindo-o a um passo mais lento caso o clima se voltasse inclemente.

Também tinha intenção de desfrutar daquela liberdade das obrigações que o curvavam na cidade. Um bom cavalo debaixo dele, e céus límpidos em cima de sua cabeça, a família de Wynn e o Ministério da Guerra estavam muito longe. Infelizmente, um homem não podia cavalgar sem sua cabeça e sem seus pensamentos.

Realmente era uma besta desumana? Realmente demonstrava frieza e desdém para aqueles que estavam abaixo dele? Wynn fez um balanço. Seus serventes tinham os melhores pagamentos de Londres com um trabalho mínimo. Os inquilinos de suas terras viviam melhor que muitos nobres. Seus camponeses tinham acesso a escolas e médicos cada vez que os necessitavam. Inclusive suas minas eram as mais seguras da Inglaterra, e não utilizava crianças como empregados. Sentia muito afeto por sua irmã, sem importar o que ela pensasse e tomava o resto de suas responsabilidades com igual seriedade, desde trabalhar no Parlamento até enviar doações aos orfanatos.

Mas a senhorita Lockharte estava morrendo e não podia recordar havê-la conhecido. Possivelmente tinha mostrado certa falta de atenção ao não lhe explicar sua negativa em contratá-la, mas Wynn não tinha o hábito de explicar suas ações a ninguém. Não se equivocou nesse caso, ele decidiu, somente tinha seguido sua conduta habitual. Os parasitas não mereciam sua consideração, as desafortunadas e sofredoras professoras de escola, sim. Segundo sua irmã.

Wynn não podia relacionar a moça calma que era sua irmã com a autora dessa diatribe que tinha recebido.

Segundo a carta, ele era arrogante, presunçoso, frio, desumano e superficial, alguém capaz de machucar outro ser humano sem sequer notá-lo, o que era pior que fazê-lo de propósito.

Definitivamente Wynn Alton não queria ser essa pessoa.

* * *

Rosellen soube que não estava morta. Tinha muitas dores.

Também soube que nunca abandonaria o quarto do apartamento de cobertura viva. Felizmente não pensava que os Merrihews planejassem matá-la imediatamente, não com miss Manley brincando de enfermeira sacrificada uma vez ao dia e lhe trazendo uma maçã ou um pedaço de pão. De fato, se virtualmente não tivesse caído aos pés de miss Manley — Rosellen suspeitava — os Merrihews simplesmente teriam varrido seu frágil corpo à porta como quem varre o pó depois de uma festa. Mas com as alunas curiosas retornando à escola, como justificar tantos “acidentes” com uma só professora?

E Rosellen sofria muitas dores. A cabeça lhe pulsava com força fazendo-a ver duplicado. O braço estava com uma tala e inchado e cada centímetro de sua pele estava arroxado. Teria tomado láudano gostosamente, mas ninguém lhe trouxe o remédio.

Teria trocado a escrivanhinha de sua mãe por banhar-se e limpar-se, mas ninguém queria carregar a tina e os baldes de água.

Com um pouco de sorte — Rosellen considerou — os Merrihews poderiam decidir afogá-la em uma tina para matá-la.

Infelizmente ainda cheirava a esterco de cavalo.

Ao menos tinha vestido a camisola. Uma criada a tinha ajudado a trocar-se, uma garota nova que se recusou a falar com ela seguindo as ordens da diretora da escola. Ela havia trazido um jarro com água, uma tigela com papa de aveia e uma fatia dura de pão. Os esforços culinários da cozinheira não tinham melhorado.

As perspectivas de Rosellen tinham minguado de escassas a inexistentes. Com o pulso direito quebrado, não poderia ensinar caligrafia nem ser contratada como secretária. Nem sequer poderia escrever ao tio Townsend lhe mendigando uma misericórdia inexistente. O que ia ser de sua vida?

Rosellen estava além das lágrimas e além de qualquer esperança.

* * *

A chuva começou quando tinham passado Worthing. Wynn se mudou para a carruagem atando o garanhão marrom à parte traseira do veículo. Deveria ter deixado Júpiter com o moço da cavalaria, quem - se supunha - estava procurando os gêmeos Heatherstone, ao barão Haverhill, e ao Tripp Hayes. Nenhum deles estava onde se supunha que deveriam estar.

Os gêmeos idênticos e ruivos teriam causado uma comoção inclusive em uma cidade como Brighton, onde sua Majestade Real era uma figura usual. Ninguém tinha visto os herdeiros Heatherstone, nem nos hotéis, nem nas salas de jogo, nem nos bordéis. Wynn tinha inspecionado as estalagens enquanto seu cocheiro e o moço dos cavalos esquadriavam os estábulos. Não tinha havido rumores de rixas de galos, feiras ou corridas de cavalos, onde aqueles idiotas usualmente iam quando estavam fora da cidade.

Tripp Hayes não estava na propriedade de sua família em Bognor Regis.

Sua mãe não o tinha visto, não lhe esperava e não podia imaginar por que seu amigo, o visconde Thorense deixaria Londres em plena temporada social. Wynn não podia imaginar uma boa razão para que o valete de seu velho amigo de escola lhe estivesse mentindo. Nenhuma razão honesta.

E o barão Haverhill não tinha passado por Worthing em seu caminho para a Escola de Senhoritas. O lugar era muito pequeno para que os habitantes locais não levassem em conta cada carruagem que passava por ali. A própria chegada de Wynn tinha sido notada por pelo menos quatorze pessoas.

Droga, não ficava nada que fazer exceto visitar a tumba da amiga de Susan. Se tinha chegado tão longe poderia lhe levar um maldito buquê de flores.

CAPITULO 13

Wynn não podia recordar o que fazia que a Seleta Academia de Senhoritas de Miss Merrihew fosse a escola preferida para enviar as juvenzinhas da alta sociedade. Miss Merrihew era tudo o que ao visconde desagradava em uma pessoa. Era rígida e falsamente doce, de cara severa, mas língua adoçada. Era uma falsa, de duas caras, que lhe sorria enquanto maltratava a criada que tinha atendido a porta. A diretora olhou as flores em sua mão com um brilho de cobiça, logo o guiou a um suntuoso salão privado e tentou conquista-lo com chá e bolos. Wynn rechaçou todo tipo de suborno.

— Sinto muito decepcioná-lo, Sua Senhoria — Ela dizia agora, seu sorriso artificial desmentindo o mínimo indício de lamentá-lo. — É muito gentil de sua parte perguntar, mas a senhorita Lockharte já não está entre nós.

— Lamento a perda. — Wynn disse o correto e educado nesse caso. Embora encobrisse uma inesperada ponta de dor. A senhorita Lockharte podia ter estado muito desorientada, mas pelo menos não tinha sido uma adúladora. E agora ele nunca poderia fazer seu desagravo.

— Não é uma grande perda, fique tranquilo — miss Merrihew replicou. — A senhorita Lockharte era uma jovem insolente que não sabia qual era seu lugar.

Isso Wynn podia acreditar.

— E quando morreu? — Ele perguntou porque isso interessaria sua irmã.

— Morrer? — A diretora repetiu. — A pirralha não morreu. — Wynn podia ter jurado havê-la escutado murmurar “Por desgraça” antes que ela adicionasse. — Quero dizer que ela já não forma parte do pessoal da Seleta Academia. Foi despedida por insubordinação.

Por que deveria sentir-se tão aliviado? Wynn sorriu para si mesmo sentindo-se compassivo.

— Informaram-me que ela estava doente. Minha irmã estava muito preocupada e me pediu que fizesse uma visita enquanto estava em Brighton a negócios.

Miss Merrihew agitou uma mão ossuda.

— Ora... Uma pequena indisposição. — Ela não estava disposta a falar da virulenta epidemia ocorrida na escola, no caso que esse cavalheiro conhecesse possíveis pais de futuras alunas. Tampouco estava disposta a confirmar qualquer outra coisa que ele pudesse ter escutado em relação à senhorita Lockharte. — Temo que a febre pareceu afetar seus sentidos. Estava mentalmente muito confusa, tanto é assim que tinha um delírio desatinado de ladrões lhe roubando dinheiro e assassinos tentando matá-la.

— E você a despachou?

A mulher encolheu os ombros.

— O que mais eu podia fazer? Tenho que velar pelo bem-estar de minhas estimadas alunas.

E os bolsos de seus papais, Wynn acrescentou para si mesmo. Demônios, agora teria que seguir a pista dessa mulher e assegurar-se que ela se estabelecesse em um novo emprego.

— Seria tão amável em me dar sua direção, não lhe roubarei mais tempo.

— Tolices, sua Senhoria deve ficar para tomar o chá. Insisto. Esta garota já deveria estar aqui com a bandeja. Além disso chove horivelmente. Não pode desejar partir tão cedo. Não antes que Jonas retorne. — Quem sabia o que um nobre influente como o visconde poderia fazer por ela e pela carreira de seu irmão?

Wynn não voltou a sentar-se.

— Muito amável. Mas somente pegarei a direção e me porei em marcha.

Miss Merrihew apertou os dentes.

— Temo que não posso lhe dar sua direção, Sua Senhoria.

Não poderia ou não queria? Wynn se perguntou. Algo não encaixava. Estudou uma das rosas em sua mão. As pétalas começavam a murchar-se nas bordas. Se não contatasse a senhorita Lockharte logo, as flores ficariam completamente murchas.

— Miss Merrihew, dá-se conta que uma só palavra faria com que pelo menos vinte de suas alunas fossem retiradas daqui? E são apenas os primeiros vinte sobrenomes em que posso pensar, mas é óbvio que poderia haver mais. A juvenzinha do Harrington-Wyte, duas filhas do subsecretário, a filha do Manley...

— Ela está lá em cima. — O sorriso falso foi substituído por uma mandíbula tensa.

Wynn arqueou uma sobrancelha.

— Houve um acidente em Brighton quando ela se estava indo. Ela foi trazida de volta para cá. — Miss Merrihew foi para a porta, agora pronta para despachá-lo.

Wynn não se moveu.

— Quero vê-la.

— Não tenho um maldito hotel! — Logo a diretora se lembrou da juvenzinha do Harrington-Wyte, das duas filhas do subsecretário... — Quer dizer, sinto muito, sua

Senhoria, não é possível que veja a senhorita Lockharte. Sua mente está até mais confusa depois do desafortunado acidente na cavalaria. A professora começou a delirar falando sobre carros, esterco e o céu. Então escorregou nas escadas, por isso tivemos que confiná-la em seu quarto para que não continuasse machucando-se. Estamos.... Oh... Esperando notícias de seus parentes para interná-la no hospital de Bedlam.

Miss Merrihew sorriu outra vez, genuinamente desta vez. Que boa ideia! Faria com que seu irmão procurasse uma cama nesse hospital logo que se desfizesse do visconde.

Bedlam? Wynn sacudiu a cabeça. Na carta, a mulher parecia determinada a fazer-se ouvir, rebelde e vingativa mas não... Louca. Além disso, o manicômio de Bedlam não era lugar para uma dama, sem importar quão baixo ela tivesse caído.

— Você enviaria uma mulher doente a um asilo para doentes mentais? — Ele perguntou.

— O que quer que faça, Sua Senhoria? Tenho uma escola, não um hospital. Penso que fui mais que generosa em deixá-la ficar aqui apesar do fato de que já não forma parte do meu pessoal.

— Estou seguro que você fez tudo o que é caridoso e considerado — Wynn disse, seguro de justamente o contrário. — Eu gostaria de vê-la por mim mesmo.

— Impossível. — A mulher replicou bruscamente, perdendo completamente a paciência. — Nenhum cavalheiro tem acesso ao piso superior.

— Sem dúvida não pensará que eu vá fazer nada impróprio visitando a senhorita Lockharte por um minuto. Vou transmitir-lhe as saudações afetuosas de minha irmã e lhe entregar as flores. Vou ficar na porta. — Ele adicionou secamente.

Miss Merrihew cruzou os braços sobre seu peito plano, uma postura que usualmente fazia com que as alunas e as professoras partissem correndo.

— Não.

Wynn arrancou uma pétala rosada.

— A senhorita Manley.

Outra pétala.

— Minha prima Lucy.

Miss Merrihew se mordeu o lábio magro. Antes que outra pétala caísse ao piso ela soprou.

— Bem.

Ela o guiou através de uma sala um pouco menos suntuosa, logo por um lance de escadas. Wynn podia ouvir risadinhas nervosas próprias das juvenzinhas e ver cabeças desaparecer nas portas dos quartos, mas eles subiram mais lances de escadas. Uma mulher maior com um uniforme cinza e óculos os viu aproximar-se no seguinte lance. Ela fugiu de volta ao seu quarto.

Ainda subiam. A escada se fazia mais estreita e mais escura, e já não era atapetada. O corrimão de ferro era áspero. Wynn não o tocou. Miss Merrihew ofegava. Wynn teve que baixar a cabeça para meter-se debaixo de um dintel. Miss Merrihew abriu uma porta sem golpear, logo deu um passo atrás.

— Aqui está, Sua Senhoria, você queria vê-la. Olhe-a.

Wynn se abaixou e entrou no quarto. Não era maior que um armário. Possivelmente alguém tinha criado pombas ali alguma vez. Cheirava a isso, a gaiola de aves. Tirou um lenço do bolso e o pôs sobre seu nariz enquanto continuava observando. Havia uma estreita cama e uma bacia sobre uma mesa contra a parede e ganchos cravados para pendurar roupa — embora não tivesse roupa pendurada.

No piso havia uma bolsa, um farrapo cinza enrugado como o uniforme que a outra professora tinha posto e uma escrivaninha portátil. Na mesa havia um jarro amolgado, um pedaço de pão com mofo nas bordas e o miolo de uma maçã.

Mas na cama... Oh... Na cama estava a imagem mais deprimente que jamais tinha visto. Wynn tirou seu monóculo para ver melhor e logo lamentou havê-lo feito.

Nunca tinha visto uma cena mais triste da humanidade que a dessa mulher sob uma manta puída, nem nos orfanatos aos que contribuía nem nos asilos para pobres aos quais doava dinheiro, nem sequer nos subúrbios mais paupérrimos de Londres.

— Deus! — Ele disse. — Pensei que me havia dito que ela não estava morta.

CAPÍTULO 14

Rosellen reticentemente abriu os olhos, sabendo que o quarto começava a girar outra vez. O que ela viu não foi muito alentador.

— Estou morta. — Ela gemeu. — E aqui está Belzebú... Duplicado.

Miss Merrihew ofegou, não se sabia se pela rabugice de Rosellen ou pela ascensão subindo as escadas.

O visconde só murmurou.

— Ah, uma moça tão doce como supus depois de ter lido sua carta.

— Lamento-o, mas me esgotaram as palavras doces, lorde Stanford. E deverá me perdoar por não lhe fazer uma reverência.

— Ao menos sua mente está intacta. Recorda-me?

Recordá-lo? Como poderia esquecer o homem que tinha arruinado sua vida, especialmente quando se tratava do homem mais atraente de toda a Inglaterra? E o mais rude. Agora, no pior momento de sua curta existência, ele tinha que voltar a aparecer. Rosellen gemeu outra vez.

Ali ela estava, com a camisola suja, com o cabelo como um ninho de esquilo e o rosto inchado como o traseiro de um mandril — esses eram os aspectos mais notáveis de sua aparência.

Stanford era tão bonito como ela recordava. Seu cabelo escuro ondulado, seu nariz reto, sua mandíbula quadrada e partida com uma fenda. Estava vestido elegantemente. O único enguiço que Rosellen poderia lhe ver era a postura encurvada que ele adquiriu enquanto a observava com o monóculo. Odiava esse monóculo. O muito covarde estava vendo suas imperfeições com um vidro que as amplificava dez vezes.

— Odeio-te. — Ela conseguiu dizer através do nó em sua garganta. Tragou em seco. Esse asno arrogante podia ver que ela estava em uma situação difícil, mas não deixaria que a visse chorar.

— Agora entende por que eu não queria que a visitasse, Sua Senhoria. — Miss Merrihew disse. — Tem a mente perdida, tal como o disse. A garota está louca.

Ou é muito honesta. Wynn não podia recordar a última vez que alguém o tinha rechaçado dessa forma. Deu um passo para mais perto da cama.

— Senhorita Lockharte, lamento que se sinta deste modo, e lamento sua situação. Há algo que necessite?

Rosellen poderia ter rido, se não tivesse o lábio inchado.

Estava despojada, paralisada e em perigo de vida. O que poderia necessitar desse imbecil que tinha tudo?

— Vá embora.

Ele sacudiu a cabeça.

— Não quero aumentar seu desassossego. Somente quis te trazer as saudações afetuosas da minha irmã e estas flores.

Wynn estendeu o ramo e logo se deu conta que as mãos da senhorita Lockharte estavam amarradas. Olhou ao seu redor procurando algum maldito lugar onde pôr o buquê de flores. Essa era a última vez que escutaria sua irmã, Wynn disse a si mesmo. Definitivamente a última vez. Ele não tinha nada que ver nem fazer com solteironas loucas. Decidiu deixar as flores sobre a cama ao lado dela. Ao menos assim poderia as cheirar. Tinha deixado um pouco de dinheiro ao porteiro no portão de entrada. Susan teria que contentar-se com isso.

— Irei então.

O alívio de miss Merrihew era óbvio quando lhe pediu outra vez que ficasse para tomar o chá. Wynn começou a segui-la para fora, sua missão tinha sido concluída tão pouco satisfatoriamente como todo o resto que tinha encarado recentemente, mas se voltou para olhar para trás e viu uma lágrima. Uma só lágrima rodando pela bochecha arroxeadada, viajando de um olho negro semifechado ao queixo com um corte. Wynn amavelmente lhe tocou a mão que jazia fracamente sobre a manta.

— Senhorita Lockharte?

Obviamente o visconde Stanford era a resposta às suas preces vinda do céu. O céu certamente devia ter um perverso senso de humor, pois ele não era a resposta que ela esperava. O elegante visconde Stanford estava parado ali, em um quarto deserto de uma professora pobre. Esse era o milagre. Não podia dar-se ao luxo de despachá-lo, mesmo se seu orgulho fosse a única coisa que ficava.

Rosellen se mordeu o lábio inchado saboreando a lágrima salgada e sussurrou.

— Por favor, senhor, necessito de ajuda.

Wynn mudou direção para Miss Merrihew.

— Acredito que tomarei o chá depois de tudo, tomarei aqui com a senhorita Lockharte.

— Aqui? — Ela grasnou. — Não pode ficar aqui!

— Claro que posso. Não é ao que eu estou acostumado, mas se a senhorita Lockharte pode viver aqui, eu me atreveria a passar um momento neste lugar.

— Isso... Não é correto.

Wynn tirou seu monóculo outra vez e deu à dama um olhar que lhe recordou quem era ele.

— Se, como você me disse, a senhorita Lockharte já não pertence ao seu pessoal, sua reputação não deveria preocupá-la. Mas é óbvio, deixaremos a porta aberta. — Ele colocou o buquê de flores nas mãos da diretora. — E se fosse tão amável poderia encontrar um vaso para estas flores enquanto ordena que nos enviem o chá?

Como deu uns passos mais perto da cama, Wynn se golpeou a cabeça com uma viga do teto.

— Inferno! — Ele murmurou e logo adicionou. — Perdão.

Rosellen sorriu interiormente, estranhamente aliviada porque ele não era tão pomposo depois de tudo.

Esfregando a cabeça, Wynn olhou ao seu redor. Não poderia permanecer parado e encurvado ou teria uma cãibra permanente no pescoço. Mas ali não havia nenhuma cadeira. Encolheu os ombros, logo se sentou no piso sujo ao lado da cama baixa. Graças a Deus seu valete ficara em Londres.

— Bem, senhorita. — Ele disse. — Como posso te ser útil?

Ele realmente queria ajudá-la! Rosellen estava tão emocionada que mal podia falar. Tragou duas vezes antes de poder lhe dizer.

— Preciso chegar a Brighton. Poderia... Me levar?

Possivelmente ela tinha família em Brighton ou amigos que a albergariam.

Estaria muito melhor do que estava aqui. Não havia unguentos para seus cortes, nem gelo para o inchaço, nem nenhum outro remédio, nada que alguém associasse com o quarto de um doente. Wynn viu uma solução fácil e rápida ao problema.

— Seria um prazer, senhorita. Vou para lá. Mas está segura que você está em condições para fazer a viagem? Essas escadas somente ... — Ele gesticulou para a porta do apartamento de cobertura... — Parecem muito tortuosas para sua condição.

— Oh, desci bastante bem a última vez. Mas subir foi um problema. De qualquer modo, não posso ficar aqui.

Wynn assentiu com a cabeça. Não sabia por quanto tempo mais poderia tolerar aquele quarto fétido.

— Estou de acordo que este não é o ambiente mais saudável.

Rosellen emitiu um som que quase era como uma risada afogada.

— É por isso que tenho que chegar ao escritório do magistrado em Brighton. Estão tentando me matar.

O coração de Wynn se afundou perdendo a esperança que miss Merrihew tivesse exagerado em relação à condição mental da professora. Ela não tinha amigos em Brighton, ela queria recorrer à polícia.

— Não pode ser. — Ele disse, tentando falar levemente.

Mas ela continuou firme.

— Sim, estão tentando me matar. Me empurraram pela escada quando não puderam me estrangular ou me sufocar. E também fizeram com que aqueles cavalos se enfurecessem, embora não estou muito segura de como o fizeram.

— Eles...?

Rosellen compreendeu a pergunta.

— Os Merrihews, é óbvio. Oh, e roubaram meu dinheiro.

— Miss Merrihew lhe roubou? — Pareceu-lhe um bom ponto por onde começar, Wynn pensou. Se pudesse fazer com que ela visse o disparatado de suas acusações, possivelmente haveria uma esperança para ela.

— E seu irmão. É por isso que preciso chegar a Brighton, assim a polícia encontrará Fanny, quem poderá explicar todo o acontecido. — Rosellen sabia que falava desordenadamente e podia ver a incredulidade em sua cara. Em suas duas caras.

Fechou os olhos para fazer com que a imagem dupla se fosse. Tinha que fazê-lo entender e tinha que fazê-lo antes que miss Merrihew retornasse ou antes que ela mesma ficasse sem energia.

— Fanny era uma criada daqui antes que a jogassem e ela poderia explicar sobre o dinheiro. Se a encontro, vai escutar-me.

— Senhorita Lockharte, considerou que se suas moedas desapareceram e se Fanny, a criada, tiver desaparecido talvez ambas desapareceram juntas?

— Não, não Fanny. Ela é uma boa garota e é minha amiga. Além disso, não era um punhado de moedas, eram cinquenta libras. E uma coroa, para ser exata.

Mais delírios. Wynn suspirou.

— Senhorita Lockharte...

Os dedos de sua mão se agarraram com força às mantas.

— Sei o que está pensando: De onde demônios esta professora louca tirou cinquenta libras? Esse é o problema. Não estou muito segura, mas Fanny sabe. Eu tinha febre quando o mensageiro veio. Com uma grande carruagem. Com uma peruca branca.

— Rosellen abriu os olhos para ver sua reação, logo os fechou rapidamente, antes que outra lágrima pudesse escapar. — Não me acredita.

— Acredito que estava doente e desesperada. E que teve uma queda muito forte. Mas daí a pensar que miss Merrihew e seu irmão... É um clérigo, não é? Estejam tentando te assassinar por cinquenta libras...

— Não se tratava do dinheiro a princípio. Tentaram me matar inclusive antes que o dinheiro chegasse.

— Antes...? — Ele a pressionou.

Rosellen voltou o rosto para a parede.

— Foi porque eu escrevi umas cartas.

Wynn esclareceu garganta.

— Estou muito consciente de que tem escrito cartas.... Oh, meu Deus, não me diga que escreveu uma carta aos seus patrões?

Ela assentiu com a cabeça, logo gemeu de dor.

— Aos dois.

Wynn parou tão rapidamente que se golpeou a cabeça outra vez. Furioso ele exigiu.

— Que classe de idiota faria uma coisa assim? — Agora queria estrangulá-la. — O que esperava que aconteceria?

— Esperava morrer, era isso o que eu esperava!

— E decidiu dar rédea solta ao seu desejo de vingança, não é? Igualmente isso pode arrumar-se com uma desculpa. O senhor Merrihews pode te perdoar. Ele é um religioso depois de tudo.

— Não, você não entende. Eu vi coisas aqui, compilei informação que poderia prejudicar suas reputações e arruinar a escola.

— E os ameaçou com isso? — Wynn virtualmente gritou.

— Eu pensei que estava morrendo. — Ela repetiu.

Wynn não sabia no que acreditar ou o que pensar desta mulher. Ou era a idiota maior do mundo ou era vítima de um desvario paranoico. Sentiu-se aliviado quando uma criada chegou à porta e tossiu. Trazia uma bandeja e procurava um lugar para colocá-la.

— Eu pegarei isso — Wynn disse inclinando a cabeça para lhe indicar que podia partir. Ela fugiu como um camundongo assustado.

Wynn colocou a bandeja no piso, notando que esse não podia ser o chá que lhe teria sido servido no salão privado da diretora. O bule era de barro e o prato tinha duas fatias de pão. A senhorita Lockharte estava recostada na cama observando a escassa comida como se fosse maná descido do céu.

— Sirvo-te? — Ele perguntou, já fazendo-o. — Açúcar?

— Por favor. — Rosellen se mordeu o lábio inchado.

— Um ou duas colheradas?

— Quatro.

Ele colocou uma fatia de pão na mão sã e a observou enquanto ela se esforçava por levá-la à sua boca. Droga, desse modo ela nunca poderia tomar a xícara de chá. Wynn se inclinou e aproximou a xícara de seus lábios. Ela tragou, logo levantou a vista.

— Estou tão contente que esteja aqui. Assim posso estar segura que não envenenaram o chá.

Deus, Wynn pensou enquanto a alimentava com todo o conteúdo da bandeja e a metade do bule, ela estava morta fome. Além de estar louca de atar.

CAPÍTULO 15

— Não pode ficar aqui. — Quando a senhorita Lockharte tinha tragado o último miolo, lorde Stanford tinha tomado uma decisão.

Rosellen suspirou aliviada e saciada.

— Acredita em mim, então.

Wynn não acreditava uma palavra do delírio absurdo.

Os Merrihews eram pilares da sociedade. Miss Merrihew era uma educadora respeitada e seu irmão era um clérigo. Não eram assassinos e nem ladrões. Essa era a Escola para Senhoritas, por Deus, não um reduto de depravação.

Por outra parte, a senhorita Lockharte não era apreciada por miss Merrihew, a julgar pelo silêncio da diretora ao ver o tratamento que a professora recebia nesse sufocante chiqueiro. Em honra à verdade, quando o visconde despedia um criado insolente não se ocupava do que acontecia em sua vida para sempre.

Efetivamente, os Merrihews já não tinham por que ocupar-se da senhorita Lockharte. Tampouco se ocuparam muito de cuidá-la, Wynn pensou com irritação e estavam determinados a enviá-la a um asilo para dementes. Isso seria um ato homicida. Wynn estava disposto a enviá-la a alguma de suas propriedades menores para recuperar-se. Deus sabia que já tinha muitos pensionistas; mais um a mais não faria diferença se ela nunca recuperasse sua saúde física ou mental.

Wynn disse a si mesmo que faria isso por qualquer alma desgraçada, não só para apaziguar sua consciência suja e certamente não porque debaixo de todas aquelas contusões havia uma juvenzinha de olhos turquesas.

— Farei que meu cocheiro retorne para te buscar logo que o médico diga que está suficientemente bem para viajar.

— Que médico, Sua Senhoria? Não mandaram chamar o doutor, pois não queriam que eu falasse com ele.

— Quem enfaixou seu braço então?

— Jake, o homem que faz a manutenção da escola.

Ela falou tão sinceramente que Wynn não podia decidir se o que dizia era verdade ou outro de seus delírios.

— E não tinham medo de que falasse com Jake? — Deus, ele soava tão delirante como ela nesse momento .

— Jake não se atreveria a falar com as autoridades ou perderia seu trabalho. E ele tem três crianças para alimentar. Não importa. Tenho que ir hoje.

— Para ver a polícia em Brighton?

— Para ver outro amanhecer.

Era um bom ponto, Wynn lhe concedeu. Poderia levá-la a Brighton, onde um doutor poderia examiná-la para assegurar-se que Jake a tinha enfaixado bem e para iniciar sua recuperação ali. Ele não teria que atendê-la. Ela necessitava de uma enfermeira, isso era o que necessitava. Se esforçou para não pensar em como contrataria uma enfermeira, mas deixaria a senhorita Lockharte em boas mãos e seguiria com as investigações. Poderia enviar a carruagem para recolhê-la em uma semana ou duas e enviá-la a alguma propriedade longe de pessoas que pudessem interpretar mal seus delírios.

— Muito bem. — Wynn ficou de pé cautelosamente para não golpear-se com as vigas. — Te esperarei fora com a carruagem. Não suporto outro minuto em companhia de miss Merrihew.

Rosellen se sentia revitalizada pela comida e pela esperança desse resgate iminente. Mas não era suficientemente valente para tentar caminhar outra vez.

— Sua Senhoria, se incomodaria em esperar aqui no apartamento de cobertura? Eu... Oh... Não acredito que realmente possa descer as escadas sozinha.

— É óbvio que não. Assumi que miss Merrihew mandaria uma criada ou alguém para te ajudar.

— Não! Ela não deve inteirar-se que vou. — Rosellen tentou agarrar sua mão mas tomou o punho do casaco em vez disso. Inclinou-se para frente. — Ela tentará me deter! Eu sei!

— Está muito equivocada, senhorita Lockharte. Acredito que ela ficará feliz de saber que não terá que vê-la mais.

Rosellen ignorou suas palavras.

— Mas, me esperará aqui? Não descera sem mim?

Wynn deu batidinhas torpes em sua mão magra, agradecido outra vez porque seu valete estava em Londres e não podia ver o dano que estava fazendo a um de seus casacos mais finos. — Não irei sem você. Mas poderia tentar começar a se preparar sozinha?

Rosellen pensou que poderia se conservasse os olhos fechados e não fizesse nenhum movimento brusco. Assentiu com a cabeça, logo gemeu. Não melhoraria fazendo isso.

- Se me passar meu uniforme e minha bolsa.
- O farrapo que estava no piso? Esta coisa cinza?
- Sim, me tiraram todas as minhas outras roupas, então...
- Não me diga isso, para que você não fuja.

Wynn pôs o andrajoso uniforme cinza ao lado dela, logo encontrou a gasta bolsa de viagem debaixo da cama.

- Aqui está. Estarei do outro lado da porta.

Suando, Rosellen conseguiu subir as meias até a metade de suas panturrilhas. Decidiu deixar a camisola debaixo do vestido em vez de trocar-se e porque nunca ia conseguir tirar o braço enfaixado pela manga estreita. Colocou o gasto uniforme pela cabeça antes de deixar-se cair da cama.

Wynn ouviu o ruído surdo e um grito de dor. Meteu-se no quarto e se golpeou a cabeça com uma viga.

- Por todos os infernos!

A senhorita Lockharte estava no piso lutando com seu vestido. Colocou-a de pé fazendo-a agarrar-se ao poste da cama e lhe baixou o vestido. Apesar dos coloridos machucados, sua cútis estava tão cinza como o vestido. A via mais miserável, se isso era possível.

- Bem, partamos então. — Ele tentou soar alentador enquanto pegava a bolsa.
- E a escrivaninha portátil da minha mãe?

Droga, a escrivaninha portátil.

— Bem. — Ela assentiu com a cabeça e imediatamente começou a deslizar-se para o piso.

Wynn deixou cair a bolsa — e a escrivaninha portátil — e se apressou a apanhá-la. Mas primeiro se golpeou a cabeça contra a viga.

Diabos, tinham que ir-se dali agora mesmo. Fora, sem incomodar-se em pedir permissão, pôs uma mão debaixo dos joelhos da senhorita Lockharte e a outra em suas costas e a levantou. Essa mulher pesava menos que uma cadeira de montar.

- Voltarei por sua bolsa. — Lhe disse iniciando a descida.

— E a escrivaninha portátil?

— E pela escrivaninha portátil. Que o céu nos proteja de que escreva mais cartas.

— Wynn poderia ter jurado que a mulher em seus braços riu.

Quando alcançaram o primeiro piso, a mesma professora com uniforme cinza estava ali.

— Eu nunca...! — Ela declarou deixando cair seus óculos.

— Não me surpreende... — Wynn disse. Sim, definitivamente a professorinha ria. A senhorita Lockharte tinha no fundo bom humor para entender uma situação como essa.

Logo um grupo de alunas mostraram suas cabeças de uma das salas de aula, seus olhos se abriram enormemente até que uma voz severa gritou:

— Senhoritas!

Miss Merrihew estava esperando ao pé da escada.

— Você não pode fazer isto, Sua Senhoria.

— Por que não? — Wynn ainda tinha a senhorita Lockharte em seus braços.

— Por que? — A diretora balbuciou. — Por que? Porque você simplesmente não pode sair daqui carregando uma das minhas professoras, por isso.

— Mas pensei que você me havia dito que ela tinha permissão para partir. De fato, estou muito seguro disso. Além disso ela não deseja ficar aqui, não é, senhorita Lockharte?

Rosellen se agarrou ao seu pescoço mais firmemente com a mão sã...

— Eu acredito que não. Vamos então.

Miss Merrihew estava na soleira da porta agora, os braços cruzados militarmente sobre seu peito.

— Não, não permitirei isto... Este comportamento é escandaloso.

— Mais escandaloso do que não haver mandando chamar um médico ou prover a alimentação adequada? Não concordo, senhora.

— Mentiras! — Ela chiou. — Tudo mentiras. Lhe disse que ela é uma mentirosa. Esta pirralha esteve doente, isso é tudo.

— E eu a levarei onde possa convalescer, isso é tudo.

Os olhos de miss Merrihew se estreitaram.

— E onde seria esse lugar, Sua Senhoria? Estou segura que meu irmão, o Reverendo Merrihew, não aprovará isto.

Se Wynn não fosse bem educado teria respondido que lhe importava um nada a aprovação ou não de seu irmão. Em vez disso lhe informou.

— Primeiro a levarei a uma estalagem entre Worthing e Brighton. Se seu reverendo irmão deseja discutir o assunto comigo, tenho algumas palavras que eu gostaria de lhe explicar, como por exemplo fé, esperança e caridade. Bom dia.

A senhorita Lockharte sussurrou “Bravo!” em seu ouvido e fez com que Wynn sorrisse, até que se deu conta que não poderiam fazer a grande saída triunfal que ela se merecia. A porta principal estava fechada, por um lado e pelo outro, não tinham seus casacos. O dele jazia sobre uma cadeira perto da entrada, com o chapéu e as luvas sobre uma mesa.

— Onde está sua capa?

Rosellen não sabia o que tinha sido de sua blusa depois do incidente nos estábulos de Brighton.

— Não necessito de capa. Somente partamos daqui, por favor.

— Chove e está muito úmido lá fora e já está com má saúde. — Ele cuidadosamente a colocou em uma cadeira, apartando a um lado seu próprio casaco.

Não havia nada mais importante que partir desse lugar.

— Se quer saber, dei minha capa a Fanny para que despachasse minhas cartas.

Wynn somente sacudiu a cabeça.

— Deu-lhe seu único casaco?

— Já lhe disse isso, pensei que estava morrendo. Não pensei que necessitaria de uma capa vermelha para onde eu iria e Fanny a necessitaria.

— Você não pensou. Nunca conheci alguém com um comportamento tão impulsivo como o teu.

— Tão tolo, quer dizer.

Ele não respondeu, muito ocupado em decidir quais de suas propriedades estavam mais longe do alcance de sua impressionável irmãzinha.

Susan era suficientemente influenciável sem essa mulher ao seu lado. Infelizmente as propriedades da Jamaica ficavam muito longe para o estado de saúde da professora. Os nativos Cornwall eram muito supersticiosos. Poderiam pensar que os contos da senhorita Lockharte fossem obra do diabo. Teria que ser Yorkshire. Nem as

ovelhas nem os pastores taciturnos acreditariam nos delírios inverossímeis, nem que ela lhes advertisse que o rei da Inglaterra estava a ponto de assassiná-los. Não obstante, o rei da Inglaterra estava tanto mais louco que a senhorita Lockharte.

Enquanto pensava Wynn ajustava seu próprio casaco ao redor dela. Droga, ela necessitaria de um chapéu. Essa mulher não devia morrer de uma pneumonia — jurou-se — não enquanto estivesse a seu cargo. Por sorte sua capa tinha um capuz. O visconde colocou o chapéu, colocou as luvas no bolso e tomou a capa da mesa auxiliar. Lançou-a sobre seu cabelo — sem preocupar-se em despenteá-la — e a atou debaixo de seu queixo. Podia ouvir miss Merrihw falando ao fundo, então deixou uma moeda sobre a mesa nua.

— Pronto, agora estamos preparados para partir. — Desta vez Wynn abriu a porta principal antes de levantar a senhorita Lockharte em seus braços. Sem olhar para trás e sem dizer adeus à proprietária da escola, o visconde Stanford caminhou para onde sua carruagem o esperava. O cocheiro saltou da boleia e se apressou a abrir a porta da carruagem.

— Entra e vá a essa porcaria que chamam apartamento de cobertura, onde estão o resto dos pertences da senhorita Lockharte. Uma bolsa de tecido e uma pequena escrivaninha portátil. E, Tige, não abra a boca.

Enquanto esperavam a volta do cocheiro, Wynn tentou fazer com que sua companheira se sentisse o mais cômoda possível.

— Sinto muito, só há um travesseiro.

Mas estava limpo e ela estava quente. Rosellen ia estar segura. Ela não sabia o que o amanhã poderia lhe trazer, mas por agora estava fora de perigo. Agora poderia chorar.

— Maldição — Wynn exclamou olhando impotentemente ao Tige quando o cocheiro lhe entregou a escrivaninha portátil e a bolsa.

Tige somente encolheu os ombros.

— Não sei nada sobre garotas que choram, meu lorde. Se ela fosse uma égua eu poderia...

— Partamos de uma vez — Wynn pediu.

— Sim, meu lorde.

Wynn encontrou o frasco que sempre levava no painel da porta.

— Aqui está, senhorita Lockharte, isto te ajudará a acalmar os nervos.

Ela levantou a vista para que ele pudesse ver aqueles assombrosos olhos turquesas alagados de lágrimas.

— Não, não acredito que deveria beber álcool. Meu estômago...

— Se sentirá melhor com o brandy, juro-o. — Ele aproximou o frasco de seus lábios e pressionou até que ela tragou. Não tinha ideia de quanto ela tinha tomado, mas ela tossiu e a cor retornou às suas bochechas por debaixo dos machucados. — Assim está melhor. — Ele disse, tomando um gole.

O visconde tinha razão, Rosellen se maravilhou com o calor ardente que se propagou por seu peito. E se sentiu uma parva por chorar agora que lorde Stanford a tinha resgatado daquele maldito apartamento de cobertura. Se aconchegou dentro de seu casaco, tentando não notar as sacudidas da carruagem. Embora o veículo tivesse bons amortecedores, sua cabeça ainda girava, inclusive com os olhos fechados. Tentaria não pensar nisso.

Voltou a reviver o resgate heroico do visconde.

Rosellen duvidava que o Almirante Nelson poderia haver feito frente à miss Merrihew tão corajosamente. Além disso, lorde Stanford poderia ter chamado seu cocheiro para levá-la, mas o visconde em pessoa a tinha carregado em seus braços fortes. Ele a tinha envolto em seu casaco e se assegurado que suas posses fossem recolhidas. Ele não somente ia leva-la a Brighton. Ia dar-lhe uma nova oportunidade na vida.

Por quê?

Enquanto a carruagem continuava sacudindo, Rosellen se perguntou por que um cavalheiro do nível do visconde se preocupou por uma garota como ela. Por que ele a resgataria quando poderia havê-la conformado com umas poucas moedas? Um pouco de dinheiro deveria ter satisfeito o sentido de dever que o havia levado para a escola, em primeiro lugar.

Então por que a tinha resgatado? Esse homem era um aristocrata de unhas arrumadas, um déspota orgulhoso, como ela sabia bem. Mas ele não tinha ignorado suas súplicas.

Por quê?

Rosellen abriu os olhos para estudar ao homem no assento em frente dela. Ele olhava fixamente fora do guichê, impientemente tamborilando os dedos em sua coxa. Rosellen ainda via em dobro, o que perturbava seu estômago. O brandy também estava fazendo um duro efeito. Mas ela manteve os olhos abertos, estudando seu semblante em busca de respostas. Era devastadoramente bonito com seu cabelo escuro e caído sobre a testa, incitando qualquer mulher a tocá-lo, a acomodá-lo... Era um galã canalha muito experiente.

Canalha?

Rosellen nunca poderia pagar a dívida que tinha com esse homem, pelo menos não com dinheiro. Com que mais ele poderia esperar que ela pagasse? Rosellen esclareceu sua garganta e declarou:

— Não me converterei em sua amante.

Wynn quase caiu do assento. Não tinha bebido tanto brandy, não é?

— Perdão?

— Eu disse que não me converterei em sua amante, Sua Senhoria.

Ele olhou à patética garota perdida dentro de seu casaco, com uma cara machucada que poderia assustar a qualquer pessoa. Wynn não pôde conter-se. E riu. E continuou rindo-se, batendo em seu joelho até que lágrimas se deslizaram por suas bochechas.

— Sua Senhoria, por favor detenha esta carruagem.

Ele elevou a mão.

— Minhas desculpas, senhorita Lockharte, mas a ideia que você seja... que pense que pode ser... — Ele explodiu em risadas outra vez.

— Por favor, senhor, temo que vou...

— Lamento-o, verdadeiramente. — Mas ele não deixou de rir nem deteve a carruagem.

— ... Vomitar. — E assim foi. Rosellen vomitou sobre suas botas preferidas. Agora Wynn verdadeiramente o lamentava. Golpeou violentamente o painel dianteiro da carruagem até que o veículo se deteve.

— Me adiantarei a cavalo para fazer os acertos na estalagem — disse a seu cocheiro. — Necessitaremos de um doutor e de alguém que se ocupe em alimentá-la. Medicamentos e esse tipo de coisas. Te encontrarei lá.

— Mas seu casaco, meu lorde. Ainda chove.

O visconde Stanford já estava na metade do caminho a Brighton.

CAPITULO 16

Miss Mirabel Merrihew tinha por costume saber tudo o que acontecia na alta sociedade. E sabia que nunca deixaria que os amalucados gêmeos Heatherstone se aproximassem de qualquer uma de suas garotas. Os pais não lhe estavam pagando — e muito generosamente — para deixar que suas filhas tivessem contato com esses inapresentáveis.

O que miss Merrihew não sabia era se os irmãos Heatherstone tinham uma irmã ou uma prima a quem eles desejavam inscrever em sua academia, então aceitou recebê-los apesar do dia ocupado que tinha tido. Não havia nada mais que ela pudesse fazer em relação à senhorita Lockharte. Miss Merrihew já tinha contado todo o acontecido ao seu irmão Jonas e inclusive tinha escrito uma nota ao benfeitor da escola, lorde Vance. Fazendo que ele assumisse a responsabilidade do que aconteceria dali em diante.

Maltratou a criada que lhe trouxe os cartões de visita dos gêmeos e gritou a umas alunas para que subissem as escadas antes de abrir a porta da “sala apresentável”. Uma sala que as alunas nunca viam salvo os dias de visita de seus pais. Dois cavalheiros com forte aroma de cavalo ficaram de pé, deixando rastros de barro e esterco no caro tapete turco. Um deles segurava um chapéu molhado entre suas mãos. O outro parecia um esquilo empapado.

A maioria das pessoas vendo esses ruivos idênticos com suas sardas profusas e seus sorrisos amplos usualmente ficava enfeitiçada e fascinada. Mas miss Merrihew não estava encantada e nunca esbanjava sorrisos com ninguém exceto seus mais influentes clientes. E nesse momento lamentou ter esbanjado suas cortesias naquele horrível visconde.

Não estava disposta a tratar bem a dois imbecis que viajavam em carruagens abertas em dias de chuva. E se eles não dispunham de dinheiro para comprar uma carruagem decente, ela não ia perder seu próprio tempo. A menos que eles dissessem que tinham uma irmã para inscrever na Academia. Negócios são negócios. Negócios são sorrisos, para miss Merrihew.

— Cavalheiros, no que posso ajudá-los? Estou particularmente ocupada esta tarde.

Sentiu-se particularmente irritada ante seu pedido de ver a senhorita Lockharte. O que podiam querer esses dois pirralhos aristocráticos com uma marginal que trabalhava para viver? Miss Merrihew sabia que a senhorita Lockharte nunca se comunicara com a família de seu tio, nem tinha recebido cartas de outros cavalheiros nos anos em que ela tinha estado na Academia. Miss Merrihew teria se informado porque teria lido a carta antes que ela.

Todavia, o mais preocupante para a diretora era a ideia de que essa juvenzinha irreverente tivesse tão boas conexões sociais. Primeiro lorde Stanford, agora estes dois imbecis que pertenciam à nobreza. A senhorita Lockharte era ainda mais perigosa para Miss Merrihew e para sua escola do que ela imaginava.

Com os olhos estreitados miss Merrihew perguntou.

— De que tema desejavam falar com a senhorita Lockharte, cavalheiros? Não posso acreditar que vocês se conheçam.

— É algo muito pessoal. — Um dos gêmeos respondeu.

— Algo muito privado. — O outro respondeu.

— Já vejo. — Ela disse pressentindo um novo problema.

— Bem, não podem falar com a senhorita Lockharte porque ela se foi.

— Se foi? — Tom repetiu enquanto seu irmão gritava. — Foi? Quer dizer que chegamos muito tarde? Maldição, estamos afundados!

— Não, seremos soldados de Infantaria. Então deve dizer “estamos perdidos ou fuzilados”. Afundados seria se entrássemos na Marinha. Sente-se bem? Ela ainda não começou com sua vingança do Além?

— Não, mas é melhor que nos apressemos a nos inscrever no exército.

— Mas o que fazemos com este gatinho, irmão? Não podemos devolvê-lo aonde o encontramos, afogando-se naquele riacho.

— Deveríamos ter trazido um cão. Disse-lhe isso, Tim. Ela não mencionou um gato na carta, era um cão.

— Qual é a diferença se ela já está morta?

Miss Merrihew já tinha tido o suficiente com aqueles dois cavalheiros pensando que Rosellen estava morta quando aquela ingrata de merda estava muito viva para seu próprio bem.

— Cavalheiros, Rosellen Lockharte não faleceu. Ela se foi com o Visconde Stanford.

— Stanford, o mais bonito de todos? — Tim perguntou.

— Stanford, o mais encantador de todos? — Tom perguntou.

— Stanford o mais canalha de todos — Miss Merrihew respondeu. — O muito covarde chegou em sua carruagem e a levou sem sequer falar comigo antes. — Ela queria

dizer que o visconde não lhe tinha pedido permissão, mas os gêmeos entenderam que o visconde a tinha sequestrado contra sua vontade.

Tom olhou seu irmão.

— Ela não é seu tipo.

— Ela não é o tipo de nenhum cavalheiro. — Tim respondeu.

— Então que diabos queria Stanford com ela?

Ambos olharam à miss Merrihew, quem lhes respondeu.

— Nada bom, disso podem estar seguros. A professora estava sob meus cuidados e ele a roubou, apesar dos meus argumentos. Não me surpreenderia se ela pegasse uma pneumonia agora.

Nada a faria mas feliz.

— A roubou?

— E ainda pode morrer?

Os gêmeos se olharam. Obviamente tinham que resgatar a senhorita Lockharte antes que ela fosse ao inferno e os atormentasse dali.

Os irmãos Heatherstone partiram com tanta pressa que Tim esqueceu o chapéu. Miss Merrihew estava tão zangada que o lançou ao fogo da chaminé. Por sorte os gêmeos não se esqueceram do gatinho.

Partiram apressadamente e na direção correta por pura sorte. Tim conduzia o veículo.

— O que vai fazer quando os alcançarmos? — Seu irmão quis saber.

— Roubar a donzela, é óbvio. Nenhum homem — embora seja um visconde — pode andar roubando professoras de escola, não te parece?

Tim assentiu e Tom considerou que Stanford poderia não estar disposto a devolver a donzela.

— Oh, Tim, você tem uma pistola?

Tim procurou debaixo do assento e tirou uma pistola.

— É melhor que eu o tenha. — O outro disse. — Você tem as rédeas.

— Você tem ao gatinho.

— Eu sou melhor disparando.

Tim desacelerou os cavalos.

— Sabe, Stanford é melhor disparando que qualquer um de nós dois.

Tom assentiu com a cabeça.

— Nunca falha quando pratica tiro ao alvo em Manton. É muito hábil com os punhos também e está treinando com o Jackson.

Tim estacionou a carruagem ao lado do caminho.

— Talvez Stanford não signifique um perigo para essa mulher.

— Ele a roubou. Isso deve significar que ele planeja desonrá-la.

— Mas nós já danificamos sua honra. Ela o disse na carta. Stanford não pode arruinar sua reputação se já está manchada. — Ele apertou seus dentes. — Alguém tem que fazer o correto.

Tom assentiu com a cabeça. Já tinham discutido esse tema.

— Alguém tem que casar-se com essa juvenzinha. — E escolheram o Stanford.

— Mas para isso teremos que desafiá-lo a um duelo, sabe que é assim.

— Embora você queira se casar com sua irmã? — Tom perguntou. — Não é uma boa ideia desafiar em duelo o homem que poderia ser seu cunhado.

Tim tinha que pensar nisso.

— Miss Alton é uma dama muito atraente.

— E com um bom dote.

— Mas não acredito que Stanford me deixaria casar com ela de qualquer maneira.

— Eu tampouco deixaria se tivesse uma irmã a meu cargo.

— Isso está bem então. Devemos desafiá-lo. Ele puxou as rédeas para avançar.

Tom acariciava ao gatinho dentro de seu casaco.

— Alguma vez viu ao visconde praticando esgrima?

Somente poderiam distinguir uma carruagem negra mais diante, subindo uma colina.

— Os deteremos na subida. — Tim disse agitando o chicote sobre as cabeças dos cavalos.

Mas antes que pudessem chegar à colina um cavaleiro solitário passou-os galopado. O cavalo levava um cachecol negro.

Ambos os gêmeos gritaram “senhorita Lockharte!” ao mesmo tempo.

CAPITULO 17

A Senhorita Lockharte estava semi adormecida depois de uma série de vômitos e náuseas. Ela estava se acostumando ao balanço continuado da carruagem ou estava muito cansada para se importar. Logo ouviu gritos e o tiro de uma pistola.

— Alto! — Uma voz ordenou. — Ou dispararei outra vez!

A carruagem parou na metade da marcha, logo a porta se abriu. Havia um bandido mascarado brandindo uma pistola fumegante e com outra pendurada na cintura. — Fora! — Ordenou à Rosellen. — Ou te dispararei.

Rosellen não podia mover um dedo. Além disso tinha a clara e desagradável impressão que o bandoleiro ia disparar-lhe sem importar o que ela fizesse. Sentiu pena pelo dano que causaria no interior da carruagem fina, mas que fosse o que Deus quisesse.

— Sai, eu te disse!

— Eu...

Então houve um grande ruído de rodas de carruagem, gritos, outro disparo e relinchos de cavalos.

Rosellen se aconchegou em uma esquina do veículo. Nesse instante o bandido mascarado desapareceu, sendo substituído por um dos demônios ruivos de seu passado. Por Deus, Rosellen pensou antes de desmaiar, agora via em quádruplo.

— Deus! — Tim disse. — Olhe as contusões dela. Sabia que Stanford era bom com seus punhos, mas isto...

— Aquela mulher Merrihew disse que Stanford estava planejando algo mau, mas quem teria pensado que o visconde seria capaz de golpear uma mulher?

Tim se afastou da porta da carruagem.

— Quem teria pensado que o visconde tinha sua carruagem tão suja?

— Oh, irmão, onde está ele?

O Heatherstone mais velho se deu volta.

Tige, o chofer, estava se enfaixando o braço onde o primeiro bandoleiro o tinha acertado.

— Sua Senhoria está na estalagem A Garrafa Azul, canalhas.

— Que sorte que não está aqui.

— Mas o que vamos fazer com ela, irmão?

— Bem, não podemos deixá-lo com ele, não estaria segura.

Então elevaram a mulher inconsciente envolta em uma capa masculina e a colocaram no assento de sua própria carruagem, apertada entre eles dois. Tige tentou alcançar sua pistola, então eles incitaram os cavalos e se dirigiram a um bosque.

Tomaram um caminho de terra muito estreito para que a carruagem de Stanford não os pudesse perseguir.

Rosellen foi despertada pelo violento balanço continuado.

— O que...?

— A salvamos, senhorita Lockharte. — Um de seus captores anunciou com orgulho.

O outro assentiu com a cabeça.

— A resgatamos de um destino pior que a morte e você não nos torturará da tumba.

— Resgataram-me? Eu fui salva por Lorde Stanford.

— O que? O que?!!! Não tem o aspecto de uma donzela resgatada, Senhorita Lockharte.

— Deveriam me haver visto antes. — Ela murmurou.

— E Stanford... Não foi... Rude com você?

— Por Deus! Stanford é um homem amável e pacífico. — Rosellen disse, surpreendida de suas próprias palavras. — Para onde estão me levando?

Os gêmeos se olharam. Não tinham pensado nisso.

— Não podemos levá-la ao Albany. Não se permitem mulheres ali.

— Não a podemos levar a um hotel, nossos bolsos não o permitem.

— Hmm.

— Senhorita Lockharte, para onde te estava levando Stanford?

— À estalagem A Garrafa Azul, no caminho de Brighton.

— E ele não te machucou? Não se incomodaria em ficar sob a responsabilidade dele novamente?

Deixar a chuva, tomar um banho quente e deixar de estar em companhia desses dois imbecis?

— Não. — Ela respondeu veementemente. — Eu adoraria ser devolvida ao amparo do visconde.

Tim piscou o olho ao seu irmão.

— Parece-me cheirar uma torta de bodas. Não cheira isso, irmão?

Tom cheirou seu próprio colete.

— Eu cheiro a mijo de gato.

* * *

Wynn estava esperando no pátio da estalagem sob o grande pôster de uma garrafa azul. O doutor estava sendo procurado, a água estava esquentando e a esposa do hospedeiro estava preparando um caldo revigorante. E onde diabos estava sua carruagem e aquela maldita mulher? Quanto mais cedo ela chegasse ali, mais cedo ele poderia deixá-la sob o cuidado da proprietária e mais cedo poderia cavalgar para ir atender sua própria investigação.

Wynn estava empapado até os ossos e suas botas estavam arruinadas. Droga, essa era a última vez que viajava sem seu valete, o visconde jurou. Ao menos o Júpiter estava descansando no estábulo com o Roger, o moço da cavalaria que não tinha encontrado nenhuma informação relevante.

Wynn começou a caminhar inquietamente com uma taça de vinho quente em sua mão. A taça caiu ao chão quando sua carruagem entrou no pátio. Seus finos cavalos estavam suados e esgotados, o braço de Tige estava enfaixado e manchado com sangue. O cocheiro não tinha posto seu chapéu, pois tinha sido furado com o disparo dos bandoleiros. Era o chapéu favorito do Tige, tinha suas iniciais bordadas no interior ao estilo do nobres. Mas a essa altura Tige Henley não acreditava que fosse necessitar de seu chapéu: o visconde muito provavelmente lhe arrancaria a cabeça.

— Que diabos ocorreu, Tige? — Wynn gritou precipitando-se para a carruagem.

— Fomos vítimas de um assalto, meu lorde. Bandoleiros no caminho.

— À plena luz do dia e no caminho do rei à Brighton?

— Eram três, o mascarado à cavalo e dois ruivos em uma carruagem.

— Dois...

Tige inclinou a cabeça assentindo.

— Idênticos. Um igual ao outro.

Os gêmeos Heatherstone? Quem mais podia ser a não ser os irmãos que ele estava procurando? Era muita coincidência para ser acreditável. Wynn não acreditou por um instante. Não compreendia nada de tudo isso, nem a conexão deles com a senhorita Lockharte, mas ele chegaria ao fundo disso mais tarde.

— O que queriam?

— A mulher, suponho, arrebataram-na fora da carruagem e escaparam com ela por um caminho que nenhuma cabra poderia transitar.

— Os matarei — Wynn jurou.

Tige assentiu com a cabeça outra vez.

— Isso foi o que eu disse a eles, meu lorde.

Stanford estava abrindo a porta da carruagem. Ela não se foi voluntariamente, pois ali estava sua amada escrivaninha portátil. Fechou com um golpe a porta e gritou ao moço.

— Roger, sela o Júpiter e busca minhas pistolas.

— Mas acabo de tirar a sela...

— Sela-o. E logo ajude ao Tige a limpar a carruagem.

Os dois serventes ainda limpavam o interior da carruagem meia hora mais tarde quando uma carruagem entrou no pátio.

— São eles! — Tige gritou, correndo para a carruagem. Roger levantou seus punhos como tinha visto seu amo fazer no treinamento de boxe.

— Uma vaca voando! — Alguém gritou.

— Onde? — Tom perguntou excitadamente antes que Tige se equilibrasse sobre ele e os arrastasse fora da carruagem. Tim saltou depois, deixando cair as rédeas no regaço de Rosellen. O que se supunha que ela devia fazer com aquelas rédeas? Não podia imaginá-lo, já que tinha um pulso quebrado e na outra mão segurava um gatinho tremente. Se os cavalos cansados queriam escapar, ela não ia detê-los. Mas ia deter toda aquela loucura que ocorria no pátio para poder ir tomar um banho. Colocando o gatinho no banco ao lado dela, Rosellen cuidadosamente procurou debaixo do assento e encontrou a pistola que Tom havia tornado a carregar. Só por força de vontade obteve levantar a pistola a uma altura o suficiente para disparar sem machucar o pé.

— Detenham-se neste instante. — Ela gritou por cima do bulício. Então ela puxou o gatilho.

— Diabos dos infernos!!!! — O hospedeiro amaldiçoou. — Ela matou minha garrafa azul!

CAPÍTULO 18

Mal-estares, mal-estares e mais mal-estares. Isso era tudo o que o barão Haverhill tinha. O estômago irritado pela comida abundante, o reumatismo o incomodava pela umidade do clima e ter que tratar com o Mirabel Merrihew foi a experiência que mais o irritou de tudo. Essa maldita diretora o tinha feito sentir-se como se tivesse voltado para a escola e como tivesse que explicar por que sua tarefa de latim não tinha sido completada. Não era porque Townsend Haverhill odiasse o latim, era porque odiava as mulheres magras com o cabelo recolhido em um coque e o queixo proeminente. E o queixo de Miss Merrihew parecia estender-se até quase tão longe como o seguinte condado.

— Você! — Ela exclamou quando viu o barão na sala.

Ele olhou ao seu redor. Ele tinha enviado seu cartão de apresentação. A quem diabos ela estava esperando?

— Sim, pois bem, eu... Ah ... Vim por minha sobrinha.

— Muito tarde. Ela já se foi.

— Ah, então morreu depois de tudo. Que mau...

— O mau é que essa pirralha não morreu! — E o mau também era que nem Jonas nem lorde Vance estavam tendo nenhum êxito ou sugestões. — Essa pirralha do diabo não está morta e não sei por que todos assumem que ela o está. Não entende. Disse-lhe que ela se foi.

— Não está morta, diz-me?

— Foi, partiu, evaporou-se, tomou o casco do navio. Como quer que o diga? Ela enlouqueceu minha escola com seus delírios e loucuras. As alunas estão tão agitadas que nunca poderei recuperar as classes perdidas.

— Rosellen... Se foi?

— Que parte do “SE FOI” não entendeu? Nunca deveria havê-la acolhido, não com sua reputação manchada. Ela não era uma companhia adequada para minhas meninas. Soube todo o tempo. Você vai se lembrar de mim, barão, se eu chegar a perder alguma das minhas alunas por este assunto da sua sobrinha. Eu lhe fiz um favor e este é o pagamento que recebo, um escândalo. E nada, nada menos que protagonizado pelo Stanford.

A mulher poderia ter falado em latim por tudo o que o barão entendia.

— O visconde Stanford? E o que tem que ver ele com minha sobrinha?

— Esse libertino tem a sua sobrinha. Você deduza o resto.

Rosellen e Stanford? Como era possível que a juvenzinha provinciana conhecesse o candidato de Clarice? Rosellen e Stanford?

— Este homem deve ser um canalha maior do que imaginei. — O barão pensou em voz alta. — Para andar manuseando virgens.

Os olhos de miss Merrihew se estreitaram. — Se sua sobrinha era tão inocente, por que a jogou de sua casa?

Clarice lhe havia dito então que a reputação de Rosellen estava danificada e agora lhe acreditava. De fato, sentia-se aliviado pelo fato de que Clarice não tivesse mentido e mal porque tinha desconfiado dela. Sua filha era uma santa, enquanto que a filha de sua irmã era uma prostituta. Desta vez ia lavar as mãos permanentemente de Rosellen.

É óbvio que o barão não queria ser quem contasse esse escândalo a Clarice, lhe contar que seu apaixonado escapou com sua prima do campo. Deus! Sua filha teria um ataque de histeria dos grandes!

Além disso, se Stanford ainda estivesse nas cercanias, lorde Haverhill se veria forçado a desafiá-lo a um duelo. Um cavalheiro tinha que exigir retribuição ante semelhante ofensa para ele e sua família. Mas ... Diabos... Stanford era um atirador de primeira. E lorde Haverhill sentiu que lhe adicionava um novo mal-estar.

— Não se detenha até que estejamos no Resgate. — Ordenou ao seu cocheiro. — Tome todo o tempo do mundo para chegar a Londres. — Seis meses seria o que levaria Clarice para sobrepor-se ao escândalo de Stanford. O barão colocou seu chapéu sobre seus olhos e dormiu uma sesta.

* * *

— Disseram o que? — Wynn tinha cavalgado de retorno à Garrafa Azul depois de três horas de tentar encontrar um rastro ou pista dos bandoleiros e a professorinha. Estava gelado, molhado e faminto, e nada contente ao encontrar-se com o dono da estalagem que lhe exigia reparação monetária pelos danos. Esteve menos contente ao descobrir que Roger tinha um olho arroxado e o cocheiro, o nariz quebrado.

A senhorita Lockharte, ao que parecia, tinha sido devolvida pouco tempo depois que ele tinha partido.

O visconde, é óbvio, estava contente porque a senhorita Lockharte estava a salvo. A esposa do hospedeiro lhe informou que o doutor tinha vindo e partiu satisfeito

com a condição da doente. A senhorita Lockharte tinha pedido um banho e roupas limpas. A senhora Murphy nunca tinha visto um corpo tão machucado, nem a uma pessoa desfrutar tanto de uma tina com água quente. Depois disso, a senhorita Lockharte tinha comido uma boa comida quente e dormiu profundamente, porque era precisamente isso o que o doutor tinha prescrito.

Um banho, uma cama e uma barriga cheia soava como tocar o céu com as mãos para Wynn, mas Tige queria seguir dando batalha.

— E me diz que três homens a sequestraram, mas só os gêmeos Heatherstone a devolveram?

— Exato, meu lorde e nenhum deles tinha posto o chapéu.

— O que sabe sobre o terceiro homem, o da máscara?

— O covarde levava uma boina, meu lorde. Mas isso não significa nada.

Wynn estava disposto a apostar que o terceiro homem era Tully Hadfield, quem tinha deixado a cidade ao mesmo tempo. Tripp Hayes também tinha desaparecido, mas Hayes era um cavalheiro sensato que nunca se envolveria em semelhante feito. No caso devia ser por meio de uma aposta ou um desafio, Wynn pensou.

Sequestra uma inocente mulher de uma carruagem era exatamente a classe de brincadeira em que participavam usualmente os Heatherstone, e disparar ao cocheiro era mais do estilo do Hadfield. E Hadfield devia acreditar que Wynn tinha um assunto pendente com ele depois que lhe tinha negado a mão de Susan. Mas, por que escolher a pobre senhorita Lockharte como vítima?

E vieram as palavras finais dos gêmeos imbecis.

— Me diga outra vez o que esses imbecis disseram — Wynn exigiu ao Tige.

O cocheiro cuspiu sobre a terra para aumentar sua concentração.

— Disseram, meu lorde, que eles mesmos se ocupariam de honrá-la, suas palavras exatas, e que em Londres se ocupariam de averiguar quais eram suas verdadeiras intenções em relação à senhorita Lockharte.

Como se atreviam aqueles dois palhaços a questionar suas intenções? Wynn estava furioso. Não tinha sido ele quem tinha atracado uma carruagem para sequestrar uma mulher doente sob a chuva.

— Se se atreverem a mostrar suas caras na Mansão Stanford, lhes mostrarei quais são as minhas intenções. Vou bater aquelas duas cabeças duras até lhes tirar a serragem que têm em vez de cérebro.

Tige teria interesse em ver aqueles dois jovens receber uma surra de Sua Senhoria, mas se sentia obrigado a fazer um relato completo do acontecido.

— Eles se desculparam muito bem com ela antes de sair voando daqui quando o hospedeiro foi procurar seu rifle. Ele, o hospedeiro, queria que eles pagassem pela garrafa azul do pôster. Diz que pertence a sua família por gerações.

— Eu já paguei por essa maldita garrafa, é outra dívida que os gêmeos me fizeram.

— E deram de presente um gatinho à professora, meu lorde.

— Um gatinho?

— Sabe, aquela coisa peluda com bigodes?

— Sei o que é um gatinho, Tige, obrigado. Quer dizer que esses dois oligofrênicos pensaram que isso compensaria o terror que terão feito passar essa pobre mulher?

— Não vi que sofresse terror. Ela estava inconsciente quando a tiraram da carruagem, e logo não a vi aterrorizada quando a trouxeram aqui. Nunca conheci uma mulher que dispare tão bem. Enfim, os moços lhe deram de presente o gatinho e também se desculparam profusamente sobre isso, diziam que deveriam lhe haver trazido um cão mas que o gato era o que podiam lhe dar agora.

Wynn não entendia nada.

— Eles conheciam a senhorita Lockharte? — Algo sobre o gatinho e o cão ressoava em sua memória.

Estou morrendo e nunca tive um cão. Meu Deus, também tinha escrito isso aos Heatherstone.

Mais tarde, depois de um banho e comida quente, Wynn se sentou com o melhor brandy do hospedeiro no melhor salão privado da estalagem e considerou questão. A mulher que estava acima conhecia os tolos a tinham sequestrado e agora eles queriam saber se ele tinha intenções nobres com ela.

Pelo amor de Deus!

Toda essa patranha era um complô para levar um rico visconde ao altar, primeiro ela o alimentava com o conto da enfermidade até que Wynn ia resgatá-la, logo esses cavalheiros a encontravam em sua carruagem e armavam um escândalo para reclamar um compromisso que salvasse a honra da donzela. Droga.

Esse era o tipo de ardil oculto de um tipo sujo como Tully Hadfield idearia.

Mas como puderam pensar que realmente poderiam apanhá-lo em um matrimônio?

Oh, Deus! Possivelmente era ele quem agora estava tendo um delírio paranoico e estava vendo conspirações por todos lados.

A senhorita Lockharte era um professora de escola, Wynn disse a si mesmo, como aquela solteirona histérica da diretora da academia. As professoras de escola geralmente eram solteironas de meia idade que não tinham conseguido casar-se. Sua irmã tinha querido a senhorita Lockharte como acompanhante e embora não podia recordar nada a respeito dessa mulher exceto sua inconveniência, Wynn sabia que as acompanhantes não estavam em carreira para casar-se ou conseguir um título de nobreza, especialmente o dele.

Wynn tinha mais perguntas que as respostas. Que idade tinha essa mulher, depois de tudo? Tinha sido impossível deduzi-lo entre tantos machucados, palidez e magreza. Complô ou não, essa professora tinha estado muito doente.

Se os Heatherstones queriam conhecer suas intenções, eles deviam pensar que ela era uma dama virgem. Bom... Se é que os gêmeos podiam pensar.

Muito provavelmente eles se teriam desfeito de uma mulher de menor fila social no caminho depois de haver se divertido com ela. E nunca teriam considerado a ideia que Wynn tinha que casar-se com ela. Se a professora era bem nascida, então onde estava sua família e por que não estavam cuidando dela?

Não, esse não era um mistério, Wynn refletiu, sorvendo o brandy. Ele facilmente poderia compreender por que sua família não reclamava a essa mulher tão complicada e reivindicativa. E isso sem falar de seus delírios de perseguição. Wynn tinha tido suficientes relações complicadas com “pessoas muito especiais” para compreender por que uma família podia escolher desentender-se de um parente.

E essa professorinha não ia enredá-lo em sua loucura, nem apanhá-lo em um matrimônio forçado.

Suas intenções? Ia estrangulá-la, essa era sua intenção.

* * *

Wynn subiu os degraus de dois em dois até o dormitório em frente ao dele. A porta estava ligeiramente aberta, então a empurrou. Entrou sem chamar. Uma criada dormia em uma cadeira no canto e um abajur ainda estava aceso. Fazia calor pelo fogo aceso. Wynn afrouxou o pescoço de sua camisa enquanto se aproximava da cama.

A senhorita Lockharte estava dormindo, e nem que fosse a responsável pelo complô Wynn teria o coração para despertá-la. Tinha posto uma camisola de flanela limpa, muito provavelmente da esposa do estalajeiro, abotoada até o queixo. Tinha o braço direito recém enfaixado jazendo sobre as mantas, uma bolinha de pelos cinza e bege aconchegado ao seu lado. O gatinho piscou olhando-o com seus grandes olhos cinzas, bocejou e voltou a enroscar-se entre as dobras da camisola da senhorita Lockharte. Wynn podia ouvir seu ronrono.

Ela tinha lavado o cabelo, ele podia ver, e o tinham cortado, provavelmente foi a forma mais rápida de desfazer-se dos nós. Sua cabeça agora estava coroada por uma cabeleira cor trigo. Agora a senhorita Lockharte parecia um anjo caído, Wynn pensou, recordando seus celestiais olhos turquesas. Os machucados não eram tão visíveis, o que melhorava seu semblante e a sujeira tinham sido lavada com água. Inclusive suas bochechas já pareciam menos consumidas. Ela parecia estar descansando pacificamente, já não tinha a expressão atormentada que lhe tinha visto na carruagem. Wynn percorreu com o olhar as garrafas e jarras sobre a mesa de noite, perguntando-se se lhe tinham dado alguma erva sedativa ou se ela despertaria imediatamente para que ele pudesse interrogá-la.

Wynn ainda não podia deduzir sua idade. Com o cabelo solto ela poderia ter sido uma menina, mas pelas curvas de seus seios ela era uma mulher, mas seu cabelo não estavam grisalhos e sua pele parecia suave onde não estava inchada ou machucada. Muito provavelmente estivesse em idade casadoura depois de tudo.

Mas olhando-a o visconde não conseguia pensar na senhorita Lockharte estendendo uma armadilha ao seu nome e à sua fortuna. Era uma pobre garota muito confusa, em primeiro lugar, e também muito golpeada pela vida. Não, a senhorita Lockharte só devia ter estado no lugar equivocado no momento equivocado.

CAPÍTULO 19

Algo tocou o rosto de Rosellen.

— Volta a dormir, Noé. — Ela murmurou entredentes.

Noé? A mão de Wynn que tirava um cacho de sua bochecha fechou-se em um punho. Maldição, ela se via tão doce adormecida, tão vulnerável e necessitada de amparo que Wynn se esqueceu por um momento que a senhorita Lockharte era um dos personagens mais complexos que ele jamais conheceu, certamente a mais problemática de todas as mulheres que tinha conhecido. E ele tinha conhecido uma grande quantidade de mulheres problemáticas, a maioria das quais não mencionava nomes masculinos em seus sonhos. Ou se o fizessem, ele não as tinha escutado.

Wynn deve ter feito algum som de desgosto porque de repente aquela criatura frágil e abandonada olhava-o com olhos muito abertos. Deus, certamente eram os olhos de um anjo, o qual só servia para provar que as aparências podiam ser enganosas.

— Sinto muito. — Ele disse quando ela piscou tentando localizar-se onde estava — Lamento a ter despertado e lamento não ser Noé.

A cara dela era de pura confusão.

— Por que diabos queria ser um gato?

— Noé é seu gato? — Deus, verdadeiramente estava sob um delírio paranoico. Wynn podia sentir seu rosto ardendo de vergonha. Deus, ela estava pensando que ele queria ser um gatinho para estar entre seus braços.

— Nomeou a Noé o seu gato?

— Ele foi encontrado afogando-se em um riacho. E como “não é” cinza e “não é” bege, chamei-o “Noé”. Sua mão sã acariciava a pelagem suave. O gatinho ronronava outra vez.

— Sim, muito lógico. A respeito desta tarde...

— Há um só visconde! — Ela exclamou repentinamente.

Oh, Deus.

— Sim, sei que teria gostado de ser duas pessoas ao mesmo tempo e poder ter estado ali para te defender. Não deveria haver partido e deixado a carruagem indefesa.

— Não, quero dizer que já não vejo em dobro! O doutor me assegurou que minha condição melhoraria, mas não pode imaginar o alívio que é me dar conta que tinha razão.

— Sim, estou seguro que já se sente melhor, mas ...

— Oh, Deus. Já me lembro, Oh, a carruagem... O vômito...

Sua voz se desvaneceu a um murmúrio envergonhado e um rubor cobriu suas bochechas. Um rubor próprio de uma juvenzinha e de uma dama, Wynn deduziu.

— Se esqueça disso, senhorita Lockharte. Estava doente e a carruagem foi limpa e ficou como nova. Parece estar muito melhor, o que é o mais importante.

— Graças à senhorita Murphy e ao excelente doutor. Nunca poderei te agradecer o suficiente por me haver trazido aqui, Sua Senhoria. E estou segura que pela manhã poderei encontrar um modo de viajar a Brighton para ver o agente de polícia, então já não necessitará preocupar-se por mim.

— Não é uma moléstia, asseguro-lhe isso.

— Tolices, claro que o é. — Rosellen disse com sua melhor voz autoritária. — Foste mais que amável e não é necessário que me minta. Estou segura que quer poder se dedicar aos seus negócios sem mais interferência, então não te reterei aqui.

Wynn estava chateado porque a senhorita Lockharte estava muito segura que ele desejava ajudá-la. Essa mulherzinha atrevida o estava despachando para ir meter-se em, só Deus sabia, qual novo problema. Sua mãe e sua irmã vinham a ele a cada minuto com um novo problema: gastos imprevistos, saltos quebrados, criadas impertinentes, chapéus perdidos e baile de máscaras. A senhorita Lockharte que tinha menos força que seu gatinho, pensava que ela sozinha poderia lutar com ladrões, assassinos e bandoleiros.

Wynn estava irritado porque ela obviamente não acreditava que ele tivesse suficiente compaixão para incomodar-se por uma simples professora de escola. Embora, em realidade, essa era exatamente sua intenção. Lavar as mãos dela ao raiar do dia.

Antes que os Heatherstones aparecessem, Wynn tinha estado pensando em enviá-la a uma de suas propriedades. Agora estava determinado a ficar na estalagem e ver o que acontecia entre a senhorita Lockharte e seus cúmplices. Além disso, Wynn agora via uma boa maneira de reunir a informação que estava procurando.

— Amanhã é muito cedo — lhe disse. — O médico disse que não deveria te mover por uma semana.

— Oh, não, tenho que chegar a Brighton muito antes que isso. Tenho que ocupar-me de recuperar minhas cinquenta libras para poder recompensar a você e à senhora Murphy pelos custos da minha manutenção aqui.

E ainda por cima essa pirralha rebelde pensava que ele aceitaria dinheiro dela? Ou ela não sabia nada a respeito de autênticos cavalheiros, o que era muito possível se tinha estado em companhia dos gêmeos Heatherstone, ou ela não o considerava um

cavalheiro. Wynn teria dado um golpe com seu punho na mesa de noite se a criada não estivesse dormindo.

— A senhora Murphy já foi paga. E eu me ocuparei de seus trâmites em Brighton. Tenho um negócio que fazer ali. — Ele mentiu.

— O fará? Não sei se é ao agente de polícia ou ao magistrado de justiça a quem devo apresentar a denúncia em relação aos Merrihews. Também preciso encontrar Fanny.

— Claro, a criada perdida que sabe tudo sobre a carruagem misteriosa e o dinheiro furtado.

Seus olhos se estreitaram e sua mão deixou de acariciar ao gatinho enquanto murmurava.

— Não acredita em mim. Só está me levando a corrente como a uma louca.

A mulher podia estar louca, Wynn pensou, mas não era nenhuma parva.

— Só estou tentando ver do ponto de vista do magistrado. É pouco clara com respeito à origem do dinheiro e os Merrihews são cidadãos honrados nesta comunidade. Não tem provas de suas acusações.

— Tenho um pulso quebrado!

— Sim, mas não tem prova que simplesmente caiu pela debilidade depois da febre. Não, vai ser melhor que eu comece minha própria investigação para ver se posso localizar a criada em princípio.

— Suponho que isso tem mais sentido — Rosellen reticentemente assentiu. Verdadeiramente não estava em condições para ir de porta em porta procurando a criada perdida. O visconde, ela supôs, poderia enviar um de seus criados a fazer a tarefa enquanto ele se refugiava em algum clube para jogar cartas.

— Bem. Necessitarei de um pouco mais de informação antes de abordar ao magistrado, como por exemplo quanto tempo estive na academia e onde estive antes. Ele querará conhecer seus antecedentes. As pessoas da lei são assim.

Rosellen realmente sabia muito pouco sobre a lei. Então deu a Wynn a informação que pôde. Se ele ia ter algum problema por representá-la, o que ela duvidava, merecia saber de todos os fatos.

— Estive na escola durante dois anos, antes dos quais vivi perto de Upper Stoughton, em Lincolnshire. Meu pai era o vigário em St. Jerome e vivi ali antes que ele falecesse.

Um sino de alerta soou na cabeça de Wynn. A filha de um vigário? Educada para ser uma instrutora ou algo assim? As filhas de vigários não eram criadas para ser brinquedos de aborrecidos aristocratas.

Ela continuou:

— Isso é basicamente tudo, exceto pelo curto tempo que passei com meu tio e sua família em Londres.

— E suponho que foi aí onde conheceu os Heatherstones.

Rosellen observou o gato que estava tentando arrancar um botão da manga.

— Sim, conheci-os em Londres muito brevemente.

— Pouco tempo é suficiente para conhecer esses dois. Mas foi o tempo suficiente para que eles lhe reconhecessem quando decidiram sequestrar uma mulher indefesa.

Rosellen levantou a vista para ver que Wynn arqueava as sobrancelhas.

— Oh, não foi assim por nada. Eles acreditavam que me resgatavam.

— De mim? — A voz de Wynn era gelada.

— Do cavaleiro mascarado, pelo que eu entendi.

— Ah, sim, o terceiro bandoleiro. — A mulher parecia e soava sincera, como se realmente acreditasse que Tonto e Retonto Heatherstone não tinham sido quem tinha detido a carruagem e tinham disparado no cocheiro. Entretanto a professora acreditava que o reverendo Merrihew a tinha empurrado pela escada. Se Rosellen não formava parte do complô, definitivamente estava sendo usada como a isca para lhe estender uma armadilha. A filha de um vigário passando por um momento difícil... O que mais poderia ser um anzol tão óbvio?

Wynn endureceu sua determinação para não ser apanhado nessa armadilha.

— E pensa que eles estavam pelos arredores por casualidade? Não te parece muito casual?

Rosellen já não sentia saudades de nada mais, não depois que o visconde tinha aparecido e a tinha resgatado.

— Parece que lhes escrevi cartas também. Enquanto estava muito doente, recorda? — Sim, o Visconde Stanford recordava das cartas perfeitamente bem.

— E a carta os fez sair voando para vir te resgatar?

— Não precisamente. Esses dois cavalheiros tinham a impressão que se eu morresse meu espírito os ia atormentar do Além se eles não emendassem sua conduta.

— Pergunto-me de onde tiraram esses dois tolos essa ideia tão... Infantil — Wynn disse, notando que a senhorita Lockharte se esforçava por impedir que um sorriso se curvasse em seus lábios inchados. Ele retrocedeu imediatamente. Ele não teria que estar estudando os lábios ou os olhos da filha de um vigário.

— Não tenho ideia. — Ela respondeu. — Mas posso entender por que eles se empenham em me manter viva, e é por isso que me resgataram esta tarde, estou convencida disso.

E só Deus sabia o que aqueles dois tolos estavam fazendo agora: resgatar a professora da pobreza? Do celibato? Ao diabo com eles! Wynn ainda não estava seguro do lugar da senhorita Lockharte no complô.

— Me Diga, o que ocorrerá se não puder recuperar o dinheiro roubado?

— Poderia morrer de fome, suponho. — Ela levantou o braço enfaixado. — Não posso trabalhar e não tenho nada que oferecer. Oferecer meu corpo, embora essa deveria ser a última opção para uma mulher, não parece ser uma alternativa para mim, considerando sua reação desta tarde. — Rosellen esperava fazer passar sua presunção de que o visconde a queria como amante como uma mera brincadeira.

— Lamento-o, não deveria ter rido, mas não procuro minhas amantes entre as vítimas de cavalos desorientados. O que outra coisa pode fazer?

— Francamente, estive muito preocupada com este tema. Suponho que minha única esperança é rogar a misericórdia do meu tio. Ele não parecia disposto a oferecer misericórdia no passado, mas não tenho outra alternativa. — Ela se sentou mais reta, subindo as mantas até seu queixo. — Não pense que ando procurando sua compaixão ou sua caridade, Sua Senhoria. Já tem feito o suficiente por mim e não quero aumentar minha dívida para com você. Meu tio terá que prover meu futuro.

— Assim como ele proveu seu passado? Te enviando para trabalhar para uma bruxa como miss Merrihew? — Wynn planejava falar com esse cretino quando retornasse a Londres.

— Meu tio Townsend é o irmão da minha mãe. O barão Haverhill.

Haverhill? Droga! Wynn se balançou sobre seus calcanhares, repentinamente desejando que a criada adormecida naquele quarto fosse só um móvel. Mas por outro lado, graças a Deus que essa criada estava presente para garantir a decência desse encontro noturno .

Haverhill!

— Então é por isso que ele estava viajando para cá — Wynn raciocinou em voz alta. — Não é uma coincidência em absoluto. Também lhe escreveu uma carta, não é?

— Ele está vindo para cá? É um alívio. Não queria pensar que meu tio podia ser tão desumano. — Rosellen suspirou. — E se lhe importo o suficiente para vir me buscar, ele te recompensará, é óbvio. Lamento te haver causado tantos inconvenientes. Meu tio me teria ajudado.

Mas Haverhill não tinha aparecido, Wynn pensou, mas se absteve de fazer qualquer comentário. Olhou a porta para assegurar-se que continuava aberta.

Maldição, a senhorita Lockharte era prima de Clarice Haverhill!

Como lendo seus pensamentos, Rosellen perguntou.

— Deve conhecer meu tio, se soube de sua viagem. E deve conhecer minha prima, Clarice. Conhece-a? Não, desculpe minha curiosidade. — Ela respondeu a si mesma. — É óbvio que a conhece. Ela é uma das debutantes mais populares.

Wynn assentiu com a cabeça distraidamente, tentando sem êxito recordar Rosellen em alguma das festas.

— Mas não estou acostumado a ir a bailes de debutantes, essas coisas são mais do estilo da minha irmã. Talvez eu não estivesse em Londres na temporada em que você fez sua estreia social.

Ela riu, mas sem humor.

— Oh, não foi uma temporada, foi mais uma semana no inferno. E não recordo te haver visto em nenhuma festa.

— Quantos anos a mais que Clarice Haverhill você tem? — Wynn perguntou.

Ela acariciou ao gatinho.

— Na verdade sou dois anos mais jovem.

Wynn sentiu que as areias movediças se abriam debaixo de seus pés. A senhorita Lockharte não só era a filha de um vigário, mas sim além disso era a sobrinha de um barão. Isso a fazia a mais perigosa das caça-maridos. E ainda por cima era uma jovem em idade casadoura. E aqui estava ele com ela em um dormitório em uma estalagem e de noite. Ah, Deus, obrigado, com uma criada adormecida. Se seu tio aparecesse de improviso com um rifle carregado teria que casar-se com ela. Tudo parecia mais claro agora: o barão não tinha podido apanhá-lo com sua bela filha como anzol e agora estava usando a sua sobrinha.

Ao diabo. A todos.

— Talvez seu tio chegue amanhã — Wynn disse. — Acreditei que ele tinha deixado a cidade antes que eu, mas evidentemente estava equivocado.

E de fato, Wynn estava equivocado. Por estar ali, no lugar equivocado, no momento equivocado e com a pessoa equivocada. Wynn se despediu rapidamente, assegurando-se que seu pescoço estivesse abotoado antes de descer as escadas.

Pelo amor de Deus, estava suado e não só pelo calor do quarto. Tentou pentear seu cabelo com seus dedos trementes.

— Por agora precisa descansar. Boa noite, senhorita Lockharte.

Suas pálpebras já se foram fechando.

— Boa noite, lorde Stanford. E lamento ter acreditado que foi insensível, arrogante, egocêntrico e pomposo. Deus te benza por ser melhor pessoa do que eu imaginava.

CAPÍTULO 20

Rosellen adormeceu em minutos. Estava cômoda e segura pela primeira vez em muito tempo. Seu futuro podia ser tão incerto como o clima ou tão variável como os estados de ânimo de um certo visconde, mas se sentia protegida no momento. Se sua Senhora desejava exercer sua caridade com ela, isso estava bem. Ela o recompensaria desaparecendo de sua vida logo que encontrasse suas cinquenta libras, então já não seria uma carga para ele.

Enquanto isso, sem importar quais fossem seus defeitos, lorde Stanford não a abandonaria. Quer dizer, ele poderia partir, mas Rosellen estava segura que ele emprestaria suficiente dinheiro para ela sobreviver até que recuperasse sua fortuna furtada ou encontrasse um trabalho.

Embora acreditasse pouco em suas intenções originais, sentia que agora o visconde a tinha colocado debaixo de sua asa protetora e se sentia contente de estar ali. Tal como Noé estava aconchegado no espaço entre o ombro e a bochecha de Rosellen. E satisfeito de estar ali.

Wynn não estava nem tão cômodo nem tão satisfeito tentando dormir em sua carruagem. Ficou acordado por horas. Primeiro tinha levantado os pés apoiando-os no assento à sua frente, logo tinha provado dormir de lado apoiado contra a porta. Nada funcionou, mas nem louco nem morto passaria a noite dentro dessa estalagem. Porque terminaria com uma viscondessa indesejada em sua vida e se converteria no bobo da alta sociedade. Inclusive sua mãe preferiria vê-lo permanecer solteiro que embarcado nesse matrimônio tão desgraçado.

Mas, o que fazer com a senhorita Lockharte? Essa era a pergunta que mantinha acordado ao Wynn. Não suportaria dormir na carruagem por um semana e tampouco poderia partir e lhe dar as costas. Aí estava o problema. Enviá-la à Yorkshire agora que sabia que era uma jovem bem educada já não era uma opção viável. As pessoas de Yorkshire imediatamente assumiriam que ela era sua amante. E a tratariam em consequência, fazendo de sua vida um sofrimento insuportável. Entretanto, inclusive isso poderia ser melhor que a vida que a senhorita Lockharte levaria convivendo com Clarice Haverhill. Teria que lhe buscar outro alojamento.

Wynn passou a seguinte hora tentando pensar em alguém que conhecesse que necessitasse de uma instrutora ou uma dama de companhia. Os meninos do Fotheringill eram uns selvagens e a mãe de Beaumont era uma harpia. Wynn inclusive considerou forçar um dos gêmeos Heatherstones a casar-se com ela. Não, pelo amor de Deus, a senhorita Lockharte merecia algo melhor que isso. Droga, até o gatinho merecia algo melhor.

Não podia pensar em uma alternativa decente, mas encontrou uma posição menos incômoda enroscado no assento com os joelhos contra seu peito. Estaria rígido pela manhã, mas uma dor nas costas era melhor que um casamento forçado com uma mulher demente. Com imagens da senhorita Lockharte com um vestido branco de renda, o visconde finalmente adormeceu, e por isso não viu o fogo.

* * *

Murphy despertou antes do amanhecer ao abrir a portinhola da carruagem. O hospedeiro tinha um sorriso na cara, uma xícara de café em uma mão e uma bolsa com dinheiro na outra. Entregou as duas coisas ao visconde.

— Aqui lhe devolvo o dinheiro que me deu pela garrafa azul. A juvenzinha salvou minha estalagem ontem à noite, verdadeiramente o fez. Penso renomear este lugar e chamá-lo “Senhorita de Sorte”.

Sorte? A senhorita Lockharte? Embora Wynn estivesse meio adormecido, sabia que não era assim. A senhorita Lockharte era a mulher com mais má sorte que jamais conheceu. De outra maneira não se sentiria tão responsável por seu bem-estar.

— Ela não tem sorte. Ela somente tem mais vidas que um gato. O que ela fez?

— Ela me salvou a pele. Apagou o fogo com seu homem. Me surpreendeu encontrar o seu cocheiro ali em vez de você, mas foi uma sorte para mim. Se você tivesse estado no quarto onde se supunha que devia estar dormindo a água da tina não teria estado disponível para apagar o fogo. Mas a água somente não teria sido a solução, não sem a presença da senhorita professora gritando o suficientemente forte para despertar o seu cocheiro. E foi o gato o que primeiro sentiu a fumaça. Meu Deus, que noite.

Wynn já tinha ao homem agarrado pelas lapelas de seu casaco. O café e as moedas estavam no piso da carruagem.

— Que fogo? Houve um incêndio? — Ele gritava. — E a senhorita Lockharte resultou ferida?

— O incêndio no vestíbulo fora de seu quarto. Um dos hóspedes deve ter derrubado uma vela ontem à noite. E como lhe disse, a senhorita professora e seu cocheiro apagaram o fogo a tempo antes que chegasse às escadas. E ela tem um pulso quebrado. Meu Deus! Disse a minha esposa, essa garota sim que é valente. Foi dormir depois de apagar o fogo. Disse que não havia razão para despertá-lo.

— Mas ela está bem? — Wynn exigiu.

— Melhor que quando chegou. — O hospedeiro declarou, mas Wynn estava já a meio caminho através do pátio da estalagem, dirigindo-se às escadas.

— Meu Deus, que apuro — Murphy disse observando ao visconde entrar na estalagem. — Meu Deus, o que está acontecendo aqui?

* * *

Wynn estava a meio caminho pelas escadas antes de lembrar-se que não tinha posta a gravata e tinha a gola aberta. Nem sequer se barbeara. Mas podia sentir o cheiro de fumaça, então continuou sua marcha. Deus, essas velhas madeiras poderiam acender-se como fósforos. Não era de se admirar que o hospedeiro estivesse tão agradecido.

A porta do quarto dasenhorita Lockharte estava meio aberta, então o visconde entrou diretamente. A professorinha podia ter aspirado os vapores nocivos do fogo ou poderia haver-se queimado em seu ato de valentia, apesar das afirmações do hospedeiro. Como mínimo, ela teria que estar em meio de um ataque de histeria. Sua mãe com segurança teria tido um ataque de apoplexia e sua irmã teria desmaiado, Maude teria necessitado tomar láudano por uma semana. Mas a senhorita Lockharte, viu quando entrou em quarto, estava lavando o cabelo.

Estava sentada ao lado da chaminé de costas para ele tentando desenredar o cabelo com uma mão. O gatinho estava em seu regaço querendo agarrar a toalha com que secava o cabelo.

— Me deixe fazer isso por você — Wynn disse lhe tirando a toalha da mão.

Rosellen se mordeu o lábio, o qual, Wynn notou, não estava tão inchado, e olhou nervosamente a porta.

— Não acredito que deveria....

— Não estou tentando te pôr em uma situação comprometedora. Confia em mim, essa é a coisa mais longínqua em minha mente. Além disso, a porta está aberta e a senhora Murphy está por te trazer o café da manhã.

Rosellen observou a túnica emprestada a qual a cobria do queixo até os dedos dos pés e lhe dava duas voltas ao redor do corpo. É obvio que ela não despertava a luxúria do visconde. Estava comportando-se bobamente outra vez. Mas ainda incômoda pela presença de um homem em seu quarto, e um homem que não estava completamente vestido, apelou a conversar para sair desse apuro.

— Estou contente de ter cortado o cabelo. Assim é mais fácil de pentear. E não me juntou tanto aroma de fumaça.

Enquanto brandamente desenredava os cachos, Wynn tentava decidir qual era sua cor. Demorou um tempo mas o decidiu. Luz do sol ou suco de limão.

— Onde está a garota que contratei para te atender?

— Ela estava muito alterada para me ser útil, então a enviei ao seu quarto para descansar. Não estou acostumada a ter alguém me atendendo.

A criada estava muito perturbada para cumprir com seu trabalho, mas a senhorita Lockharte era capaz de lavar-se seu próprio cabelo com uma só mão. Era uma mulher incrível, pensou o visconde Stanford. Mas igualmente quis assegurar-se.

— Está certa que não se machucou?

Rosellen pensava que ele estava zangado porque teria que seguir cuidando-a. Tomou a toalha de sua mão e lhe deu as costas.

— Muito certa, Sua Senhoria, não precisa preocupar-se comigo. Embora lamento pelo seu casaco.

Wynn se apoiou contra a chaminé e observou o gato brincar com as borlas de suas botas.

— Meu casaco?

— Sim, o que me emprestou. Não vou poder devolvê-lo. Quando Noé começou a miar e eu senti o cheiro da fumaça, agarrei a primeira coisa que tinha à mão. Sua capa estava sobre a cadeira, secando. E a joguei no fogo.

— O que? Tanto te desagradava essa capa? Eu gostava dela.

— Não seja tolo. Usei-a para apagar as chamas. Por sorte a capa ainda estava um pouco úmida, e serviu para conter o fogo até que Tige chegou. Logo que ele viu o que acontecia, retornou ao seu quarto e trouxe baldes com água da banheira.

— Disse-me que estava passando a noite nos estábulos. — Rosellen não pôde conter a curiosidade de sua voz. Os cavalheiros não dormiam com o gado quando havia luxo e comodidade disponíveis.

— Eu... Oh... Não podia dormir e Tige necessitava descansar depois de tudo o que lhe aconteceu ontem, já sabe, dispararam-lhe e lhe romperam o nariz. Uma mudança de camas, isso foi tudo.

— Foi uma sorte que o fizesse. — Ela disse, outra vez implicando que ele não podia ter atuado tão rapidamente ou corajosamente como seu cocheiro. — Mas temo que sua capa ficou arruinada.

— Agora nenhum de nós dois tem com que abrigar-se. Estou seguro que os Murphys nos proverão com algo. Mas me diga, senhorita Lockharte, quantos viscondes está vendo neste momento?

— Por que? Um, sua Senhoria...

— Excelente. Viajaremos a Londres logo que tenhamos nos trocado e tomado o café da manhã. Chegaremos à cidade na hora do jantar.

— Por que?

— Porque não acredito que deseje ficar outra noite em uma estalagem. Sei que não quer isso.

— Não. Pergunto por que eu teria que viajar a Londres?

— Porque estaria melhor cuidada ali. Susan e minha mãe vão adorar te ter em casa e minha prima Lenore será uma boa companhia até que possa contatar os seus parentes Haverhill.

A senhorita Lockharte estaria a salvo e ele também o estaria, Wynn decidiu. Uma amiga de Susan recuperando-se em Londres sob a vigilância de sua mãe, o que poderia ser mais inocente? E ele deixaria de ter os nervos em frangalhos.

— Não.

— Não? Não deveríamos contatar a sua família?

— Não. Não viajarei a Londres com você, Sua Senhoria. Aprecio seu convite — Ela disse, embora ele tinha dado uma ordem, não tinha feito um convite. — Sinto-o mas não posso aceitar. Não me converterei em sua obrigação. Já estou suficientemente endividada com você.

— Não há dívida alguma, senhorita Lockharte, e nunca haverá. Acredito que estaria melhor em minha casa que entre desconhecidos.

— Entendo-o, Sua Senhoria, e entendo que tem que retornar a Londres. Mas, por favor, deixe de preocupar-se por mim. O senhor Murphy me disse que posso ficar aqui o tempo que eu necessitar. Posso ajudá-lo com as contas até que meu tio venha me buscar.

Wynn estava caminhando pelo quarto agora, o gatinho perseguindo-o para agarrar as borlas das botas.

— Seu tio pode não vir aqui nunca, senhorita Lockharte, considerou isso? Ele poderia ter mudado de ideia no caminho, posto que já deveria estar aqui. Ou possivelmente miss Merrihew se negou a lhe dar sua direção. Aquela bruxa é capaz de tudo.

— Não. Não tinha pensado nisso. — Rosellen se agachou e elevou o gatinho. Sua Senhoria estava muito irritado.

— Precisamente! — Ele exclamou. — Não pensa. Esse é o problema. Viajaremos a Londres e visitaremos seu tio à primeira hora de amanhã.

— Não.

Wynn não estava acostumado a ser contrariado. E não gostava dessa nova experiência nem um ápice.

— Põe à prova minha paciência, senhorita Lockharte. — Ele disse apertando os dentes. — Se pondo nessa posição tão difícil.

— Não, simplesmente não estou de acordo com você. Há uma grande diferença entre isso e ser uma pessoa difícil.

— Obrigado por essa lição, senhorita professora. Se terminou com seu sermão do dia, te deixarei para que se vista. Por favor, toque a campainha quando estiver pronta para partir.

Esse homem era surdo ou simplesmente idiota de nascimento?

— Sua Senhoria, não viajarei a Londres com você. Não me movo daqui até que encontre minhas cinquenta libras.

— Mas não me importa em nada suas malditas cinquenta libras! Eu te darei cinquenta libras! — Wynn gritou.

— Por que faria algo assim? Você não me roubou isso. E eu não poderia aceitar dinheiro de você.

Wynn passou os dedos por seu cabelo. Nesse momento os teria arrancado pelas raízes, seu cabelo ou o dela.

— Te daria o dinheiro para te fazer calar a boca, senhorita Lockharte. Maldição, se for o dinheiro o que a impede que ir daqui para um lugar onde estaria mais segura e onde recuperaria a sua família, então eu gostosamente estou disposto a pagar o preço.

— Não, como já te disse, não vou sair daqui. — Rosellen se sentou em uma baqueta.

Respirando profundamente, Wynn foi para ela.

— Senhorita Lockharte, você pediu minha ajuda. Agora a tem. Vamos viajar a Londres, e essa é a palavra final.

— Não, Sua Senhoria, você viajará a Londres e eu ficarei na Estalagem A Garrafa Azul.

— Já não há uma garrafa azul, graças a você. Senhorita Lockharte, você é um perigo andante.

— E esse é problema meu, não seu. Não pode se apropriar da minha vida, lorde Stanford. Não é meu tutor nem meu guardião. Não sou sua empregada nem sua escrava.
— Rosellen ignorou seu resmungo. — Sou uma mulher adulta que pode cuidar-se sozinha.

Wynn elevou a mão direita, contado com os dedos:

— Cavalos desorientados. Escadas escorregadias. Um sequestro e um incêndio. Esqueci-me de algo?

Rosellen não pensava ser adequado recordar a lorde Stanford do intento de estrangulamento e de sufocamento enquanto tinha estado doente.

— Muito bem, não tive muita sorte no momento.

— Senhorita Lockharte, com essa sorte não poderia sobreviver nem uma semana!

— Isso não te dá o direito de me dar ordens.

— Dá-me todo o direito. Alguém tem que cuidar de você, e eu pareço ser a pessoa adequada. Agora pode vir comigo voluntariamente ou posso te arrastar escada abaixo. Terminarei te levando de qualquer maneira. — Ele disse, olhando-a com os lábios trementes. — Então não importa o que faça, nós vamos daqui.

— Não vai encontrar Fanny por mim?

Maldição, aqueles olhos azuis se encheram de lágrimas outra vez.

— Sim, decidi deixar aqui o Roger para que faça as averiguações. Te satisfaz isso?

— Não. Importa-te isso?

— Moça teimosa, quão único quero é te encerrar em algum lugar seguro e assim poder recuperar minha prudência!

— Se sou uma carga. — Ela disse ofendida. — Por que perde tempo comigo?

— Senhorita Lockharte, todas as mulheres são cargas. Já tenho isso assumido. Você, pelo menos, é uma carga interessante.

— Mas não o suficientemente interessante para que respeite meus desejos.

— Respeito seus desejos. O que ocorre é que não estou de acordo com eles. Há uma diferença, sabe. — Ele replicou.

Rosellen secou os olhos com a toalha.

— Recorda minhas desculpas de ontem à noite, quando disse que lamentava te haver chamado arrogante, insensível e pomposo?

Ele assentiu com a cabeça, entregando seu lenço.

— Bem, a retiro.

CAPÍTULO 21

Empreenderam a viagem a Londres depois do almoço. Rosellen insistiu em esperar para ver se seu tio chegava. Mas seu tio não chegou. Derrotada, ela aceitou partir. Seu acordo, é óbvio, foi uma simples questão de orgulho posto que o visconde não lhe dava nenhuma alternativa.

Rosellen deixou Noé com a Senhora Murphy, quem lhe implorou para ficar com o herói da estalagem.

Rosellen já se sentia suficientemente incômoda em ter que ir à casa de Lorde Stanford, e não se atreveria a levar um gatinho. E se finalmente fosse viver na casa de seu tio, o pobre Noé seria relegado à cozinha ou ao pátio traseiro. A tassa Haverhill era fóbica aos gatos. Noé viveria melhor protegendo a estalagem A Garrafa Azul de futuros incêndios, mas agora Rosellen tinha outra queixa contra Sua Senhoria. Optou por não lhe falar, para lhe demonstrar o que pensava sobre seu caráter dominante.

Sua determinação era fácil de manter, posto que compartilhava a carruagem com Letty, a nora da Senhora Murphy e Wynn viajava no banco dianteiro com Tige. Ele queria lhe dar privacidade, o visconde assegurou. Muito provavelmente ele não queria escutá-la expressar suas opiniões sobre a paisagem, Rosellen acreditava. Nunca tinha conhecido uma pessoa mais déspota e tirana em toda sua vida.

Por outra parte, Rosellen tinha que admitir que o visconde tinha arrumado para que ela tivesse uma companheira de viagem e lhe tinha conseguido um casaco quente. E o mais importante de tudo, ele tinha deixado Roger para encontrar Fanny. Como podia ser que uma pessoa fosse tão amável e ao mesmo tempo tão autoritária? Rosellen não tinha uma resposta.

Letty só queria falar de quão perfeito era esse homem.

— Não te parece? — Rosellen ainda não tinha uma resposta, então decidiu tirar uma sesta.

Em uma das paradas Wynn ordenou que servissem um chá em um salão privado de uma estalagem. Quando notou quão pouco comunicativa estava sua convidada, perguntou-lhe se sentia-se mal. Poderiam ficar ali à noite, se ela não se sentia bem. Rosellen teria preferido retornar a Brighton. Mas Wynn decidiu que ela simplesmente se sentia ansiosa com respeito de como seria recebida na Mansão Stanford.

— Não há nada para preocupar-se. Susan ficará muito contente em lhe ter com ela. Realmente fala maravilhas de você. Minha mãe ficará encantada se as ajudar a manter ocupada a Susan, e à prima Lenore não incomodará passear com outra juvenzinha.

Rosellen ficou tão alarmada que se esqueceu de seu voto de silêncio.

— Passear com outra juvenzinha?

— Sim, te levar a todas as festas e noites musicais. — Ele fez uma careta de desgosto olhando o uniforme cinza da academia, o qual estava mais limpo depois do trabalho da senhora Murphy. — Sair às compras, também, me atreveria a dizer, logo que se sintam bem.

— Em caso que o tenha esquecido, não tenho dinheiro para ir às compras, Sua Senhoria.

— Recordo-o, senhorita Lockharte. Como poderia me esquecer? Deixei Roger com instruções para recuperar suas cinquenta libras. E decidi que te farei um empréstimo até que recupere seu dinheiro, se seu tio não te aceitar em sua casa e te comprar roupa para a temporada social.

— A temporada social? Sua Senhoria, fala muito pomposamente. Eu não necessito de seu empréstimo, pois não necessito de um guarda-roupa novo, pois não assistirei a nenhum dos entretenimentos que mencionou. Eu não sou uma debutante nem pertenço à aristocracia.

— Mas merece ter um pouco de diversão. — Ele insistiu, cortando uma maçã para ela.

— As pessoas como eu trabalham para viver não se divertem. Por Deus. Eu não sou membro da sofisticada e supérflua aristocracia, nem desejo sê-lo.

— Mas terá que fazê-lo. Não há outra forma de que conheça candidatos para se casar.

— Não, muito obrigada, não quero ser forçada a conhecer jovens como os Honoráveis Heatherstones ou o amigo deles que morreu. E te esclareço que eu não o matei.

— Nunca assumi que você fez isso, minha querida. Ah, já que tocamos no tema, alguma vez conheceu Tulliver Hadfield quando estava em Londres?

— Não, não que eu recorde. Por que?

— Simplesmente ele é o tipo que não deveria conhecer. E ao Tripp Hayes?

Rosellen sacudiu a cabeça.

— Pode recitar cem nomes, Sua Senhoria, mas eu conheci muito poucos cavalheiros, e muito menos os que merecessem esse título. E não quero voltar para esse ambiente.

— É obvio que o fará. De que outra forma poderia conhecer um homem com quem se casar? E não. Não me diga que não deseja se casar. Todas as mulheres desejam casar-se.

E ele desejava vê-la casada, essa era a solução para desfazer-se da senhorita Lockharte.

Rosellen riu.

— Outra vez lhe digo isso, meus desejos não entram em jogo. Embora queria encontrar um marido, não tenho dote e minha própria família me expulsou de casa. Além disso, não tenho aparência nem traquejo para conquistar um marido. — Rosellen recordava que quão único tinha podido atrair em Londres tinha sido uma proposta desonrosa de um mulherengo.

— Eu deixei Londres com uma mancha dois anos atrás. Não, senhor, não acredito que iria bem no mercado matrimonial.

— Por Deus, suspeito que será uma moça muito bonita quando recuperar-se, e nem todos os cavalheiros procuram uma esposa para aumentar sua fortuna. No que respeita à reputação e às intrigas, a alta sociedade tem uma memória muito breve. Houveram mil escândalos piores que o teu. E por último será respaldada por minha mãe. Ninguém se atreveria a te desprezar.

— Não vão me desprezar porque eu nunca vou pôr um pé nesse círculo social. Ponto final.

— Nunca diga nunca, senhorita Lockharte. Nada é final, salvo a morte.

Rosellen recordou a noite em que acreditou que estava morrendo. Algumas vezes nem a morte era o ponto final.

* * *

Chegaram bastante depois da hora do jantar e as damas da casa já tinham saído, o mordomo informou a lorde Stanford. Wilkins olhou além de seu patrão, ignorando à mulher desarrumada parada detrás dele.

— A senhorita Lockharte ficará? Muito bem, meu lorde.

Seu nariz levantado disse a Rosellen que o mordomo engomado não pensava que era uma boa ideia em absoluto.

Não gostou da forma em que ele perguntou.

— Qual dormitório a senhora Wilkins terá que lhe dar? — Parecia como se o mordomo esperasse que Wynn o dissesse que o seu próprio. Rosellen meio esperava que o visconde respondesse “o apartamento de cobertura”, porque ela tinha sido muito dura com ele durante a viagem.

Finalmente ela foi guiada por Wynn a uma escada de mármore e logo a um quarto ao lado do de Susan. Atribuíram-lhe duas criadas para ajudá-la. Wilkins se despediu com uma reverência cortês.

Rosellen quase ficou adormecida antes que as criadas saíssem do dormitório, estava muito cansada para notar detalhes do quarto salvo a cama, a qual era a mais macia que jamais tivesse tido e o travesseiro, que tinha aroma de lavanda.

Wynn retornou abaixo depois de dar instruções para que Letty Murphy fosse levada de retorno à estalagem Garrafa Azul pela manhã. Revisou sua correspondência enquanto esperava que sua família voltasse. Também queria falar com Stubbing, o escolta das damas, tinha-lhe contado Wilkins. Ao menos o tenente servia para algo, Wynn pensou, observando as pilhas de papéis sobre seu escritório, pois o homem não servia como secretário.

Em pouco tempo ouviu Wilkins receber sua família e Wynn foi ao vestíbulo para saudá-los e para ajudar os lacaios a levar sua mãe e sua cadeira à sala.

— Falarei com você mais tarde, Stubbing.

— É óbvio — o tenente gaguejou ruborizando-se violentamente e escapando como se temesse ser mordido por um cão raivoso.

Wynn encolheu os ombros. Trataria com o jovem militar mais tarde.

— Onde está a prima Lenore? Quero falar com todas vocês ao mesmo tempo. Se tivesse sabido que ela estava na casa a teria chamado para que se ocupasse da senhorita Lockharte.

— Oh, Wynn, trouxe-a para casa com você! — Ficando nas pontas dos pés, Susan lhe beijou a bochecha. — Que bom! Ela não morreu!

— Para a surpresa de todos, não, parece que não.

— Então vou acima correndo e lhe darei as boas-vindas...

— Não, querida, não suba. Ela está dormindo. A pobrezinha passou por uma sucessão de acontecimentos ruins, temo-me. Terá que esperar até amanhã.

Susan recorreu à sua mãe.

— Lembra-te que te falei e ao tenente Stubbing sobre a senhorita Lockharte, mamãe? Ela é a professora que eu queria contratar como minha dama de companhia.

— Então chegou em um excelente momento. — A viscondessa respondeu, pegando a cesta de bordado que Wilkins lhe tinha alcançado depois de trazer uma bandeja com chá. — Agora não terei que levar meus ossos doloridos a outro recital de harpa.

Wynn tomou uma xícara de chá. Ainda tinha frio depois de viajar no assento dianteiro com Tige.

— A prima Lenore ainda está doente? — Nada mais teria obtido que sua mãe assistisse um recital.

— Leonore teve que retornar à sua casa para resolver uma questão com seus parentes políticos. Eu pensava que eles não a queriam, e que por essa razão ela veio ficar conosco. — Lady Stanford estava se queixando outra vez. Fez um gesto ao Wilkins para que lhe servisse um xerez em vez de chá enquanto ordenava os fios da cesta de bordado. — Sua nota não dizia quando retornaria, mas ela levou grande parte de seus pertences. Moça ingrata.

Susan mordiscava um doce.

— Mas isso não importa agora, mamãe, pois a senhorita Lockharte está aqui. Ela pode me acompanhar a todos lados.

Wynn não estava de acordo.

— Em primeiro lugar ela necessita de tempo para recuperar-se. E em segundo lugar, ela ainda não é uma dama de companhia adequada para você, minha querida.

— O que? Não é uma dama de companhia? — Sua mãe quis saber. — Por que diabos a trouxe aqui então?

— Ela é uma dama. — Susan insistiu, instantaneamente saindo em defesa de seu amiga. — Seu pai era um vigário e ela tem relações dentro da aristocracia. Além disso, ela é muito educada e delicada.

Wynn não estava tão seguro desse “bem educada e delicada” depois do tratamento frio que ele tinha recebido todo esse dia.

— Um momento, Susan, não quis dizer que a senhorita Lockharte não fosse educada. Ela simplesmente é muito jovem para ser uma acompanhante. — Ele olhou sua mãe. — A garota é mais jovem que Susan. Além disso, esteve muito doente. Temo que realmente não se recuperou física e... Mentalmente.

— Está delirante? — A viscondessa perguntou. — A febre pode causar isso. Lembro que o tio Fred se contagiou com a gripe e depois nunca mais foi o mesmo...

— Não! — Susan protestou. — A senhorita Lockharte é uma pessoa muito sensata e confiável.

Wynn sorveu seu chá.

— Ela se comporta um pouco... Peculiarmente, Susan, e isso é um fato.

Lady Stanford ignorou esse comentário.

— Há montões de excêntricos na alta sociedade. A garota se adaptará perfeitamente. Será a dama de companhia de Susan. E se a senhorita Lockharte não pode desempenhar esse papel, Stanford, você terá que se ocupar das duas garotas, isso é tudo. Estou muito esgotada. Um moça não necessita de uma acompanhante se ela está escoltada por seu irmão e tem uma amiga ao seu lado.

— Não irei a essas festas estúpidas para debutantes, nem a esses piqueniques, mãe.

A viscondessa colocou seu bordado de volta na cesta e começou a guiar sua cadeira de rodas para a porta.

— Bem. Nesse caso estou segura que a senhorita Lockharte estará encantada de ficar encerrada nesta casa com a Susan e comigo até que Lenore retorne, se é que essa mulher alguma vez retornará. Certamente a professora amiga da Susan não deve estar acostumada a ter muita diversão na academia, não é? Ela não sentirá saudades do que nunca teve. Saberá bordar?

— Stubbing! — Wynn chamou. — Vem aqui!

Susan deu ao jovem um sorriso que fez com que o tenente se ruborizasse outra vez, Wynn notou isso enquanto desejava boa noite à sua mãe e à sua irmã.

— Não deixe que a pirralha te perturbe, Stubbing. — Lhe aconselhou.

— Oh, não, senhor. A senhorita Susan nunca faria isso.

— Haá! Mas me conte, o governo britânico encontrou novas pistas? Tem alguma informação nova para mim?

Wynn não se sentiu surpreso quando o tenente teve que admitir que não tinham adiantado nada na investigação desde que lorde Stanford tinha partido.

— Bem, podemos tirar lorde Haverhill e os loucos Heatherstone de nossa lista de suspeitos. Os três estavam fora da cidade. Mas temo que teremos que manter ao Tripp Hayes sob vigilância. O homem não aparece onde se supõe que deveria estar. Não posso imaginar por que meu velho amigo faria seu empregado mentir para mim. E Hadfield nunca apareceu, não é? A esse terá que vigiar. Mas, enquanto isso, poderia investigar os antecedentes de um par de cidadãos de Sussex? São o reverendo Merrihew e sua irmã, Mirabel. Há algo estranho nesses dois.

Stubbing escreveu os nomes em uma caderneta.

— Acredita que poderiam ser os contatos com os franceses?

— Que estejam metidos no contrabando de soldadinhos de chumbo? Não, mais provavelmente os possa acusar de atentar contra a humanidade. Certamente são culpados de produzir jovens mulheres com cabeça oca.

— O diz pela senhorita Lockharte, senhor?

— Não, ela tem a cabeça muito cheia de fantasias delirantes. Estava pensando em minha irmã, Stubbing, e nesse sorriso que ela te dirigiu. E escuta minhas palavras: acredito que essa juvenzinha está tendo fantasias com você.

— Parece isso?

— Sim, posso reconhecer esse olhar a cem quilômetros de distância. Ela o herdou da minha mãe. Mas não funcionará, Stubbing.

As cores subiam e desciam do rosto do pobre tenente, primeiro um rubor forte, logo uma palidez fantasmal.

— Não... Não funciona...? Quer dizer, já sei senhor.

— Sim, a senhorita Lockharte não serviria como esposa de um diplomático. Muito teimosa para...

— A senhorita Lockharte?

CAPÍTULO 22

— Mil vezes inferno, essa mulher é mais difícil de matar que tomar sopa com um garfo. O que faremos agora?

— Pensar. Um de nós dois tem que pensar.

— Os policiais não apareceram. Talvez ela não fale.

— E talvez os porcos saiam voando.

— Bem, você disse que ninguém acreditaria no delírio dessa mulher.

— Ninguém por aqui. Mas se essa moça tem ao Stanford comendo em sua mão, estamos perdidos. Uma mulher com esse poder pode fazer com que um homem acredite em qualquer coisa, sobretudo se ele estiver como um cão no calor.

— Você nunca obteve que Vance abandonasse sua esposa. — O irmão de Miss Merrihew comentou. — Mas Stanford não pode estar ofegando como um cão atrás da senhorita Lockharte. Você viu o corpo dessa mulher, Mirabel?

— Eu te vi tentando encurralá-la na galeria do coro. Se você pudesse manter suas calças abotoadas não estaríamos metidos nesta confusão. Não há nada que possamos fazer daqui, terá que ir a Londres e averiguar onde ele escondeu essa moça indisciplinada. Qualquer cocheiro de Londres deve saber onde Stanford aloja suas amantes.

O reverendo não era adverso a fazer uma excursão à capital.

Suas finanças pessoais estranha vez permitiam semelhante gasto, mas se sua irmã ia pagar...

Miss Merrihew planejava.

— Sim, vai viajar a Londres. O que poderia ser mais natural que o fato que o guia espiritual da academia visite algumas ex-alunas para averiguar como andam? Vai lançar uma ou duas indiretas sobre a queda moral da senhorita Lockharte de graça e sobre o visconde que se aproveitou dela em seu estado de confusão. Estará muito preocupado por seu bem-estar físico, mental, e espiritual. Logo a matará. Tente que desta vez pareça um suicídio, imbecil.

* * *

Rosellen despertou com um sobressalto, quase como se alguém estivesse caminhado sobre sua tumba. Mas ela estava muito viva e dentro de um quarto lindo com

raminhos de lavanda pintados no papel de parede. Um buquê de flores frescas estava na mesa ao lado da cama e o fogo já estava aceso. Rosellen haveria se beliscado para ver se estava acordada, mas não precisava ter mais contusões na pele. Realmente estava na Mansão Stanford.

Não sabia por que o visconde tinha sido tão insistente ou por quanto tempo ficaria, mas não ia desperdiçar um minuto de seu tempo vadiando na cama. Depois que tinha estado tão perto de perdê-la, a vida lhe parecia mais valiosa que nunca.

Estava acostumada a madrugar e não tinha feito outra coisa mais que dormir durante semanas. Agora queria estar de pé e concretizando coisas. Infelizmente, o relógio de ouro na prateleira da lareira marcava seis em ponto. Os londrinos não se levantavam ao amanhecer. Rosellen sabia disso de sua última visita. Mas poderia lavar-se e vestir-se para ir ver se podia encontrar a cozinha e uma xícara de chocolate.

Primeiro tinha que encontrar seu vestido. Nenhum de seus uniformes cinzas estava pendurado no armário ou dobrado nas gavetas.

A bolsa não estava à vista, embora a escrivaninha portátil de sua mãe estivesse sobre uma mesa. Então era uma prisioneira?

Encerrada em uma cela perfumada de violetas? Nem sequer o arrogante Wynn Alton se atreveria a fazer semelhante coisa. Ou se atreveria?

Rosellen estava a ponto de ir dar um sermão ao visconde, quando uma jovem criada entrou no quarto trazendo um montão de vestidos em cores pastel. Ela pareceu muito surpreendida de encontrar Rosellen acordada.

— O sino. Não escutei a campainha, senhorita. Estava engomando estes vestidos para que possa escolher. Se soubesse que estava acordada teria lhe trazido uma xícara de chocolate.

— Não importa. Não toquei a campainha e posso ir sozinha abaixo.

A garota, Betsy, conforme informou à Rosellen, parecia vacilante.

— As damas nunca tomam café da manhã lá embaixo, fazem-no em seus quartos, senhorita. Mas o senhor Wilkins me disse que você podia comer onde quisesse.

— Bem, em princípio quero que me devolvam meus vestidos.

Betsy olhou os vestidos em seus braços, logo o desfiado na camisola de Rosellen.

— Para quê, senhorita? A senhorita Susan selecionou estes vestidos até que lhe façam novos. Eu posso lhe fazerertos de costura se for necessário.

— Não posso usar a roupa da Susan!

— Perdão, senhorita, mas estes vestidos são os do ano passado e temo que a ofenderá se não os aceitar. Além disso, não estaria bem que a amiga de miss Susan se veja como um espantalho quando vierem as visitas, não lhe parece?

O passado de Rosellen era suficientemente vergonhoso. Não podia pagar a bondade do visconde aparecendo vestida como uma camponesa em seu salão. E o vestido que Betsy sustentava em seu braço era de seda, de pura seda.

— Vamos, senhorita, não deve chorar sobre um vestido de seda, porque o mancharia. Se não gostar do vestido, podemos provar outro.

Betsy descobriu que o vestido era muito grande para o magro corpo da senhorita Lockharte.

— Vou aumentar de peso, estou segura. — Rosellen lhe disse, seu estômago já grunhia pelo atraso do café da manhã. — Se é que posso chegar à cozinha.

Mas Betsy pensava que ela necessitava de uma fita que fizesse jogo com o cabelo e um xale para cobrir o braço enfaixado ou a gola de pele para cobrir os machucados do rosto e um pouco de rubor nas bochechas.

— Assim está muito melhor. E, senhorita, um conselho, não visite a cozinha. O cozinheiro é muito bravo, o asseguro.

* * *

Wynn amaldiçoou entredentes quando seu café da manhã pacífico e solitário foi interrompido pela difícil senhorita Lockharte. Ele tentava decidir o que era mais conveniente para ela e não necessitava de sua interferência. Ele estava repassando mentalmente a lista dos solteiros elegíveis perguntando-se qual poderia chegar a dirigir a professorinha rebelde.

Logo deu um melhor olhar à sua companheira não convidada de café da manhã e amaldiçoou outra vez.

Mil demônios, essa mulher podia ser formosa com uns quantos quilos a mais e com menos cenhos franzidos. E assim sua tarefa seria muito mais fácil. O rosto da professorinha mostrava que tinha descansado, ele notou, e grande parte das contusões estavam dissimuladas com maquiagem. Inclusive seus lábios pareciam menos inchados e, Deus não permita, muito mais beijáveis. Lábios para serem bem beijados, Wynn se disse e logo se repreendeu por essa ideia. Ele não tinha por que andar fixando-se nos lábios da senhorita Lockharte, e não devia associar as palavras professora e beijar.

Wynn fez um gesto para que um lacaios enchesse um prato para ela.

— Duas torradas e um pouco de geleia seria maravilhoso — Rosellen disse ao lacaio que ante um olhar agudo de seu patrão serviu ovos, toucinho, arenques e rins no prato. Logo ele tomou outro prato para as torradas e a geleia.

— Eu nunca poderia...

Wynn fez um gesto ao lacaio para que saísse da sala antes que ela pudesse seguir protestando. Essa juvenzinha irritante alguma vez sabia o que era bom para ela?

— Vejo que Susan encontrou algo para você usar. — Ele comentou, esperando que ela se calasse e comesse.

Rosellen tocou a saia de seda.

— Sim, mas só até que eu possa comprar minha própria roupa. — Ela se perguntava se as cinquenta libras dariam para pagar todas as coisas que tinha que fazer. No campo essa soma era uma fortuna. Mas em Londres, ela temia, não ia conseguir construir um futuro. — Ou possivelmente seria melhor que eu fizesse os meus próprios vestidos. Sei que há lugares onde se pode comprar tecidos que estão ligeiramente machucadas a um preço econômico.

Se os uniformes cinzas que pareciam sacos de batatas eram alguma indicação da habilidade da senhorita Lockharte em costurar, Wynn não queria ver os resultados, sobretudo usando um tecido danificado.

— Não, as costureiras trabalham por centavos. — Lhe mentiu. — Necessita que te corte a carne?

— Quero te pagar todos os gastos que teve por mim, espero que esteja levando isso em conta.

— Meu secretário se encarregará disso — Wynn contestou, perguntando-se se Stubbing alguma vez teria conhecido um livro de contabilidade. — Come um enrolado doce. A manteiga se faz no Alton Abbey, de nossas próprias vacas leiteiras.

Rosellen se manteve firme em sua postura.

— Não aceitarei caridade, Sua Senhoria.

Ele aproximou a jarra com mel dela.

— Mencionou isso muitas vezes. Aceitaria um trabalho?

Rosellen apoiou a xícara de chá.

— Um trabalho como o que?

Wynn desejava que essa juvenzinha deixasse de ver conspirações e armadilhas a cada segundo. Aqui estava ela brilhando tão atraente que ele quase se esqueceu de seus delírios paranoicos.

— Como dama de companhia da minha mãe e da Susan. A prima Lenore voltou para sua casa. Por que não prova um pouco de pudim?

— Estou segura que é delicioso. — Ela disse sem prová-lo. — Fala a sério? Realmente me empregaria?

— Não como acompanhante para minha irmã. Ainda é muito jovem para isso e...

— Pouco atraente? Com poucas conexões na alta sociedade? Pouco sociável?

— É inexperiente. Eu gostaria que ficasse como nossa convidada se não se mudar à casa de seu tio e preferiria te contratar como dama de companhia da minha mãe e da minha irmã em vez de que procure outro trabalho.

— Outro trabalho... — Ela disse, suspirando e mastigando a torrada que ele tinha lubrificado com geleia.

Rosellen teria comido a gravata do visconde se ele a tivesse dado nesse momento, estava tão excitada. Um trabalho, repetiu interiormente. Um trabalho no qual não teria que viver em um apartamento de cobertura ou temer por sua vida. Teria um salário e uma cama. Não esperava seguir ocupando a suíte de cor lavanda, mas um quarto médio na Mansão Stanford tinha que ser muito melhor que o que podia lhe oferecer Miss Merrihew.

O visconde continuou falando, pensando que seu silêncio significava uma negativa.

— Ninguém precisaria inteirar-se de nosso acerto, é óbvio. Não deixaria que os amigos de Susan lhe tratassem como uma criada. E teria que se vestir adequadamente. Um guarda-roupa novo estaria incluído em sua remuneração. — Ele aproximou outra torrada lubrificada com geleia. — São bastante comuns esse tipo de acertos. — Sua mãe tinha pago um salário à Lenore, ele sabia, então a proposta não era escandalosa.

— O que Susan pensa disso? Terei que falar com ela para ver se ela ainda me quer aqui em sua casa.

Susan não tinha outra alternativa, mas Wynn não desejava introduzir outro ponto de discussão.

— Conversamos ontem à noite e Susan está muito emocionada. Ela já está pensando em te pôr de noiva com o Tenente Stubbing, meu secretário.

Rosellen riu com a mais alegre e mais natural risada que Wynn jamais tivesse escutado dela. Agora o visconde tinha duas missões: colocar a senhorita Lockharte em um matrimônio decente e fazê-la rir outra vez.

— Susan sempre teve muita imaginação para o romance. Mas fica tranquilo, seu secretário está a salvo, não será apanhado em minhas redes.

Wynn não se sentiu tão seguro, não ao ouvir essa risada tão doce.

— E minha mãe está encantada porque já não terá que assistir aos eventos sociais, então não há nada que temer salvo que seu tio reclame sua companhia.

Wynn também tinha planos para isso. Mas não os mencionaria à senhorita Lockharte até que falasse com Haverhill.

Rosellen tinha esquecido completamente seu tio. Como poderia dizer a lorde Stanford que ela preferia ficar como uma criada bem paga que retornar à casa de seu tio como uma parente pobre e mau querida? Susan logo se casaria, mas lady Stanford sempre necessitaria de alguém que lhe alcançasse seu bordado ou que lhe lesse ou que atendesse sua correspondência. Rosellen seria necessária nessa casa. Inclusive poderia chegar a ser a instrutora dos filhos de Susan ou do visconde.

Essa era uma ideia muito estranha. Mas não tinha tempo nesse momento de considerar por que a ideia dos filhos de lorde Stanford lhe resultava tão desagradável. O visconde só a desejava para ser a companhia de sua irmã. Por outra parte, se seu tio havia ido à Academia para procurá-la, possivelmente ele também a queria.

— Sim, quanto antes fale com meu tio, melhor.

— Pensei que talvez o encontraria em algum dos clubes hoje. — Wynn tentou não pôr muita ênfase nisso, porque tinha a esperança de negociar com o barão sem a presença da senhorita Lockharte.

— Não, o tio Townsend não deve ter deixado a Mansão Haverhill ainda. Ele poucas vezes sai antes que minha tia e minha prima despertem. — Mas ele estava acostumado a desaparecer imediatamente depois que elas faziam sua aparição na sala.

— O vamos encontrar em sua casa, pois as damas nunca baixam à sala antes do meio-dia. Acredito que uma visita esta manhã seria melhor que esperar à tarde, quando minha prima e minha tia estarão recebendo suas próprias visitas. O que pensa?

Stanford pensava que Rosellen queria evitar aquelas mulheres insuportáveis tanto como ele o desejava.

Wynn fez um intento fútil mais.

— Não te parece que deveria voltar lá para cima para descansar, senhorita Lockharte? A menos que não tenha terminado de comer, é óbvio.

Ela não tinha comido nada exceto as duas torradas com geleia que ele tinha ordenado. Deus! Como ia conseguir-lhe um marido se não aumentava um pouco de peso?

— E Susan despertará logo. Pode compartilhar outro café da manhã com ela.

— Não poderia dormir tranquila até que não tenha falado com meu tio. A incerteza me causa insônia.

— Eu poderia vir e te contar o que ele disse logo que...

— Tem razão, Sua Senhoria, não é necessário que vamos os dois. Certamente você tem coisas melhores e mais importantes em que ocupar sua manhã.

— Não. Eu vou. Você deveria ficar aqui.

— O que? E permitir que você e meu tio decidam meu destino entre vocês?

Quem melhor para fazer isso? Wynn pensou. Uma joventinha a quem lhe falham vários neurônios do cérebro?

CAPÍTULO 23

O barão não sabia o que pedir, se a presença de um sacerdote, uma pistola carregada, ou uma passagem às colônias da América.

— Disse que Stanford está aqui com a minha sobrinha? — Se afastou uns centímetros da bandeja de prata que o mordomo mantinha firmemente estendida, como se o cartão de visita colocado ali fosse um dragão. O barão escolheu mostrar-se ofendido.

— Como se atreve esse covarde a trazer o produto prejudicado de volta aqui, depois que ele mesmo a arruinou. Nem um nem outro deveriam atrever-se a apresentar-se em um lar decente como este. Guia ao Stanford e à moça perdida à porta, Jamison, não quero ver-me forçado a desafiar a duelo esse canalha.

— Muito bem, meu lorde. Mas eles chegaram na carruagem aberta de Lady Stanford, a viscondessa.

— Viu o emblema na porta, não é?

— E a plataforma que usam para pôr a cadeira de rodas de Lady Stanford.

— Lady Stanford está na cidade. Vi-a eu mesmo ontem à noite naquela porcaria de recital de poesia. Então isso quer dizer que a senhorita Lockharte deve estar hospedando-se na Mansão Stanford. Maldição, quem teria acreditado que ele se atreveria a levar sua amante à casa de sua mãe?

O mordomo tossiu discretamente.

— A senhorita está vestida como uma dama da sociedade, meu lorde, não como uma mulher da vida. E uma criada muito respeitável está com eles na carruagem.

— O que está tentando me dizer? Que ele não desonrou a minha sobrinha levando-lhe como um ladrão de galinhas?

— Eu não posso lhe assegurar isso, meu lorde, mas ele parece tratar a senhorita Lockharte com todo o devido respeito. Possivelmente veio pedir formalmente a mão da senhorita?

E isso não seria como pôr um gato em uma gaiola de pássaros?

Jamison gostaria muito de ver como alguém baixava a crista de miss Clarice e se essa pessoa era a provinciana que tinha protagonizado o escândalo da temporada, muito melhor.

— Hmm. Suponho que poderia lhe exigir que faça o correto para reparar esta situação, se é que ele não vem propô-lo por iniciativa própria. É melhor que os guie para dentro.

Rosellen estava formosa, o barão considerou, exceto pela tipoia ao redor de seu pescoço.

— Pelo amor de Deus, Rosellen, sempre soube que não estava à beira da morte.
— O tio disse quando se sentaram. — Mas igualmente fiz essa maldita viagem a Worthing por nada. Quão único ganhei foi agravar meu reumatismo. Deveria me haver esperado lá.

— Estava doente, tio. Não sei o que teria sido de mim se sua senhoria não tivesse vindo e tivesse proposto me levar à estalagem mais próxima.

— Uma estalagem, é? — O barão ainda tinha esperanças.

— Onde a esposa do hospedeiro cuidou dela como uma mamãe galinha de um pintinho. — Wynn adicionou, assegurando-se de que Haverhill soubesse que sua sobrinha não tinha sido desatendida. Ele não mencionou os Heatherstones ou o sequestro, pois o barão já tinha um certo brilho estranho em seus olhos.

Wynn tirou seu monóculo e o lustrou.

— A situação da senhorita Lockharte era horrenda, barão. Ela não podia seguir hospedada na academia, onde ninguém lhe prestava atenção.

— Não me prestavam atenção? — Rosellen grasnou. — Quão único queriam era...

O visconde falou rapidamente:

— Mas, se tivesse sabido que você chegaria, o teria esperado e o teria deixado escotar a senhorita Lockharte de volta a Londres. Ela deveria ter tido a sua família com ela, não ser acompanhada pela nora da hospedeira. Em um segundo Wynn conseguiu pôr a culpa do lado do barão por não ter vindo mais cedo ao resgate de sua sobrinha e por não havê-la resgatado do perigo de um matrimônio forçado.

— É certo. Ma, essa mulher Merrihew só me disse que você tinha ido com o Stanford, querida. Onde eu poderia te buscar?

Ou o que pensou dessa situação? Rosellen também viu um brilho estranho no olhar de seu tio observando calculadamente ao visconde. As garotas da escola teriam chamado ao Wynn um bombom preparado para comer, seu tio preferiria chama-lo de genro. Que ridículo!

Wynn era um aristocrata e Rosellen era uma ninguém. Não devia nada a ela enquanto que ela lhe devia a vida. E por conseguinte, não poderia permitir que lhe

pagassem com as insinuações ridículas do tio Townsend. Rosellen somente esperava que seu parente não a envergonhasse.

— Sua Senhoria foi muito gentil e cortês, tio.

O barão estava muito irritado. O era um mulherengo costumeiro. Por que, em nome de Deus, tinha que fazer o papel de pai ultrajado com essa moça tola? Se o visconde não tirasse essa juvenzinha das suas mãos, Haverhill estaria inescapavelmente obrigado a velar pelo bem-estar dela.

— Então ele deveria te haver trazido diretamente para cá, desse modo não estaríamos tendo esta conversação.

Agora Wynn observava ao barão através do monóculo como se estivesse estudando um inseto rasteiro.

— Era muito tarde. A senhorita Lockharte estava exausta. E a deixei aos cuidados da minha mãe. Quem pode insinuar que não a tratei adequadamente?

Rosellen viu que seu tio se ruborizava.

— Não deve preocupar-se, tio. Lorde Stanford me ofereceu...

— Sim? — O barão ansiosamente se sentou mais adiante em seu assento.

— Ofereci-lhe a hospitalidade de meu lar — Wynn disse sinceramente. — Minha irmã está muito solitária para uma juvenzinha de sua idade e a condição de saúde da minha mãe não lhe permite levá-la a passear como ela desejaria. A senhorita Lockharte seria bem-vinda em minha casa se ela desejar ficar.

Haverhill quase caiu de sua cadeira. De alívio.

— Isso seria o melhor. Minha esposa está em uma “condição delicada” e não poderia ocupar-se desta juvenzinha ferida.

Ele não disse que sua esposa não estava em condições de cuidar do resfriado do gato.

Além disso, quem sabia o que poderia chegar a ocorrer com Rosellen sob o teto de Stanford? Se ela se esforçasse um pouquinho poderia chegar a comprometê-lo.

— O que te parece, querida, você gostaria de estar de visita com lady Standford por um tempo? Não há dúvida que ela é uma dama de alta moralidade, sua reputação não será questionada.

— Eu gostaria mais que tudo, tio.

— Então está decidido. Darei à sua tia e à Clarice seu endereço. Estou seguro que lhe visitarão muito em breve.

Wynn também estava seguro. A ambiciosa filha do barão não perderia a oportunidade de tentar apanhá-lo. Se eu tiver que sofrer, Wynn pensou, então que também Haverhill.

— Não quero discutir este tema na presença da senhorita Lockharte. — Ele disse olhando severamente em direção a ela — Mas sua sobrinha necessitará de um guarda-roupa novo. Minha irmã assiste a eventos sociais constantemente e estou seguro que você quereria que sua sobrinha se vestisse apropriadamente.

Um guarda-roupa novo era um preço bastante barato para pagar se conseguia manter Rosellen longe de sua Clarice. Droga. Quando sua sobrinha se pôs tão bonita? Se ela tivesse sido atraente assim dois anos atrás, ele teria insistido em que ela ficasse em sua casa até que apanhasse um marido. Agora respaldada por um tipo como Stanford e acompanhada por sua irmã e sua mãe, ela ia apanhar a um cavalheiro.

— É óbvio que ela tem que vestir-se apropriadamente. Pode me enviar as contas sempre e quando não tentar me levar à bancarrota, Rosellen.

— E uma pequena remessa de dinheiro para os pequenos gastos diários, barão? Você não desejaria que sua sobrinha não pudesse pagar por linha, livros e fitas. Eu poderia lhe dar esse dinheiro, é óbvio, mas então começariam os rumores a respeito da reputação da senhorita Lockharte. Você não quereria isso, estou seguro.

— Dinheiro para minúcias, é óbvio. Deveria ter pensado nisso.

Haverhill chamou com a campainha ao mordomo, logo sussurrou algo ao ouvido do homem. Jamison desapareceu para retornar com uma pequena bolsa de veludo, a qual colocou sobre o regaço de Rosellen com uma reverência rígida.

Satisfeito, Wynn ficou de pé oferecendo à senhorita Lockharte seu braço.

— Oh, uma última coisa, barão. Se um pretendente elegível se animasse a me falar sobre visitar sua sobrinha, posso enviá-lo a você para falar do dote, não? — Ele arqueou uma sobrancelha escura.

Maldição. Um dote? Haverhill tinha que pagar todo um guarda roupa e agora Stanford esperava que estabelecesse um dote para sua sobrinha rebelde? Mas como diabos poderia negar-se quando Stanford o estava ameaçando veladamente em contar ao mundo que Townsend Haverhill era um avaro?

Lady Stanford poderia fechar as portas da alta sociedade para Clarice se considerasse que Rosellen estava sendo menosprezada. Pelo amor de Deus. Haverhill soube que seguia tendo a responsabilidade de ambas as juvenzinhas.

O barão assentiu com a cabeça e despediu na porta aos inoportunos e custosos convidados antes que esse estúpido visconde pudesse pensar em outra forma de gastar dinheiro. Dinheiro alheio.

Rosellen estava impressionada.

— Esteve magistral, Sua Senhoria. — Disse a Wynn quando estavam acomodados na carruagem. — Errou sua vocação.

Ele não dissimulou sua falsa modéstia.

— Sempre pensei que poderia brilhar na diplomacia.

— Não, referia-me que poderia ter sido um excelente vendedor de cavalos. Quase exigiu ao meu tio que devia comprar uma carruagem para mim!

— Haverhill deve ter temido isso, pela forma em que se apressou a nos levar à porta. — Wynn mal tinha tido tempo para interrogar ao barão sobre o chapéu perdido.

— Os resultados foram excelentes, mas seu método ameaçador foi abominável. Mas não quero te criticar, sua Senhoria, pois me deu um futuro!

— E um futuro no qual não será uma dama de companhia com um salário, então pode deixar de me chamar de “sua senhoria”. Stanford estaria bem se não puder me chamar Wynn.

— Um futuro não como criada, Stanford — ela concordou alegremente. — E por favor me chame de Rosellen. Porque já não sou uma professora de escola. Mas também vou pedir à sua mãe referências se por acaso não encontrar um cavalheiro com quem me casar. Embora saiba que não vou me casar com ninguém.

Wynn não estava surpreso de ouvir que essa juvenzinha pretendia ser tão teimosa a respeito dessa decisão como o tinha feito com cada uma das sugestões que lhe tinha dado. Ele suspirou perguntando-se quanto tempo lhe levaria para fazê-la mudar de ideia.

— Até que se apresente o cavalheiro ideal que cumpra com todas as suas expectativas, se considere uma convidada bem-vinda em minha casa.

— Obrigada, pois duvido que meu tio queira pagar para que eu me estabeleça independentemente. Isso não o entendo.

— Senhorita.... Ah.... Rosellen. As senhoritas respeitáveis não vivem independentemente sem que suas reputações resultem manchadas.

— Não, o que não entendo é por que foi tão amável comigo.

Wynn observou para onde Rosellen simulava ter interesse pelo tráfego que passava. Não poderia decidir se a carta sarcástica da senhorita Lockharte o tinha ferido ou se sua súplica implícita e desesperada o tinha comovido. Não podia admitir que queria que essa professorinha rebelde gostasse dele, não podia admiti-lo em voz alta nem podia admiti-lo a si mesmo.

— Possivelmente simplesmente desejo que se faça justiça.

Rosellen não ficou muito convencida, mas a presença da criada a preveniu a não continuar indagando sobre o fascinante funcionamento da mente de Wynn Alton.

— Nesse caso, se passarmos pela rua do Arco, desejaria contratar um detetive de polícia com o dinheiro que o meu tio me deu.

— Pelo amor de Deus, uma mulher respeitável não vai visitar a rua Arco, onde criminosos de todo tipo entram e saem do edifício da Polícia. Por que quereria contratar um detetive?

— Por que? Para começar uma investigação sobre os Merrihews e para recuperar meu dinheiro roubado.

Wynn quase gritou de desespero, mas a maldita criada estava na carruagem:

— Ainda insiste com a teoria conspirativa? Pelo amor de Deus, tem dinheiro próprio agora, um guarda-roupa novo e qualquer outra coisa que poderia necessitar. Tem a oportunidade de viver com uma família e possivelmente de ter um marido nobre se seu tio puser o dinheiro para o dote. Por que diabos quereria pôr em perigo tudo isso?

— Possivelmente porque eu também desejo que se faça justiça.

O almoço informal foi alegre agora que o futuro imediato de Rosellen estava decidido. Wynn continuou insistindo em que ela comesse e Susan continuou pensando em lugares que gostaria que sua amiga visitasse. Lady Stanford estava contente porque ela não teria que a acompanhar ao anfiteatro, ao Museu Ackerman, ou a ver a coleção de animais selvagens no Tower. O rosto ruborizado do tenente Stubbing permitia ver que estaria muito contente de escotar as daminhas a qualquer lugar onde elas desejassem ir. Qualquer coisa para evitar os livros contábeis de Sua Senhoria.

Lorde Hume também estava de bom ânimo, encantado de conhecer a senhorita Lockharte enquanto comia salmão com molho de ostras.

Não tinha novidades sobre seu chapéu e não tinha recebido nenhuma mensagem extorsiva nem seu nome era mencionado nas colunas de intrigas sociais dos periódicos. Hume estava começando a concordar com o visconde que a perda de sua cartola e da carta de amor que este continha era um mero acidente e não uma calamidade.

E Wynn estava contente de ver como Rosellen se adaptava ao grupo familiar. Ao menos já não era estranha. Ela já não se ruborizava ou gaguejava e não havia tornado a falar de detetives e ladrões, obrigado Deus. Mas ela parecia estar irritada quando a comida acabou.

— Não faça planos para esta tarde, Susan. A senhorita Lockharte vai descansar.

— Tolices, Sua Senhoria. Não estou cansada. Ao contrário, sinto-me perfeitamente capaz de ir com miss Alton a fazer todas as visitas.

— Ficaré em casa descansando. Não quero ver-te caindo de uma escada outra vez.

— Não caí, Sua Senhoria, estava...

— Com gripe, e pode ter uma recaída se não tomar cuidado.

A cabeça de Susan girava escutando a um e a outro. Inclusive lady Stanford notava o interesse de seu filho para com a nova convidada.

— Acredito que a senhorita Lockharte deve saber o que é melhor para ela, Stanford. — Ela disse.

— Oxalá viva para ver esse dia — Wynn murmurou em voz baixa para que só Rosellen pudesse escutar.

Rosellen cuidadosamente tirou o guardanapo de seu regaço e ficou de pé, então ele e o outro cavalheiro se viram forçados a ficar de pé também.

— Se recordar nossa visita à casa de meu tio esta manhã, meu lorde, recordará que não sou sua empregada. Nem sou uma menina que não conhece seus próprios limites. Descansarei quando estiver cansada e não quando você me ordenar isso. Está claro? Agora, com a permissão de lady Stanford, eu vou procurar meu chapéu para que sua irmã não tenha que me esperar.

Susan bateu palmas e lady Stanford comentou.

— Bravo, senhorita Lockharte. — Logo ela se dirigiu ao seu filho. — Eu gosto desta garota, Stanford. Ela não é a jovem tímida e reprimida que parece.

Infelizmente, Rosellen arruinou sua grandiosa saída tropeçando em uma roda da cadeira de rodas da viscondessa. Wynn a pegou pouco antes que sua cabeça tivesse batido contra a quina da mesa. As palavras em seus lábios não eram muito adequadas para os ouvidos de sua irmã, então saiu da sala e dirigiu-se às escadas com o insignificante peso da senhorita Lockharte uma vez mais em seus braços.

CAPITULO 24

Rosellen se sentia como um grão de areia gritando no deserto. Mas por outro lado, nos braços do visconde sentia-se tão segura como uma criança adormecida acariciada por uma brisa. Mas ela não era uma menina. Estava muito consciente do peito duro de Wynn, de seus braços firmes e de seu perfume masculino. Não, ela não se sentia como uma menina e quando ele se inclinou sobre ela depois de havê-la colocado sobre a colcha violeta, aquela brisa se converteu em um ciclone. Isto nunca funcionará, ela disse a si mesma. Por que essas sensações? Nem sequer gostava desse homem. Só era gratidão o que fazia com que seu coração pulsasse mais rapidamente. Não?

— Agora, descansa, garotinha. — Wynn a olhou severamente, quase desafiando Rosellen a mover-se da cama.

Irritada por sua resposta completamente inapropriada para esse homem, Rosellen replicou.

— Garotinha! Basta de me dar ordens, Stanford. Não sou uma menina nem uma inválida!

— Então sente-se o suficientemente recuperada para assistir à ópera?

Rosellen tinha assistido à ópera uma vez durante sua breve estadia em Londres. Lhe tinha encantado. Mas também sabia que essa noite acabaria muito mais tarde da hora a que estava acostumada a ir à cama. Ficaria adormecida durante a ópera do Fígaro se não dormisse uma sesta.

— Hmmm — ela concedeu com um resmungo impróprio para uma dama. — Mas ao menos poderia considerar os sentimentos dos outros quando dá ordens.

Wynn cruzou os braços sobre seu peito porque se sentia tentado a sacudir aquela mulher irritante.

— Senhorita Lockharte, eu não tenho feito outra coisa nestes dias além de pensar em seu bem-estar.

Ele tinha razão e isso fez com que Rosellen se irritasse ainda mais.

— Disse sentimentos, não bem-estar.

— Me perdoe por te ofender novamente, senhorita Lockharte, por considerar que sua saúde é mais importante que seus sentimentos. Possivelmente terei que trocar de parecer e te deixar voltar para a academia, onde o velho reverendo se ocupará de seus sentimentos.

— Estou me comportando muito mal, não é?

— Teimosa como uma mula, venenosa como uma víbora, e irritante como um mosquito. Necessita de mais detalhes?

Rosellen se sentiu aliviada ao ver que ele sorria.

— E completamente infantil, suponho. É, fui um fio de palha flutuando no vento por tanto tempo... E você quase não aceita opiniões minhas e me resulta difícil seguir sendo invisível.

— E eu estou tão acostumado a dar ordens, o que me resulta difícil respeitar sua necessidade de independência agora que a obtive.

— E também é um pouco arrogante — Rosellen lhe recordou enquanto seus olhos se fechavam.

Wynn se inclinou e brandamente tocou sua bochecha.

— Só um pouco? Sabia que chegaria a gostar de mim, Rosellen Lockharte.

Enquanto Rosellen descansava, Wynn se ocupou de suas coisas. Visitou a residência de Tripp Hayes, só para encontrar o lugar fechado e que a aldrava faltava na porta. Se o tipo não estava em Londres e não estava em Bognor Regis, onde diabos se colocou? O quarto de Tully Hadfield já tinha sido dado a um novo inquilino que não conhecia o paradeiro do canalha.

Para Wynn foi melhor no Albany, onde um dos moços que ocupavam-se dos cavalos sabia que os gêmeos Heatherstone estavam às compras.

— Estavam brigando a respeito de quem escolheria os chapéus e quem escolheria as luvas. Logo sortearam com as cartas quem ia conduzir a carruagem. Nunca vi nada igual em minha vida. Foi muito melhor que ver o bezerro de duas cabeças.

Um bezerro de duas cabeças teria mais lógica que os sequestradores da senhorita Lockharte, mas Wynn se dispôs a encontrá-los. Um homem, ou dois homens, não sequestrava mulheres inocentes sem que houvesse uma boa razão. Rosellen os tinha declarado inocentes do nefasto intento de abdução, mas Wynn não estava tão seguro. Estava determinado a assegurar-se que não haveria uma repetição desse valente ataque

— E nenhuma menção do episódio em público.

Não estava seguro do que poderia usar, se pistolas ou espadas, mas não ia deixar que esses dois estúpidos destruíssem a nova esperança de felicidade da senhorita Lockharte.

CAPITULO 25

Um cavalheiro podia comprar suas luvas em qualquer lugar, mas ia à loja do Locke para comprar seus chapéus, então Wynn procuraria ali em seu primeiro intento.

Os Heatherstones se sobressaíam no estabelecimento sério e formal como um par de perus reais. Com seus cabelos vermelhos, suas calças amarelas e suas gravatas de bolinhas, eles eram um pesadelo para qualquer um com um mínimo de bom gosto. Wynn lhes pediu que se encontrassem em uma cafeteria, pois não queria ser visto em seu clube com esses gêmeos palhaços.

— Que casualidade! — Um deles disse. — Iamos visita-lo esta tarde, logo que tivéssemos chapéus novos. Não ficaria bem visitar uma dama com a cabeça descoberta.

O outro gêmeo assentiu vigorosamente com a cabeça.

— Oh, a senhorita Lockharte está hospedando-se na Mansão Stanford, não é?

— Sim, com minha mãe. — Wynn falou em voz alta para qualquer um que estivesse ouvindo.

— Isso está muito bem. Íamos ter que desafiá-lo a um duelo se a punha em alguma situação imprópria, não é, Tom?

Foram a que...? Wynn quase os abandonou na rua, mas queria respostas. Como o que tinha ocorrido com seus velhos chapéus.

— Não os podíamos levar em nossas cabeças, não sabemos por que, além disso sempre os estávamos esquecendo em diferentes lugares. Acredito que eram muito grandes para nossas cabeças.

Wynn estava seguro que esse dueto de ridículos não tinha tido nada que ver com a perda do chapéu de lorde Hume. A senhorita Lockharte era outra questão.

Dentro de uma cafeteria cheia de fumaça, Wynn adotou sua expressão mais séria e demandou saber sobre as intenções dos Heatherstones para com sua convidada.

— Nós esperávamos que você tivesse boas intenções. Nossa intenção é nos incorporar às filas do exército.

Deus ajude o comandante Wellington, o visconde pensou. A guerra contra Napoleão duraria outros dez anos se estes dois inapresentáveis entrassem no exército inglês.

O outro Heatherstone falava. Wynn pôde ver que eles não tinham saído ilesos do encontro com o cocheiro e Roger. Um tinha um machucado na bochecha. E o outro tinha um sobre seu olho. Não sabia qual gêmeo era qual e não lhe importava o mínimo.

— Minha meta é ver a senhorita Lockharte bem estabelecida e sem nenhuma mancha em sua reputação.

— Essa é nossa meta também! Por isso é que esperávamos que você reparasse adequadamente o que lhe fez.

Wynn golpeou a mesa.

— De uma vez e por todas, esclareço-lhes que eu não desonrei essa mulher e que não vou casar-me com ela. — Wynn escolheu ignorar todas as vezes que tinha estado a sós com ela em diversos dormitórios, e o desejo que o tinha dominado esse dia ao tocar sua bochecha.

Além disso os gêmeos Heatherstone não tinham por que questionar suas intenções.

— Entendem-me?

Os Heatherstones assentiram com suas cabeças e um deles disse.

— Oh, isso significa que um de nós tem que casar-se com ela?

Wynn poderia haver-se desfeito da responsabilidade da professorinha com uma só palavra. Poderia fazê-la casar com um deles com uma só palavra. Mas com o dote do Haverhill ela poderia aspirar a algo melhor que esses ruivos ridículos. Wynn se estremeceu com a mera ideia.

— Teriam que perguntar a ela. — Ele disse magnanimamente, dando a Rosellen uma eleição que sabia que ela nunca tomaria. Não, ela desejava um matrimônio com respeito e afeto mútuo.

— Se por acaso lhes interessa, Haverhill estabeleceu um dote para ela.

— Tim deveria se casar com ela. Papai aprovaria.

— Droga, eu queria ir à Espanha. O comandante Wellington aceita tipos casados nos campos de batalha?

Ele tampouco aceita a atrasados mentais. Wynn teve que sorrir imaginando a reação da senhorita Lockharte ante estes dois inapresentáveis discutindo sobre quem deveria pedir sua mão.

— Possivelmente não seja necessário. Tenho a esperança de começar a lhe apresentar outros cavalheiros elegíveis, de modo que ela tenha várias opções para escolher.

Tim bateu no ombro de seu irmão com alívio.

— Sempre se disse que Stanford é um tipo muito inteligente.

— Não, ele simplesmente não quer que nenhum de nós se case com ela, do mesmo modo em que não nos quer para sua irmã.

Um deles tem um neurônio no cérebro, Wynn pensou.

— Decidi que pelo transtorno que causaram à dama, vocês ajudarão a minha mãe e a minha irmã a introduzi-la na alta sociedade, a afastará de candidatos inapropriados e se ocuparão de que ninguém recorde coisas que aconteceram no passado. Ficou claro?

A frieza em seus olhares foi suficiente para saber que estava claro. E suas intenções estavam claras agora e os Heatherstones sabiam. Tragaram em seco e sacudiram suas cabeças ao unísono. Logo tiraram seus lenços para secar o suor de suas testas antes de partir.

— Que tipo arrogante!! — Tom comentou.

Tim concordou.

— Não acredito que ele seja apropriado para nossa senhorita Lockharte. Que caráter de merda, não?

— E deixou o gatinho com o hospedeiro. Então, o que fazemos agora?

— Conhecemos cada tipo que está em busca de uma esposa, então vamos apresentá-la e nos asseguraremos que todos saibam sobre o dote, e veremos se a podemos casar antes de irmos à Espanha. Isso deixará satisfeita nossa honra e deixará satisfeito ao Stanford. E enquanto isso podemos lhe conseguir aquele cão que ela sempre quis.

— Mas ela está vivendo na casa de Stanford.

— Então vamos conseguir um cão bem grande e bem feio.

* * *

No caminho à sua casa, Wynn se deteve no ateliê de madame Celeste e mencionou a essa costureira discreta que uma amiga de sua irmã estava vivendo com

eles. A sobrinha do barão Haverhill, para ser mais exato, e que a juvenzinha necessitaria de um guarda-roupa novo. Tudo pago pelo barão, é obvio. A senhorita Lockharte estaria visitando a costureira tão logo descansasse de sua viagem à cidade e tão logo se recuperasse de sua recente enfermidade, mas madame poderia começar a costurar um vestido para ela agora, assim teria algo para usar em sua primeira festa? Wynn se ofereceu a pagar extra, com o propósito de dar esse gosto à amiga de Susan. O vestido deveria ser solto para poder adaptá-lo ao seu corpo, e uma manga devia ser atalho para acomodar um braço com tala. OH, e o vestido tinha que ser de seda, e tinha que ser turquesa, a cor do mar do Caribe. Madame Celeste escreveu suas instruções tentando esconder seu sorriso conhecedor. A nova amante do Alton, não é? Celeste era francesa. E sabia muito bem o que pensar quando um homem vinha lhe encarregar de um vestido com tanta discrição.

Na Mansão Stanford as damas tomavam o chá. Wynn se uniu a elas logo que despachou Stubbing e revisou sua correspondência. Seus olhos imediatamente foram para Rosellen quando entrou na sala, para assegurar-se de que ela estava descansada. Isso disse a si mesmo. Ela parecia relaxada, com um rubor atraente em suas bochechas que não parecia maquiagem.

— Roger retornou de Worthing. — Disse a ela enquanto sua mãe e lorde Hume discutiam sobre política e sua irmã entretinha ao Stubbing com a história sobre a ópera que veriam essa noite.

Rosellen se inclinou para frente.

— Encontrou a Fanny? Trouxe-a com ele? O que disse ela sobre o dinheiro?

Wynn sorriu ante sua ansiedade.

— Ele encontrou sua amiga. — Lhe disse, lamentando não ter melhores notícias para dar — Mas não conseguiu falar com ela. Ela está doente, na casa de uma tia que fica a dez milhas de Worthing. É por isso que ninguém na cidade conhecia seu paradeiro.

— E ela estava muito doente para falar com o Roger? Oh, não me diga que a pobre Fanny se contagiou com a gripe depois que todos os outros se recuperaram!

— Não, ela tem uma congestão nos pulmões depois de haver caído em um rio depois que foi demitida da escola. Sua tia confia que ela se recuperará.

— Caiu no rio?

— Segundo sua tia, Fanny, gual a você, tem um grande desenvolvimento de sua... Imaginação. A garota balbuciava algo sobre alguém empurrando-a ao rio. Mas quem tentaria machucar uma criada que volta para sua casa depois do trabalho?

Rosellen pensou por um minuto.

— Ela estava usando minha capa vermelha?

— Não tenho ideia, mas o que está sugerindo é absurdo. A garota provavelmente não queria que outros pensassem que é uma torpe por haver escorregado na beira do rio. De qualquer modo ela não tinha dinheiro quando sua família finalmente a levou para casa.

— Nunca esperei que Fanny tivesse o dinheiro. Ela não é uma ladra, disse-te isso? Mas, ela ficará bem?

— Sim, e Roger vai voltar a lhe levar uma mensagem, lhe dizendo que enviarei uma carruagem logo que ela possa viajar a Londres. Pensei que queria ter um rosto familiar perto de ti e ela parece necessitar de um trabalho. Enquanto isso não há nada que se possa fazer com respeito ao dinheiro perdido. Poderia concentrar suas energias em se divertir. Se sente muito decepcionada?

— Decepcionada por poder ir à ópera, a museus e ao parque? Ou porque terei que me desculpar uma vez mais com Sua Senhoria por pensar o pior de você?

CAPITULO 26

Se alguma vez tinha existido um homem que tivesse todo o direito de sentir-se orgulhoso de sua aparência, Rosellen pensou, esse homem era Wynn em seu traje para ir ao teatro. Ela nunca antes o tinha visto vestido formalmente, a mera imagem lhe tirava o apetite, apesar dos deliciosos pratos servidos na mesa da sala de jantar.

O visconde se via magnífico com seu cabelo escuro ondulado e seus sapatos lustrados. Comparado com sua elegância, Rosellen se sentia como uma camponesa. Ela usava outro dos vestidos reformados da Susan, uma rasa cor marfim com uma sobressaia de renda, e sabia que nunca tinha estado tão bem vestida. Também sabia que se via pobretona comparada com seu benfeitor. Rosellen tinha começado a considerar a Wynn como tal em sua mente, pois ele não era nem seu amigo nem seu parente, nem seu patrão nem seu guardião legal.

Tão aturdida estava que, além de não fazer justiça à comida suntuosa, não prestava atenção à conversação ao seu redor. Jantavam em família novamente, posto que Rosellen, Stubbing e lorde Hume eram considerados parte do grupo familiar. Parecia que o cavalheiro mais velho ficaria em casa fazendo companhia à lady Stanford e jogando cartas enquanto as pessoas mais jovens assistiam a ópera.

Rosellen deixou seus devaneios para escutar quando o visconde anunciou o recebimento de uma carta da prima Lenore e a solução a um mistério. Ela desejou que pudesse encontrar respostas às suas questões também.

— Duas soluções. — Stubbing contradisse ao visconde. — Você esteve perguntando-se o que se fez da vida do senhor Hayes.

Susan franziu o cenho ante a ideia de que seu pretendente indesejado retornasse à cena.

— Nada poderia ocorrer ao velho. E então, Wynn, quando estará de volta a prima Lenore?

— Ela não é o que parece ser. A velha prima Lenore e esse homem fugiram para Gretna Green².

— Juntos? — Susan deixou cair seu garfo.

— Essa é a forma que este tipo de fugas usualmente se realizam, querida.

² Região da Escócia onde era possível casar-se sem permissão de adultos ou sem os proclamas da igreja inglesa.

— Por que fizeram algo tão tolo? — Lady Stanford quis saber. — Causando um escândalo sem outra razão mais que fazer-se notar. São um irreprochável casal de adultos. Ninguém teria impedido esse casamento.

— As mulheres têm ideias excessivamente românticas. — Lorde Hume lhe recordou. — Inclusive as viúvas.

— Mas não há nada remotamente romântico em uma viagem em meio a um clima frio à Escócia. — Lady Stanford insistiu. — Pensei que Lenore tinha mais sentido comum que isso.

— Temo que em parte sou culpado disto, mãe. — Wynn declarou. — Tinha centrado minhas esperanças em que Hayes ofereceria matrimônio a Susan. Lenore considerou que ela estava sendo desleal. Tripp também conhecia meus desejos e não queria envergonhar Susan, no caso de que ela tivesse expectativas a respeito dele.

Lady Stanford comentou secamente.

— Então eles mantiveram um romance secreto às suas costas. Isso que é deslealdade. Espero que gostem de viver no campo, pois nunca serão aceitos em Londres outra vez.

Susan ria.

— Ainda não posso acreditar que seu amigo fez isto, Wynn. Você sempre me dizia que ele era um tipo sensato, responsável e confiável. E fugiu para a Escócia. Com a prima Lenore, meu cão guardião. Oh, pelo amor de Deus, é genial. Me pergunto se ele a levou na garupa de seu cavalo ou se ele teve que subir em uma escada de mão para ajudá-la a fugir. O que pensa tenente Stubbing? Qual é a forma correta de realizar uma fuga?

Wynn sentiu pena por seu ajudante que ficou escarlate.

— Não há uma forma correta de fazer esse tipo de coisa e bem sabe, pirralha. Vai deixar de rir se eu admitir que estava completamente equivocado todo o tempo? — Wynn se dirigiu a Rosellen para inclui-la na conversação. — Para que veja, senhorita Lockharte, eu não sou uma pessoa infalível.

— Nunca suspeitei que fosse, lorde Stanford, mas é lindo que admita ser um ser humano.

— Coma outra porção de faisão, senhorita Lockharte.

* * *

— Não é divino? — Susan sussurrou no ouvido de Rosellen quando estavam instaladas na primeira fila do camarote de Wynn.

Stubbing e o visconde estavam sentados atrás delas. Rosellen olhou brevemente para trás. Sim, ele era divino, muito divino para ser um mero mortal. Ela começava a desconfiar de seus muito humanos sentimentos para com o visconde.

— Sim, suponho que ele é passável.

— Só passável? — Susan estava desiludida. — Acredito que ele está celestial em seu uniforme de ornamento.

— Oh, o tenente... Sim, ele é muito bom moço. — Na verdade, ele não podia nem começar a comparar-se com o elegante visconde ao seu lado. Rosellen olhou para ver a reação de sua amiga ao seu louvor. Não desejava inspirar Susan em sua busca de candidatos, então adicionou. — Se é que você gosta dos cavalheiros de cabelo claro. Eu prefiro os de cabelo escuro.

E a metade das outras mulheres no teatro também pareciam preferir ao visconde. Susan também obtinha muitos olhares de admiração e Rosellen supôs que ela mesma estava sob escrutínio como uma recém-chegada à família Stanford, mas quase todos os olhos femininos estavam dirigidos a lorde Stanford.

As mulheres sentadas perto sacudiam seus leques e lançavam sorrisos esperando ganhar sua atenção. Rosellen estava segura que a Wynn não importava o que essas damas de linhagem tinham comido no jantar. Mas sua satisfação foi breve. O visconde obviamente estava tentando engordá-la como a um porco para levar ao mercado, e engordá-la o mais breve possível para fazê-la entrar no mercado do matrimônio.

Wynn ia terminar desiludindo-se. Apesar da generosidade repentina de seu tio, a senhorita Lockharte ainda seguia sendo a filha de um vigário com uma reputação salpicada. Se perguntou quanto tempo duraria sua amizade com Susan quando a juvenzinha sofresse o rechaço da alta sociedade. Quanto tempo duraria a paciência de Stanford se ninguém lhe oferecesse matrimônio. Rosellen só podia esperar que Fanny se recuperasse e que ela pudesse reaver as cinquenta libras. Logo prestou atenção aos cantores sobre o cenário.

* * *

Mas no primeiro intervalo Stanford resultou ter razão novamente. O camarote transbordava de homens, e suas esperanças irmãs, desejosos de conhecer a amiga de miss Alton. Enquanto algumas das senhoritas tinham sido alunas na Academia Miss

Merrihew e normalmente teriam ignorado a uma simples professora de escola, não se atreveram a ofender ao mais elegível candidato da cidade. E os gêmeos Heatherstone também estavam ali apresentando cavalheiros à Rosellen.

— Gostaram da ópera? — Rosellen perguntou para deter o abafado fluxo de nomes e títulos. — Desfrutaram da soprano?

— Se a soprano for a velha que chiava como um gato, diria que ela me resultou um pouco pesada. Mas por outro lado nunca tinha visto uma mulher com peitos tão grandes.

Susan riu nervosamente e Wynn franziu o cenho. O gêmeo chutou seu irmão .

— Bem, é compreensível que se ela tiver que fazer tanto ruído, necessita um grande par de...

— Não diante das damas. — Seu irmão murmurou.

— Mas a senhorita Lockharte não é uma dama.

Uma mão firme detrás de seu pescoço propulsou ao mequetrefe fora do camarote.

— Nunca tente ingressar no corpo diplomático. — Wynn murmurou enquanto empurrava o gêmeo para o vestibulo.

O outro ruivo os seguiu depois de prometer fazer uma visita no dia seguinte com uma surpresa.

— Não são um par de infradotados? — Susan perguntou. — Não sabia que conhecia os Heatherstones. Pergunto-me o que será a surpresa de amanhã.

Rosellen simplesmente comentou.

— Oh, nos conhecemos faz um tempo.

Logo as luzes se apagaram novamente, por sorte, de modo que não teve que responder mais perguntas.

Wynn não estava contente com a forma com que todos os homens observavam a senhorita Lockharte. Era certo, qualquer mulher em seu camarote seria observada atentamente, mas o fato de que ela fosse conhecida dos Heatherstones pareceu aumentar sua atração. Mas Rosellen não estava acostumada a semelhante escrutínio público. Ela poderia sentir-se ofendida ou inibida. Além disso, ela ainda não estava forte. Deveria estar em casa descansando, não em um lugar público.

No seguinte intervalo Wynn ia sugerir partir antes que as hordas de machos aparecessem no camarote, mas a senhorita Lockharte estava exultante. Ela estava

encantada com a ópera e a recepção social. Ele não poderia arrastá-la para fora do teatro e deixar que os Heatherstones fizessem pública a aventura do sequestro. Em vez disso, sugeriu-lhes passear pelos corredores do teatro para tomar um pouco de ar fresco e uma limonada.

Enquanto caminhavam a cor fugiu do rosto de Rosellen e ela teria tropeçado se ele não a estivesse sustentando pelo cotovelo. Wynn pôde senti-la tremer.

— Minha prima... — Foi tudo o que ela sussurrou.

— O que? A indomável senhorita Lockharte se esgota diante de uma simples mulher e sua mãe? — Ele a provocou tentando relaxá-la. — Pensei que tinha mais coragem, minha querida, disparando uma arma de fogo no pátio de uma estalagem, escapando com um grupo de sequestradores, sobrevivendo a uns cavalos desorientados. Clarice Haverhill só é um cogumelo venenoso, sabe. Ela não pode te comer.

— Não, mas ela pode manchar minha reputação e pode causar vergonha a você e à sua irmã por me introduzir na alta sociedade. Ela me odeia. Na última vez conseguiu me expulsar de Londres em menos de duas semanas. Desta vez ela pode...

— Ela pode ir-se ao inferno. — Agora era Wynn quem franzia o cenho. — Senhorita Haverhill. — Ele chamou. — Um prazer te encontrar.

Clarice deu a volta para encontrar ao visconde e ao grupo que o acompanhava. Ela olhou para assegurar-se que todos os outros no vestíbulo cheio o notassem também. Ela se separou de seus companheiros, o duque de Rafton e sua rígida mãe.

Clarice colocou seu melhor sorriso.

— Por Deus, Stanford, que prazer encontrar-te e miss Alton, também. — Ela ignorou completamente ao Stubbing. — E senhorita...

Clarice chiou mais forte que a soprano do cenário.

Sua cara se cobriu de um rubor intenso e seus olhos se estreitaram.

— Você! — Ela quase cuspiu.

— É óbvio, é sua prima, miss Haverhill. — Wynn assinalou o óbvio com um prazer quase perverso. Seu covarde pai evidentemente não tinha informado à ratazana do trato que tinham feito. — Foi muito amável de sua parte e de sua família nos ceder a companhia de Rosellen por esta temporada. Minha irmã sentia a necessidade da companhia de alguém de sua idade, então rogou à senhorita Lockharte que viesse ficar conosco. Deve recordar que foi sua própria estreia social.

Clarice ignorou a indireta sobre sua idade e o número de temporadas sociais passadas sem que tivesse conseguido um marido. Stanford não podia estar escoltando a sem-teto de sua prima! Simplesmente não podia ser.

— Mas ela é uma... Professora de escola! Ela é uma camponesa! Ela é...

— Uma convidada em minha casa. — Wynn falou em voz baixa. — Estou seguro que nos visitará para ver como ela está.

Se Clarice Haverhill alguma vez desejasse voltar a falar com o visconde novamente, teria que fazer o papel de parente amorosa e suportar a presença de sua prima. Voltou suas costas à mulher furiosa.

— Sua graça, posso lhe apresentar a amiga da minha irmã, a senhorita Rosellen Lockharte? Minha mãe realmente adora esta juvenzinha. Já quase a quer como a outra filha.

A senhorita Lockharte fez uma reverência à duquesa.

— Uma favorita de lady Stanford, é? Enviarei um convite para meu próximo evento. Vem Rafton, miss Haverhill, não podemos perder o seguinte ato. Esta cena foi mais que interessante.

CAPITULO 27

A vida estava cheia de surpresas. Durante dois anos na academia, os dias de Rosellen tinham sido assombrosamente invariáveis: o mesmo vestido cinza, as mesmas estudantes apáticas. Passar das letras maiúsculas às letras minúsculas tinha sido um grande acontecimento, alternar entre o quadro negro e a pluma e a tinta, seu entretenimento principal.

Desde sua enfermidade nada tinha sido o mesmo de um minuto ao seguinte, nem o controle de suas emoções nem seus sentimentos. O mundo ainda estava dando voltas e sua cabeça nem sequer tinha sido golpeada.

Como quando retornaram da ópera para encontrar lady Stanford e lorde Hume jogando cartas com o Wilkins, o mordomo, e os três bebiam brandy e fumavam charutos.

Assim era como as damas se comportavam? O visconde se apressou a bloquear o vão da porta da sala e lhe disse.

— Nem te ocorra tentá-lo.

Ou como quando a sala encheu de oferendas florais à manhã seguinte, muitas delas para Rosellen. Ela não podia recordar os rostos que correspondiam aos cartões de saudações, mas todos aqueles cavalheiros lhe tinham enviado flores. Um buquê de flores provinha do duque de Rafton.

Incrível, Rosellen Lockharte, desonrada professora de caligrafia, não particularmente bonita e sem fortuna, estava recebendo flores de um duque!

Ou como quando lorde Stanford se mostrou irritado ao ver todas as cestas e vasos. Ele se tinha metido furioso em seu escritório privado quando deveria ter estado muito satisfeito com a recepção dela na alta sociedade.

Ou o do cão. Felizmente os gêmeos Heatherstone chegaram depois do almoço, enquanto o visconde estava ocupado em seu escritório com o Stubbing. Se Wynn não tinha gostado das flores, não ia apreciar que os cavalheiros ruivos lhe dessem de presente um cão. Especialmente não um cão como aquele. Rosellen não podia supor de onde os gêmeos tinham tirado uma besta tão perniciosa, mas estava segura que o dono do cão havia se sentido encantado de vê-lo partir.

Em primeiro lugar o animal era enorme. Se o gatinho tinha sido Noé, este cão de cruzamento desconhecido era o Arca de Noé. Certamente havia um casal de todos os insetos do mundo residindo em sua pelagem sarnenta. Faltava-lhe um olho, parte de uma orelha e a maior parte da cauda. E o animal grunhia todo o tempo.

Quando Rosellen tinha desejado possuir a um cão, tinha-o feito em termos de um mascote pequeno e peludo que pudesse levar em sua bolsa. Mas ela quase poderia montar neste cão. E o animal lhe grunhia.

Os gêmeos lhe asseguraram que o cão era amistoso e a prova de rupturas dentro da casa, uma vez que ele conseguisse conhecê-la.

Mas Rosellen notou que eles partiram imediatamente depois de lhe entregar a corda do ogro.

Susan não podia ser de ajuda, estava escondida atrás do sofá.

— Que cachorrinho mais agradável...

— Grrr.

— Isto não vai funcionar.

— Lhe lance um bolacha. — Susan propôs de sua posição de segurança. — Não se supõe que os cães sejam mal agradecidos.

Mas ninguém tinha avisado isso à besta. Felizmente seus dentes se escorregaram, sem possibilidade de causar dano algum, a grossa vendagem do pulso de Rosellen. Susan disse.

— Acredito que quer outro biscoitinho.

O enorme cão comeu todas as bolachas, um bolo inteiro, outros conteúdos da bandeja: o chá do bule, o jarro de leite, o açucareiro e dois guardanapos. Logo deitou diante dos pés de Rosellen e dormiu. Ela deu um passo para trás e ele grunhiu.

Rosellen decidiu que realmente não gostava das surpresas.

* * *

O tio teria um ataque de apoplexia ao ver o preço do vestido de festa de Rosellen. A tia Haverhill ficaria cinza. E Clarice morreria de inveja. Mas Rosellen se via esplêndida.

Em seu vestido de seda verde mar, Rosellen se sentia bonita pela primeira vez em sua vida, especialmente quando o visconde lhe sorriu favoravelmente. Porque deveria lhe importar sua aprovação estava além de sua compreensão. O homem não havia feito outra coisa mais que ignorar sua existência durante toda a semana passada, encerrando-se em seu escritório e só saindo para lhe recordar que devia abrigar-se, descansar adequadamente e comer muitas verduras.

Wynn estava devastadoramente bonito esta noite, e estava muito atento à primeira festa de Rosellen desde sua segunda vinda a Londres. Depois de acompanhar ela e sua irmã ao salão de lady Rafton, guiou-as para umas fileiras de cadeiras ao lado da pista de baile, onde Susan, custodiada por Stubbing, instantaneamente foi rodeada por seus admiradores.

O visconde pediu a Rosellen a primeira valsa e a segurou cuidadosamente, protegendo seu pulso enfaixado. Logo se assegurou que ela estivesse confortável, com os irmãos Heatherstone e vários de seus amigos para lhe fazer companhia. Só então Wynn partiu para cumprir com seus próprios deveres no baile.

O salão de baile perdeu seu brilho para Rosellen.

Sua excitação por formar parte da alta sociedade se evaporou.

As pessoas lhe resultaram pesadas, a música muito forte, os perfumes também muitos persistentes. Manter uma conversação educada com os cavalheiros e com Sir Roger de Coverleys era pior que ter que dançar com eles.

Está-te pondo suscetível, Rosellen disse a si mesma, voltando sua atenção para Tom e Tim Heatherstone, que falava sobre uma corrida de patos. E então Clarice se apresentou ali e contou aos gêmeos que o coronel Throckmorton estava no salão de jogos falando sobre seu regimento. Queriam eles ser apresentados a um coronel do Exército?

Clarice tinha visitado a Mansão Stanford uma vez, achando que o visconde estava ausente, partiu com uma fria cortesia para Rosellen, o que resultou conveniente para ambas as primas. Agora lhe estava tirando de cima aos irmãos Heatherstones, muito provavelmente com a intenção de roubar dois candidatos de Rosellen. Clarice nunca se inteirou do quanto aliviava sua prima desprender-se dos gêmeos.

Infelizmente, Rosellen agora se sentia mal colocada, sentada sozinha no abarrotado salão de baile. Em certo modo isto era pior que quando tinha sido uma foreira em seus primeiros bailes, pois então todos a tinham ignorado. Ninguém se tinha fixado se estava acompanhada ou não.

Agora Rosellen podia sentir os olhos fixos nela, sentenciando-a, criticando-a, compadecendo-a. Aí está a senhorita Lockharte simples, se podia imaginar as damas dizendo, dando-se ares e aspirando a mais do que lhe corresponde e olhem aonde isso a levou.

Rosellen desejou que lady Stanford tivesse vindo essa noite, para poder procurar refúgio em sua custódia, mas lady Stanford estava na casa com o Buck, o cão.

O cão já não grunhia à Rosellen, sempre e quando fosse continuamente alimentado. Ela o tinha chamado Buck, uma abreviatura do Bucaneiro, pois ele tinha perdido um olho e tinha o temperamento áspero de um velho pirata. Nada menos que um Berberia.

O Buck poderia arrasar tudo. Os empregados do estábulo prometeram apresentar sua renúncia se fossem obrigados a lhe dar outro banho, e o pessoal da cozinha se armou com caçarolas e colheres de pau para defender a comida que se cozinhava no forno. Buck gostava da boa comida, sobretudo se era do visconde.

E Buck gostava de Rosellen, a sua maneira. Sendo esta maneira dormir no vão de sua porta ou sobre seus pés ou sobre seu regaço.

Quando Rosellen não estava disponível por alguma razão, ele se apegava à lady Stanford. Lady Stanford estava fascinada. Ela se agarrava ao seu pescoço e Buck rebocava a cadeira de rodas, então ela já não tinha que chamar um laçao cada vez que desejava mover-se. Usualmente Buck a empurrava em direção à bandeja de chá, mas a lady e o cão chegaram a um acordo.

Buck e o visconde não chegaram a um bom termo. Se odiavam mutuamente, mas Buck rapidamente se havia dado conta que ele o enviaria ao Coventry por mostrar os dentes ao patrão da casa. Rosellen se ofereceu para desfazer-se do cão, se pudesse lhe encontrar um bom lar.

— Que classe de lar? Um lar sem crianças, sem mascotes pequenos e sem tortas de morangos? — Wynn tinha murmurado, sua torta favorita tendo desaparecido na garganta insaciável do Buck.

— Então o devolverei ao lugar de onde veio. — Ela declarou.

— O inferno não aceita devoluções. — Foi tudo o que Wynn disse antes de encerrar-se em sua oficina. Então Buck continuava sendo parte da família. Rosellen desejou que o cachorro estivesse ali naquele momento. O cão podia gerar uma conversa mais inteligente que a dos Heatherstones.

Pensar em Buck lhe deu fome, então Rosellen decidiu encontrar a sala com comida. Estaria menos obviamente sozinha ali e poderia encontrar uma samambaia atrás da qual poderia esconder-se.

Não havia planta altas, mas Rosellen tomou uma taça de ponche e foi parar ao lado de uma cortina perto da janela da porta que dava à varanda, onde estava a distância do calor asfixiante dos salões superlotados. A anfitriã não queria deixar entrar o ar fresco da noite, então a porta estava aberta em uma fenda. Evidentemente ela não queria inspirar as pessoas jovens a sair para passear na semi escuridão da varanda. Rosellen se sentia feliz pensando que poderia ser menos visível nas sombras.

Nesse momento, por trás, uma mão lhe agarrou o braço por cima do cotovelo. Ela olhou ao seu redor, um grito subiu aos seus lábios, mas outra mão lhe tampava a boca e ela estava sendo transportada para a varanda. Na escuridão, com a música retumbando em seus ouvidos, Rosellen se sentia sendo arrastada para a beira da varanda, até que foi pressionada contra uma grade de ferro.

— Agora salta, maldita!

A orquestra iniciava outra valsa e Wynn estava procurando a senhorita Lockharte. Onde diabos se colocou essa juvenzinha agora? Tinha tido uma noite miserável observando-a falar com um cavalheiro atrás de outro. Se alegrava do fato que Rosellen fosse tão popular, disse a si mesmo, mas não gostava que esses cretinos estudassem tão intensamente seu decote. Deveria fazer com que Madame Celeste adicionasse um xale de renda ao vestido. Ele era o responsável por essa garota, por Deus. Alguém tinha que cuidá-la. E o indicado era o cão que tinha ficado na casa.

Diabos, Wynn pensou novamente, deveria ter sido ele a lhe haver agradado com um cão. Um cão adequado, não aquela besta voraz que os Heatherstones haviam lhe trazido. Pelo menos a besta ganhava a, abundante, comida que consumia cumprindo uma tarefa: conservando à raia os pretendentes que vinham de visita à casa. Enquanto Buck estava de vigiância, Wynn sabia que nenhum daqueles cretinos se atreveriam a dar um passo além do recomendável, então ele se sentia com liberdade para dedicar tempo à sua oficina. A pintura não era uma atividade tão relaxante como tinha sido no passado, apesar de que sabia que sua mãe, sua irmã e Stubbing estavam perto para proteger a senhorita Lockharte de avanços não desejados se o cão mamute dormisse em seu trabalho de vigiância.

Mas quem sabia o que lhe podia acontecer fora do salão de baile, se a juvenzinha decidisse andar por aí sozinha?

Repentinamente Wynn captou um breve flash turquesa desaparecendo pelas portas que levavam à varanda da sedução. Desta vez a estrangularia. Não haveria desculpas. Atravessou as portas como uma tromba olhando a ambos os lados para ver aonde ela tinha ido. Viu um homem desaparecendo nas sombras longínquas. Poderia ouvir o fôlego agitado de Rosellen.

Maldita seja.

— Pelo amor de Deus, não sabe que não deve sair a uma varanda deserta em meio de uma festa? Está tentando demonstrar que sua prima tinha razão? Não aprendeu nada?

Rosellen tentou falar, mas ele a sacudia com força.

— Ele tentou... Quis...

— Sei o que ele tentou fazer, diabos. É o que todo homem nesse maldito salão esteve querendo te fazer toda esta noite. Se te importar tão pouco sua reputação e a minha. — Wynn disse em um sussurro rude. — Eu também poderia compartilhar da sua generosidade.

Ele a empurrou mais perto até que o corpo dela se apertou contra seu peito duro e logo ele baixou seus lábios para os dela.

Rosellen estava aflita por sua irritação, pelas acusações injustas e pelo fato que ele realmente a estava beijando.

Oh, meu Deus, ela pensou antes de deixar de pensar coerentemente, isso não era nada parecido ao seu primeiro beijo dois anos atrás. Este era o tipo de beijo pelo qual poderia valer a pena danificar uma reputação. Ela correspondeu ao beijo com toda sua paixão inexperiente.

Rosellen estava segura que o visconde a beijava só pela irritação que lhe tinha causado. Lorde Standford não gostava dela, não a respeitava e nunca tinha acreditado em uma palavra do que lhe havia dito. Verme. Então ela subiu seu pulso direito e o golpeou na mandíbula com o gesso novo que o médico lhe tinha posto esse dia.

CAPITULO 28

Por que o chamam o sexo mais débil? Wynn se perguntou. Esta mulherzinha podia esmagá-lo com uma palavra, com um olhar e com o pulso quebrado. Ela podia vencê-lo e podia deixá-lo sem lugar para onde escapar. Por isso ele fugiu à sua oficina e aos seus soldadinhos. Os soldadinhos nunca replicavam, não exigiam desculpas para o imperdoável ou o alienavam. Três coisas que a senhorita Lockharte fazia com ele.

Por que ela se incomodava em falar? Rosellen se perguntou, quando Wynn se negava a escutá-la? Se sua mãe não ameaçasse tendo uma crise de espasmo, ele nem sequer teria saído de sua oficina. Não podia culpá-lo por não querer sair e mostrar sua bochecha machucada, mas então, como faria ela para lhe fazer entender o perigo?

Finalmente o pôde encurralar dois dias depois da festa dos Rafton, colocando Buck na porta da sala de modo que o visconde não pudesse escapar à sua oficina depois do café da manhã. Na verdade poderia ter economizado o esforço. E a bandeja de doces.

— Não, senhorita Lockharte, não escutarei mais um dos seus delírios. Vou repetir uma vez mais, ninguém está tentando te assassinar. O reverendo Merrihew não está em Londres, e muito menos tentaria te matar, então simplesmente se trata de uma aberração mais da sua imaginação excessivamente fértil. Ou possivelmente um excesso de álcool colocado no ponche na festa dos Rafton. No que respeita aos acontecimentos na varanda, quanto menos falemos disso mais cedo ficará esquecido. Já me desculpei pelo meu comportamento e já deixei de esperar suas desculpas por ter estado ali fora em primeiro lugar. A esta altura deve ter aprendido que as mulheres que andam sozinhas na escuridão vão ser acossadas. Eu me equivoquei, você se equivocou. Deixemos assim.

— Este lugar não é seguro para mim, volto a repetir-lhe isso! O que teria acontecido se Buck não tivesse me empurrado com sua correia ontem pela manhã para atacar ao gato do vizinho? Susan e eu teríamos resultado esmagadas por aquele pedaço de teto que caiu!!

— Chaminé e telhas caem dos tetos todo o tempo em Londres! Houve um vento muito forte ontem, não um assassino solto. Deve compreender que cada acidente que acontece no mundo não está dirigido a você.

Rosellen caminhava inquietamente. O único olho de Buck ia dela ao visconde.

— Mudarei para a casa de meu tio. Desse modo, se algo mau ocorrer Clarice será quem deve sofrer as consequências e não sua família .

— O que te faz pensar que lhe aceitarão com esse cão? Clarice Haverhill se mataria antes de deixar-se ver com uma criatura sarnenta como Buck. — Ou com Rosellen, Wynn pensou, mas não se atreveu a dizê-lo.

Ao ouvir seu nome, Buck ficou reto, com o que seu nariz ficou à altura da mesa e então se serviu com os arenques que ali tinham ficado.

Wynn assinalou ao animal voraz.

— Honestamente crê que sua tia deixará esse desastre de cão atravessar sua porta? Crê que ela já se recuperou da visita que fez aqui?

— Buck não entendeu que a tia Beatrice estava usando uma estola, acreditou que um gato tinha subido ao seu pescoço.

Era uma desculpa débil e Rosellen sabia. Mas soube que Wynn tinha razão: não poderia levar Buck à casa dos Haverhills. Não acreditava que houvessem muitos lares dispostos a aceitar esse cachorrinho problemático, Wynn não tinha terminado.

— E o que diz de Susan? O que acontecerá a ela se você se vai? Pensou em como se sentiria ela? Susan nunca se sentiu tão feliz e tão manejável como o está desde que você chegou.

Rosellen também tinha seus pensamentos a esse assunto. Mas sabia que Wynn não queria ouvi-los.

— E minha mãe. Ela te apresentou aos seus amigos, introduziu-te ao clube Almack sob seu patrocínio e te tomou muito afeto. Tanto é assim que o acontecido na festa dos Rafton fez com que ela caísse na cama.

A viscondessa tinha “caído na cama” para ler a nova novela de Jane Austen, mas Rosellen sabia que seu filho estava determinado a ver as coisas a sua própria maneira. Como sempre.

Igualmente, como poderia deixar essa família? Então decidiu ficar, pensando que serviria de aprendizagem a esse visconde pomposo encontrá-la assassinada na soleira de sua porta. Então ele teria que continuar criando Buck.

Rosellen nunca saía à rua sem uma criada e um laçao ou com o Buck e suas maneiras selvagens. Tentava manter-se longe de Susan e Stubbing e da pistola carregada que o guardião sempre levava.

Rosellen passava muito de seu tempo acordada olhando por cima de seu ombro e em muitas de suas horas de sono, as poucas que tinha, travava as portas e as janelas, e ficava armada com o atizador da chaminé na mão. Todo o prazer de estar de visita nessa casa estava se desvanecendo.

* * *

Nos dias que seguiram, Rosellen não se incomodou em mencionar a pedra lançada em seu cavalo durante o passeio no parque ou a caixa de bombons que tinha chegado sem um cartão. Ela os tinha deixado a um lado, qualquer criatura que não tivesse o estômago de ferro do Buck teria morrido ao prová-los.

Rosellen pensou em recorrer ao seu tio para lutar com essa situação, mas ele não tinha acreditado nela dois anos atrás sobre um assunto tão simples como um beijo. Certamente ele não acreditaria na história de um assassino usando vestimentas clericais. Além disso, o barão sentia admiração por miss Merrihew. Ele tinha entregue a vida da única filha de sua irmã a essa mulher. Não, não encontraria ajuda com seu tio.

Stubbing estava muito ocupado com a correspondência do visconde e com sua irmã. O tenente lhe assegurou que o visconde tinha investigado os antecedentes dos Merrihews, e que não tinham encontrado nada suspeito. Os atentados contra sua vida não pareciam ser suficientemente suspeitos, Rosellen considerou muito zangada.

Recorrer à polícia ainda era uma possibilidade, mas o visconde e stubbing tinham razão em algo: não tinha provas. Buck não tinha deixado nenhum miolo dos bombons para mandar à análise. Nem que Fanny viesse à cidade e jurasse sobre a Bíblia sobre o dinheiro entregue à Rosellen na academia, a polícia não ia acreditar em uma pobre criada. A Justiça, como os sonhos, era só para a classe rica e os bem nascidos, não para gente como a senhorita Lockharte ou para uma criada que não sabia ler.

Rosellen escreveu uma carta à lady Comfrey, que tinha sido Vivian Baldour na escola. A ex-aluna da academia de miss Merrihew era a única outra pessoa possuidora de cinquenta libras a quem Rosellen poderia haver escrito em meio de seu delírio. Inteirou-se ao chegar a Londres que lady Comfrey tinha dado à luz um filho saudável, e que ela e o ancião conde estavam em Bath extasiados de felicidade por esse milagroso acontecimento. Rosellen lhe escreveu felicitando-a, redigiu cuidadosamente a carta no caso de que Vivian não fosse sua benfeitora desconhecida.

Se lady Comfrey respondesse reconhecendo a gratidão de Rosellen, então ela teria a base de uma acusação contra os Merrihews. E contra lorde Vance também, pois certamente tinha sido o amante de miss Merrihew quem tinha detido a carruagem que trazia a carta e o dinheiro. Se não podia acusar aos Merrihew por conta do intento de homicídio, Rosellen decidiu, os acusaria de roubo em princípio. E então as autoridades e lorde Stanford teriam que levá-la a sério. Nunca mencionaria que o reverendo tinha sido abusivo com as jovens alunas, pois isso implicaria trair Vivian, quem sempre tinha sido uma garota decente, e sua situação escandalosa com o reverendo Merrihew não devia ser tema de preocupação de ninguém.

Rosellen golpeou a porta do escritório de Wynn e deu a carta ao Stubbing para enviar pelo correio. Logo foi fora para unir-se às damas no jardim da Mansão Stanford, onde lady Stanford bordava à sombra das lilases enquanto Susan lia em voz alta uma novela e Buck mastigava a perna de um banco de madeira.

Dez minutos mais tarde Rosellen entrava novamente no escritório de Wynn. Não se incomodou em golpear e foi diretamente à escrivaninha de Stubbing. Com um empurrão colocou a soluçante Susan nos braços do tenente e se dirigiu ao santuário do visconde. Mal notando que ele estava inclinado sobre a mesa de trabalho usando umas lentes de aumento e segurando um pincel, Rosellen estendeu uma adaga com punho de prata.

— Aqui está! — Ela gritou. — É isto evidência suficiente?

— Droga! — A mão de Wynn tremeu deixando cair o pincel com tinta. — Maldição, isso é uma faca, mulher?

Rosellen estava espiando por sobre o ombro de Wynn. É óbvio que sabia que ele pintava, mas só pelas intrigas que tinha escutado. O passatempo do visconde era um dos segredos mais preservados dentro da alta sociedade.

— Pinta soldadinhos de brinquedo? — Eram as mais elaboradas miniaturas que ela jamais tinha visto e o pincel era tão fino e magro como uma pestana. — São muito delicados.

Wynn se tinha tirado as lentes para examinar a faca.

Embora secretamente se sentisse gratificado pela evidente admiração de Rosellen, exteriormente mostrou que estava irritado pela intrusão.

— Rosellen, não irrompeu aqui para discutir a qualidade da minha pintura. — Agora Wynn podia ouvir sua irmã chorando do outro da sala. — Que diabos aconteceu?

Para impor-se Rosellen respondeu aos gritos.

— Isso é o que eu gostaria de saber. Isto... — Ela assinalou a faca. — Foi jogado por sobre a cerca, jogado em seu próprio jardim. Se não tivesse me inclinado para tirar as lascas da boca do Buck, teria sido atravessada por esta adaga. Passou roçando a cadeira da sua mãe.

Wynn se sobressaltou e tombou sua cadeira e duas garrafas com tinta. Rosellen resgatou dois soldados de acabarem no atoleiro de tinta.

— Sua mãe está ilesa. Wilkins e os lacaios a levaram ao piso superior. A ama de chaves está com ela e o doutor foi chamado. E Susan somente está morta de medo. — Rosellen adicionou, quando o visconde precipitadamente foi para a porta da oficina. — Stubbing está com ela.

Wynn observava a faca em sua mão como se acabasse de ser mordido por ela.

— Por Deus, realmente alguém estava tentando te assassinar!

— É duro de entender, Stanford. Mais duro que uma rocha! Lhe disse isso, disse-lhe isso, mil vezes lhe disse isso!!!

— E também me disse que estava morrendo, querida. Estava delirando de febre. Como era possível te acreditar?

— Eu estava morrendo, somente não tive tempo de terminar com isso. E alguém, não alguém, muitos alguéns, temo, está tentando desfazer-se de mim e terminar com a tarefa que ainda não terminou.

— Oh, meu Deus, poderia ter resultado morta!

— Isso é o que estive tentando te dizer, insofrível asno, mas você não queria me escutar. Simplesmente me considerou uma mulher histérica e não se ocupou de ir ao Juiz ou à Polícia para recuperar minhas cinquenta libras.

Rosellen apoiou os soldadinhos de miniatura cuidadosamente para não lançá-los em sua cabeça ou deixá-los cair, suas mãos tremiam de irritação e de medo.

Rosellen necessitava de um lenço, mas Wynn deu um trapo manchado de tinta em vez disso, com mãos que tampouco eram muito firmes. Tentou lhe sorrir fracamente enquanto procurava em seus bolsos um lenço limpo.

— Poderia ter resultado morta. — Ele repetiu.

Em segundos Rosellen estava em seus abraços, tão perto de seu peito como os braços firmes de Wynn podiam segurá-la. Ela podia escutar os batimentos furiosos de seu coração contra sua bochecha.

— Meu Deus, eu poderia haver te perdido. — Wynn a segurou com mais força, como se nunca fosse deixá-la ir.

Rosellen chorou lágrimas de alívio. Em seus braços estava a salvo e protegida. Em seus braços era onde queria estar, onde sempre tinha querido estar. Parecia uma loucura e ela mal podia admitir ter esse desejo. Levantou a cabeça para receber um beijo e Wynn agradou seu desejo.

Wynn acreditava nela. Ele acreditava nela.

Rosellen acreditava que finalmente tinha alcançado o Paraíso.

Finalmente Wynn se separou, preparado para ter que evitar o braço engessado de Rosellen.

— Valeu a pena — Ele disse. — E não vou me desculpar.

Rosellen sabia o que ele estava pensando. O quão equivocado que estava. Eles dois eram completamente inadequados como casal ante os olhos do mundo. Ela não se

arrepentia dos acontecimentos. Sua reputação já estava manchada simplesmente por desejá-lo tanto, então Rosellen se inclinou para ele outra vez, encontrando seus lábios novamente. Wynn não a apartou e ao minuto seguinte ambos estavam no piso, com a porta e vários botões abertos.

Wynn demorou um minuto em recuperar seu fôlego e perguntou.

— Realmente também lhe roubaram cinquenta libras?

CAPITULO 29

Os Merrihews estavam ausentes . A academia estava fechada.

As alunas foram enviadas às suas casas em umas férias de verão antecipadas. Aos pais lhes havia dito que a partida apressada era para desinfetar o edifício por outra epidemia de gripe. Também lhes havia dito que tinham que pagar a matrícula para o ano seguinte adiantado para ajudar a financiar a desinfecção. Miss Merrihew, comentava-se, estava fazendo uma excursão a pé na Escócia, onde seu irmão supostamente estava assistindo a um seminário sobre teologia.

A prova litográfica que Stubbing tinha recebido admitia que não existiam registros de que esse homem alguma vez tivesse sido ordenado reverendo. Não existiam registros de que esse homem e sua irmã tivessem existido até por volta de quatorze anos atrás, quando eles tinham usado um nome e antecedentes fictícios para abrir uma escola para meninas ricas. Agora o arcebispo tinha enviado os seus próprios investigadores para ver se Merrihew tinha celebrado matrimônios tão fraudulentos como a educação que as senhoritas ricas tinham recebido.

Alguém os tinha advertido, muito provavelmente o mesmo alguém que tinha informado aos Merrihew onde encontrar Rosellen Lockharte.

Clarice confessou ter visto o homem em Londres durante as últimas duas semanas, quando ele a havia contatado para averiguar sobre a saúde de Rosellen. Naturalmente lhe tinha dado o endereço de sua prima.

— Por que não vai visita-la na Mansão Stanford? — Lhe tinha sugerido. E não. Clarice não tinha ideia onde ele se hospedava.

Wynn informou todos os detalhes aos seus guardas. Logo contratou policiais para observar os seus guardas. E tinha chamado aos companheiros militares de Stubbing para vigiar aos policiais. As damas da Mansão Stanford estavam melhor protegidas que o harém de um sultão. A Rosellen particularmente não lhe era permitida a saída da casa, nem sequer ao jardim sem a companhia de um batalhão de cães guardiães, que incluía o Buck .

Por um acordo tácito ela e Wynn não falariam do que tinha acontecido em sua oficina até que o perigo passasse. Rosellen sabia que nada podia resultar de uma relação entre eles dois e não queria ouvir Wynn dizer isso em voz alta. Também sabia, sem que ninguém o houvesse dito, que Wynn não queria que seu trabalho de pintura de soldadinhos miniatura fosse divulgado. Ela poderia ficar olhando aquelas miniaturas perfeitas por horas, mas ele tinha fechado firmemente a porta de seu escritório deixando-a para fora dessa parte de sua vida.

E ao mesmo tempo ele não poderia ter feito mais nada para protegê-la.

— Merrihew não tentará nada com todos os seus homens ao meu redor. — Ela se queixou. — E então nunca o apanharão.

— Estive pensando o mesmo. A situação é intolerável, sem saber quando Merrihew vai aparecer ou se alguma vez voltará a aparecer novamente. Estive considerando contratar uma atriz para que se faça passar por você e usá-la como isca para fazer sair o lobo de sua guarida.

— O que? E pôr em perigo outra pobre garota?

— Então o que sugere? Que usemos a você como um cordeiro no matadouro? Não deixará esta casa sem minha companhia e essa é a minha palavra final.

— Então sou uma prisioneira aqui?

— Não se ponha dramática, Rosellen. Eu estou...

— Sei, só está atuando tendo em conta meus melhores interesses. E o que diz da visita aos jardins de Vauxhall?

— Que?! Sem dúvida não estará pensando que assistiremos a esses jardins do prazer esta semana com um assassino te perseguindo. Com todos aqueles caminhos escuros e grutas isoladas nunca poderíamos garantir sua segurança naqueles jardins.

— Mas parece o lugar perfeito para lhe estender uma armadilha. Você e seus homens poderiam estar escondidos nesses lugares escuros esperando que ele se aproxime de mim.

— E se ele usar um rifle desta vez? Você seria o alvo da arma de fogo muito antes que nós possamos apanhar esse covarde. Inclusive usar uma pistola lhe daria a vantagem de não ter que aproximar-se muito de você. É muito perigoso. E você já usou muito mas que as sete vidas que tem um gato.

— Não acredito que ele vá usar uma pistola, porque se tivesse uma já a teria usado antes. Uma arma de fogo é algo muito ruidoso e também algo muito sujo para esse reverendo melindroso. Penso que a visita aos jardins de Vauxhall é um plano excelente.

— Não e isso não se discute.

— Prometeu que me levaria para ver os fogos.

— E os fogos seguirão estando ali depois de que capturemos ao Merrihew.

Mas Rosellen poderia não estar viva a essa altura. Não podia suportar que Wynn começasse novamente a tratá-la como a uma irmã mais nova e recalcitrante.

Recorreria à casa de seu tio, um lugar onde o coração não lhe romperia como cada vez que tinha que ver Wynn nesta mansão .

Mas primeiro ela iria aos jardins de Vauxhall.

Escapar da Mansão Stanford foi extremamente fácil. Rosellen teria que informar ao visconde que estava desperdiçando seu dinheiro nos guardas que tinha contratado. É óbvio, ela reconhecia que eles estavam colocados ao redor do perímetro da casa para observar a qualquer um que quisesse ingressar, não para vigiar a alguém que saísse da mansão. Especialmente não a uma criada com um lúgubre vestido cinza e com um gorro saindo encurvada da casa para passear com o cão. O antigo uniforme de Rosellen era suficientemente folgado para lhe permitir usar o vestido rosado que levava debaixo. Ninguém a tinha notado absolutamente em seus esforços por evitar os dentes afiados de Buck.

Disse à família que ia deitar-se cedo e ninguém a questionou. Com um olhar de desgosto para seu filho, lady Stanford lhe deu a entender que ela jamais teria sobrevivido a essa semana tão difícil sem seu amado Theo Hume ao seu lado. Susan sacudiu a cabeça enquanto apertava o braço de Stubbing.

Rosellen disse ao pessoal de serviço que não queria ser incomodada até a manhã seguinte e todos eles estavam demasiadamente bem adestrados e demasiadamente temerosos do enorme cão com quem ela agora compartilhava o dormitório para desobedecer a ordem.

Rosellen disse ao Buck que não ladrasse enquanto descia pelas escadas traseiras e se deslizava pela entrada de serviço sem ser vista.

Rosellen se sentia terrivelmente culpada por mentir a todos aqueles que tinham sido tão amáveis com ela. Mas também lhe pesava na consciência obrigá-los a ser cativos em sua própria casa e por pô-los em perigo, então supôs que estava fazendo o correto. E deixou uma nota a Wynn sobre o travesseiro. Se ela não retornasse uma das criadas se ocuparia que ele recebesse a mensagem pela manhã.

Rosellen sabia que ela sozinha não poderia dirigir Merrihew, então tinha feito alguns preparativos. Wynn não a ajudaria, mas os gêmeos Heatherstone estavam dispostos a viver uma aventura. Eles estavam esperando-a na esquina em uma carruagem alugada, com as pistolas carregadas e com chapéus que lhes cobriam as sobancelhas. Traziam cordas, apitos, chicotes de montar e um taco de críquete.

Pareciam salteadores de caminhos ou meninos brincando de ser piratas.

CAPITULO 30

Wynn estava preocupado. Se sentia um estranho em sua própria sala de estar. Susan e Stubbing estavam juntos no piano forte. Sua mãe e lorde Hume jogavam cartas no outro extremo da sala. Nenhum dos dois casais o convidou a unir-se a eles. Aos diabos, os dois casais atuavam como se ele não existisse. Mas isso não era o que o fazia caminhar inquietamente de um extremo da sala ao outro.

Não, logo que toda esta confusão de assassinos estivesse resolvido, as damas da casa também normalizariam sua situação. Já era tempo de que sua mãe e lorde Hume formalizassem a relação assegurando-se de que nenhum escândalo salpicasse seu passado. E se Susan queria ao Stubbing, pois bem, não era o melhor dos casais em termos sociais, mas Wynn estava começando a entender que o que pensava a sociedade não era tão importante. O tenente era um péssimo secretário mas um homem honesto e Wynn sabia que se pudesse lhe conseguir um posto decente em Viena ou uma cadeira no Parlamento, o moço triunfaria.

Mas o que faria Wynn se não pudesse manter Rosellen segura? Havia trazido essa jovem a Londres para que ela recuperasse sua saúde e para apaziguar sua própria consciência. Ela estava triste nesta casa, em constante perigo se estivesse fora e sua virtude em constante perigo se permanecesse dentro. Não podia havê-la deixado em Brighton. E agora parecia que não poderia deixá-la em paz. A pobre moça tinha passado de ter que lutar com um reverendo assassino a lutar com um anfitrião lascivo.

Nunca em sua vida o Visconde Stanford tinha atuado tão grosseiramente, quase possuindo a uma mulher inocente no piso de seu escritório. Pelo amor de Deus, essa moça tinha a estranha habilidade de fazê-lo sentir que era uma porcaria de pessoa! E ele nunca se desculpou pelo episódio acontecido em sua oficina. Só Deus sabia o que Rosellen estava pensando em relação às suas intenções. Droga, nem Wynn estava seguro de quais eram suas intenções. Só sabia que a rebelde senhorita Lockharte se colocara debaixo de sua pele, indo diretamente à parte mais tenra de um coração que ele não sabia que tinha. E agora estava sofrendo porque ela estava triste nessa casa.

Wynn sabia que tinha que falar com ela para tranquilizá-la. Também tinha que explicar esses sentimentos tão estranhos que o dominavam. Possivelmente manifestando-os em voz alta esclareceriam emoções intrincadas de seu próprio coração.

A noite ainda era jovem e ele não estava cansado, então Wynn decidiu abordar Rosellen com a esperança que terminariam tendo o descanso que mereciam. Visitar uma senhorita em seu dormitório era algo completamente inaceitável, mas pelo amor de Deus, Wynn raciocinou, já a tinha beijado duas vezes. Um homem podia ser enviado à força só uma vez. Além disso, provavelmente não seriam interrompidos, não com sua mãe e sua irmã entretendo os seus amorzinhos.

Se Rosellen estivesse dormido, Wynn não desejava perturbá-la, então golpeou levemente a porta e logo a empurrou para abri-la, levando uma vela em sua mão. O quarto estava vazio.

— Rosellen? Senhorita Lockharte? — Ele percorreu o dormitório. As mantas estavam abertas, mas não havia ninguém na cama. Logo viu a nota sobre o travesseiro e seu coração se afundou e o estômago lhe subiu à garganta. A muito parva tinha ido encontrar ao Merrihew, Wynn soube sem ter que ler a mensagem. A Senhorita Lockharte tinha ido aos jardins de Vauxhall, o qual não era um lugar recomendável para uma dama sozinha.

Diabos, nunca deveria ter acreditado que essa juvenzinha ia ser razoável, que ia esperar que os acontecimentos se desenvolvessem naturalmente. Ela alguma vez se comportou razoavelmente no passado? Então por que diabos tinha suposto que ela começaria a cultivar paciência e prudência agora? A professorinha de caligrafia precisava ser dirigida com punho de ferro.

Wynn aproximou a folha da vela. Como esperava, a mensagem estava dirigida a ele, essa juvenzinha tinha uma estranha relação com as cartas. Como se tivesse sabido qual seria sua reação ao seu desaparecimento, Rosellen tinha escrito:

“Sua Senhoria. No caso que algo desafortunado ocorra, quero que você saiba que ainda segue sendo dominante e arrogante. Mas igualmente te amo.”

Algo desafortunado ia ocorrer. Ele encontraria essa juvenzinha e logo a manteria encadeada pelo resto de sua vida.

Imediatamente depois Wynn secou uma lágrima que ameaçava cair sobre a carta. Finalmente compreendeu por que lorde Hume estava tão apegado a uma carta de amor e por que a levava no chapéu a todas as partes. Wynn nunca se separaria voluntariamente dessa mostra de afeto de Rosellen. Poderia encontrar o modo de recortar a primeira frase e salvar o resto. Wynn dobrou a nota e a colocou em seu bolso sobre seu coração, logo correu a despertar toda a casa com suas ordens sobre homens, cavalos e pistolas.

Lorde Hume teria que ficar para reconfortar lady Standford, mas um sombrio Stubbing estava ao lado de Wynn em um instante empunhando sua espada. Sim, ele seria uma boa companhia. Em segundos eles partiram atravessando as ruas de Londres como se os cães do Inferno os estivessem perseguindo. Esses cães diabólicos se pareciam muito ao Buck.

CAPITULO 31

Saber que sua tia e seu tio assistiriam a uma festa nos jardins de Vauxhall tinha ajudado Rosellen a decidir o curso de ação.

Na presença de seus tios, isso não prejudicaria sua reputação, embora tivesse que vagar pelos jardins sem uma acompanhante, e então lorde Stanford não se zangaria tanto com ela. Ele podia simplesmente estrangulá-la, em vez de fervê-la em azeite.

Os habitantes da mansão Haverhill estariam no edifício do Vauxhall, Rosellen sabia porque Clarice se gabou de seu novo vestido, de seu novo penteado e de seu novo candidato, um emigrado francês. O vestido era de prata, o penteado eram cachos e o pretendente um tímido homem de sessenta anos.

— Não me diga que está a sós com esses dois imbecis? — O barão Haverhill perguntou à sua sobrinha quando ela apareceu em seu camarote privado. Ele não sabia nada sobre os intentos de assassinato contra sua vida. Simplesmente falava porque ainda tinha esperanças de um matrimônio com o Stanford.

Rosellen gesticulou vagamente aos moços detrás dela.

— O resto do grupo já foi rumo aos Passeios da Escuridão. Ouvi que não é um lugar muito recomendável, por isso fiquei aqui, sabendo que poderia estar com vocês até que eles retornem.

— Perfeito, não é aceitável que as jovens andem vagando de noite em lugares escuros.

Clarice emitiu um som muito impróprio para uma dama.

— Quando vai deixar de atuar como uma dissimulada, Rosellen? Todos vem ao Vauxhall para ter algum tipo de paquera inofensiva. Não é certo, monsieur? — Ela golpeou ligeiramente o braço de seu candidato com seu leque de plumas de ganso.

O francês parecia mais interessado em paquerar com a tia Beatrice que com Clarice, até que descobriu que Rosellen poderia falar francês suficientemente bem para manter uma conversação inteligente.

Os gêmeos Heatherstones distraíram com as últimas intrigas uma Clarice furiosa. O tio Townsend ficou adormecido depois de um excesso de presunto defumado e sanduíches de arenque e lady Haverhill conversava com as damas da mesa vizinha. Buck procurou comida caída debaixo das mesas.

Rosellen começava a pensar que todos os seus planos tinham sido para nada.

Outros vinte minutos escutando as adulações melosas do francês, os comentários corrosivos de Clarice e os roncos de seu tio e poderia morrer de aborrecimento e assim economizar ao Merrihew todos os seus esforços. Justo quando estava a ponto de sugerir aos gêmeos que fossem divertir-se um pouco, uma mensagem ilicitamente caiu no regaço de Rosellen ao mesmo tempo que um garçom passava. Enquanto o conde francês servia um ponche mais, Rosellen desdobrou a nota.

“Há palavras que só podem ser faladas em privado”, ela leu. *“Venha ao Templo de Vênus logo que possa”*. A nota estava assinada: *Stanford*.

Se havia algo que Rosellen Lockharte conhecia, era caligrafia. E tinha visto bastante da caligrafia de Sua Senhoria nesses últimos dias em sua casa para saber que não se tratava da letra de Wynn.

O estilo era muito tenso e dominante e a escritura do visconde era mais atrevida e menos enviesada. Além disso, este papel era de má qualidade e não tinha o escudo de Stanford. Êxito!

Rosellen poderia ter usado a desculpa de ir encontrar-se com seus companheiros, mas não estava muito satisfeita com a ideia de deixar que os Heatherstones fossem encarregados de seu resgate, especialmente porque não quiseram lhe dar uma de suas pistolas ao recordar como tinha disparado à garrafa azul da placa da estalagem. Mas havia alguém mais, alguém que seria um chamariz perfeito, alguém que teria caminhado sobre brasas acesas com o objetivo de ter uma entrevista na escuridão com Wynn. Então Rosellen esperou até que ninguém a observasse e deslizou a nota debaixo da pequena carteira de Clarice.

Em segundos Clarice pediu para ser desculpada para fazer uma visita ao quarto de damas.

— Poderia me acompanhar? — Disparou em voz baixa à Rosellen enquanto o conde colocava o xale sobre seus ombros. — Seu cabelo é um desastre.

Sua prima a abandonaria no quarto de banho, Rosellen sabia. Se desculpou com sua tia e o conde, fez gestos aos Heatherstones esperando que eles entendesse que deviam segui-la.

Como era de esperar, Clarice não estava aguardando Rosellen fora do quarto de damas, mas Tim e Tom a esperavam com o Buck.

— Sabem como chegar ao Templo de Vênus? — Rosellen perguntou.

Os gêmeos não sabiam e as primeiras pessoas a quem perguntou eram duas mulheres escassamente vestidas que estavam dispostas a acompanhar os gêmeos por aqueles caminhos escuros.

— E sua amiga magrinha também pode vir. — Elas ofereceram. — Mas o cão, não. Não fazemos zoofilia.

Os irmãos estavam muito entusiasmados, mas Rosellen sentia remorso por ter metido sua prima em perigo. E se Merrihew tivesse outra faca e a lançava sem olhar atentamente a sua vítima? Mas não seria assim, muitas damas e prostitutas caminhavam pelos jardins. Ele teria que assegurar-se antes de atacar a alguém. Rosellen apressou aos gêmeos desejando ter um xale para evitar as olhadas libidinosas e os comentários grosseiros.

Quando se aproximaram do pequeno pavilhão escondido detrás de umas árvores, só iluminado pela lua e as estrelas, puderam escutar a voz aguda de Clarice: — O que faz aqui? O que você está fazendo aqui? Você não é Stanford! E me tire as mãos de cima, velho pervertido. Droga! Esmagou meu vestido.

— É melhor isso que te esmagar a cabeça! — Merrihew replicou ameaçando-a com uma rocha que tinha na mão. — Por todos os diabos do inferno, onde está sua prima?

— Estou farta de ver que todos procuram a minha prima. Maldição. Você, Stanford, Rafton e agora o conde Mercineaux. Até os imbecis dos Heatherstones preferem a companhia dessa dissimulada, ela é feia e é... Pobre!

— Parece-me. — Tim Heatherstone disse — Que essa não é a forma de falar de sua prima.

Merrihew se deu volta. Quando viu Rosellen, sacudiu a rocha novamente, mas Tom tinha sua pistola na mão. Merrihew agarrou Clarice para usá-la como escudo humano. Ela gritou.

— Vou disparar a ambos. — Tim advertiu, mas Rosellen gritou.

— Não!

Não era a palavra que Buck mais tinha ouvido em toda sua vida. Pensando que sua ama o chamava, o cão saiu dentre os arbustos e derrubou Merrihew e seu refém para chegar a ela. Tim deu a pistola à Rosellen e saltou sobre o reverendo. O mesmo fez Tom, mas ele aterrissou sobre Clarice, que não parava de gritar. Buck saltou para lamber o rosto de Rosellen e a pistola disparou. A estátua de Vênus no alto do pavilhão explodiu em pedaços lançando uma garoa de pó branco sobre todos eles. Uma prostituta e seu cliente dentro do templo do amor se levantaram ao meio vestir.

— Fantasmas! — A mulher gritou ao ver as figuras brancas, aumentando o escândalo.

— Ainda não. — Foi o comentário em voz baixa de Wynn Alton, o visconde Stanford, enquanto ia avançando pelo caminho com a pistola na mão. — Ainda não, mas muito em breve.

CAPITULO 32

Vauxhall era um lugar muito grande e Rosellen era uma mulher miúda, mas tinha sido incrivelmente fácil de encontrar. Wynn só tinha que seguir os sons do caos. Gritos, disparos, pânico e um cão ladrando.

Escuridão, pó branco, corpos atirados no piso, latidos furiosos. Que diabos estava acontecendo e qual de todos esses corpos era Rosellen? Logo que Wynn anunciou sua presença uma mulher histérica se lançou dentro de seu peito e por um momento Wynn temeu que se tratasse de Rosellen ferida, mas era Clarice Haverhill. Imediatamente Wynn a passou aos braços ingênuos de Stubbing e gritou para que trouxessem lâmpadas.

Rosellen era a que estava deitada no piso com a pistola fumegante. É óbvio. Wynn a levantou e correu em direção à arma, mantendo sua própria pistola apontada aos outros até estar seguro quem era quem. Não soltou Rosellen, e ela não fez nenhum esforço para abandonar o refúgio de seus braços. Ela está ficando mais sábia, notou Wynn, pois ela deixava que Tonto e Retonto contassem sua grande aventura.

— Muito bem, moços. — Wynn falou com fúria controlada. Rosellen deveria havê-lo deixado defendê-la do assassino. Nesse momento ela deveria estar segura em casa. — Agora que apanhou o vilão, desnecessariamente pondo em grande perigo todas estas pessoas, o que vai fazer com ele?

Os Heatherstones não entendiam muito de sutilezas ou de comentários sarcásticos.

Tim estava sentado sobre o peito de Merrihew, Tom sobre seus joelhos.

— Demônios, sabia que deveríamos ter trazido a corda — Tim murmurou. — Poderíamos enforcá-lo aqui mesmo e economizar à Coroa o custo de um julgamento.

A ideia não era má, mas Wynn teve que vetá-la.

— Nesse caso vocês dois seriam acusados de assassinato.

— Mando procurar a polícia, senhor? — Stubbing quis saber. — Ou os moços e eu poderíamos levar este homem à delegacia de polícia da Rua Bow. — Stubbing estava disposto a fazer algo com o objetivo de desfazer-se da pegajosa Clarice que ainda gritava em seu ouvido.

— Tenho esperança de dirigir este assunto privadamente para proteger a reputação da senhorita Lockharte. Ela teria que brindar seu testemunho à justiça, o que pode ser algo bastante incômodo. O que pensa, Merrihew? Prefere deixar seu destino nas mãos dos tribunais? Prefere uma comprida viagem de vez à força? Aceitará a oferta de uma passagem à Índia? Sei de um navio que parte esta semana e tenho muitos

contatos ali. É obvio que teria que assinar uma confissão antes de partir, assegurando que nunca retornará.

— Confissão? — Merrihew murmurou entredentes através de seus lábios cortados e seus dentes frouxos. — Não pode provar nada. Eu não cometi nenhum crime.

Rosellen começou a protestar, mas Wynn a fez calar.

— Não teve êxito em levar a cabo seu crime só por sua inépcia. Mas nós podemos provar que você falsificou sua identidade e seus antecedentes. Deveria pensar nos casais que casou e que agora estão vivendo em pecado, seus filhos são bastardos. É melhor não falar de provas. E também está o assunto do dinheiro que roubaram da Senhorita Lockharte.

— Eu nunca toquei em um centavo — Merrihew insistiu. — Isso foi Mirabel. Disse-lhe que não tocasse no dinheiro até que a juvenzinha estivesse morta, mas ela não quis me escutar.

— Oh, honra entre ladrões e assassinos! Infelizmente sua irmã parece haver escapado da justiça. E você é o único a quem podemos acusar de todos os crimes.

— Vá-se ao inferno. Não tem nenhuma prova salvo o testemunho de uma juvenzinha a quem lhe falha a cabeça.

O braço de Wynn se apertou ao redor de Rosellen enquanto seus dedos apertavam o gatilho da pistola.

— Sabe, acredito que poderia ter uma ideia melhor. Estão os valentões do cais sempre dispostos a fazer um trabalhinho por um pouco de dinheiro...

Wynn não precisou terminar a ameaça. Merrihew murmurou.

— Escutei dizer que há muito boas oportunidades de progresso na Índia.

— Lamento que a população inglesa na Índia vá ter que conviver com você mas essa parece ser a solução mais desejável. Está de acordo, senhorita Lockharte?

Rosellen estava a ponto de expressar sua opinião agora que Wynn tinha arrumado tudo à sua satisfação, quando ela foi apartada com um empurrão. Clarice tomou seu lugar nos braços de Wynn, soluçando contra seu colete.

— E o que vai ser de mim, Stanford? Minha reputação foi arruinada e tudo por culpa de sua nota para te encontrar aqui!

Seu vestido estava aberto à altura do seio e seu cabelo parecia um ninho de carcará, mas Wynn não acreditava em seu conto.

— Nunca escrevi essa nota, como muito bem sabe, miss Haverhill. — Ele disse.

— Como podia sabê-lo? Eu vim aqui de boa fé e agora minha reputação está arruinada. Terá que reparar isso, Stanford.

— Pelo amor de Deus!! — Ele disse tentando liberar-se de seu abraço de polvo.
— Ninguém tem por que saber que não esteve com sua prima todo o tempo.

— O que?!! Uma camponesa dissimulada não pode ser considerada uma guardiã da minha virtude. Ninguém acreditará nela e minha reputação ficará tão manchada como a dela.

Rosellen estava lutando com Buck para impedir que comesse a meia de uma mulher atirada no piso do pavilhão.

— Por todos os demônios!!! — Wynn respondeu, livrando-se finalmente de Clarice. — Ninguém duvidará da credibilidade da futura Viscondessa Stanford.

— A Viscondessa Stanford? Está me irritando? — Clarice gritou enquanto Rosellen teve que agarrar-se ao Buck para não cair novamente. — Vai casar comigo!!!

— Quando os porcos voarem. Mas ele é quem deveria salvar sua reputação, estava a sós com ele. — Wynn deu um pontapé em Merrihew.

— O que?!!!! Me casar com um Dom Ninguém como ele? Nunca!!!

Wynn encolheu os ombros.

— É a melhor oferta que vai conseguir, Clarice. Realmente poderia viver muito bem na Índia com o dinheiro de seu pai e até poderia converter-se em um êxito social lá. Já sabe, a filha de um barão e todo o resto. De outro modo terminaria sendo uma solteirona aqui. Uma vez que se saiba como armou um complô para arruinar a sua prima.

Clarice olhou ao Stubbing, quem instantaneamente desapareceu entre os arbustos. Logo ficou olhando fixamente a um dos gêmeos Heatherstone e logo ao outro.

— Nos incorporaremos ao exército. — Tim lhe informou.

— Amanhã — Tom adicionou.

— O capitão do navio pode casar vocês durante a viagem — Wynn a provocou ansioso por acabar com aquela situação. — Por que não pensa nisso durante esta noite e amanhã fala com seu pai? Merrihew não vai a nenhum lugar.

Ele ia estar no porão sem janelas da mansão Stanford até que Wynn pudesse escoltá-lo ao casco do navio mercante que ia à Índia. É óbvio que Wynn se prometeu uns minutos a sós com aquele cretino covarde, mas não havia razão para mencioná-lo em público. Possivelmente Clarice gostaria mais de seu prometido com uma reforma na cara.

— Estou segura que os Heatherstones podem te escoltar ao camarote de seu pai, a menos que eles queiram ficar aqui e discutir comigo por que ajudaram uma senhorita a escapar da minha casa e pô-la em semelhante perigo.

Cada um dos irmãos Heatherstone tomou um dos braços de Clarice e a arrastaram fora do pavilhão, os pés dela mal tocavam o chão de tão rápido que se moviam.

Wynn deu ordens para retirar ao Merrihew e para dispersar os curiosos. Só quando todos eles se foram, incluindo os espectadores, deu-se a volta para Rosellen. Pôs suas mãos sobre seus ombros para que ela o olhasse de frente. Brandamente escovando o pó branco de seu cabelo, disse.

— Sem dúvida nenhuma, senhorita Lockharte, é a mulher mais impulsiva e imprudente que jamais conheci. Que diabos vou fazer com você?

— Para começar — Rosellen respondeu, — pode me beijar.

Ele riu.

— Atrevida, rebelde e teimosa até o impossível. Amo-te, Rosellen. — Logo ele se inclinou para tocar seus lábios com os dele.

Esse era melhor que qualquer um dos beijos anteriores, Rosellen decidiu, porque agora sabia que Wynn a amava. A terra tremeu, as estrelas se fizeram mais brilhantes e até o ar vibrou ao redor deles.

— Hmm. — Ela disse uns segundos mais tarde. — Sempre soube que eu gostaria dos fogos, e isso que ainda nem começaram.

CAPITULO 33

— Devo assumir que isso quer dizer sim?

Rosellen abriu os olhos. Wynn estava a uns centímetros de distância olhando-a fixamente. Ela se mordeu os lábios, degustando o sabor dele. Não se tinham movido do templo em ruínas.

— Hmm. Qual era a pergunta?

— A pergunta é se vai me fazer o mais feliz dos homens. Deseja se casar comigo?

— Por favor, não brinque, Wynn. Sei que só está inventando isto para se liberar de Clarice.

— Tontinha. Eu não necessito da desculpa de sua prima. Deveria saber disso.

— Também sei que não pode querer se casar comigo. — Ela insistiu.

— Não há nada nesta Terra que eu deseje mais.

— Mas seria uma união desastrosa. Somos de mundos muito diferentes.

— Você é meu mundo, Rosellen. E isso é tudo o que importa. Além disso, tem um dote, embora eu não o necessite. E sua linhagem é tão boa como a da minha irmã, se não for melhor, mas isso é tema para outro dia. E sua educação é indubitavelmente muito melhor. Seu pai não tinha um título de nobreza? Que importa isso? Ele teve a sabedoria e a inteligência de criar uma filha com um pensamento independente.

— Não odeia que eu possa pensar independentemente?

— Só quando não pensa como eu. Mas admiro o fato que seja fiel aos seus próprios pensamentos. Mas se sou eu quem não deseja casar-se, por que é você quem inventa desculpas? Teme que censure seus sentimentos e suas opiniões? Fique tranquila, você não me deixará fazê-lo. No momento em que me comporte como um déspota com você, pode me lançar seu cão em cima.

— Verdadeiramente me ama apesar da minha independência?

— Recorda a carta que me escreveu?

— Não me recorde essa idiotice, suplico-lhe isso!

— Mas nessa carta você falava de todas as coisas que nunca tinha podido gozar, tudo o que perderia se morresse jovem. Nunca tinha tido um cão ou dançado uma valsa ou possuído um vestido de seda. Eu te vestiria com raios de luar e dançaria com você entre as estrelas. Buck é outra história diferente, mas comoveu meu coração com suas palavras, sobretudo quando escreveu que nunca teria em seus braços teu bebê. Rosellen, não posso imaginar uma alegria maior que ver-te com meu filho, com nosso filho em seus braços. Daria tudo o que possuo, tudo o que sou, simplesmente para ver-te feliz.

— Oh, Wynn! Realmente fala a sério?

— Muito a sério.

Compartilharam outro beijo e depois Rosellen perguntou.

— E os fogos?

— Nunca poderia me esquecer dos fogos, meu amor. Disse que nunca havia sentido o abraço de um amante. O terá logo que possa arrumá-lo.

— Eu nunca escrevi isso!

— Alegra-me que tenha esperado, porque definitivamente desejo ser seu amante para sempre. Porque isso é o que também me faltava. Eu acredito que nunca conheci o amor.

— E agora?

— Eu estava esperando a você, Rosellen. Só a você.

Como Rosellen estava ainda sentada em seu regaço no banco do pavilhão, foi fácil lhe dar sua resposta. Uns segundos depois Wynn a sentiu tremer e fechou sua capa mais apertada ao redor deles dois.

— Iremos à minha propriedade na Jamaica para nossa lua de mel. Quero ver se seus olhos realmente são da cor do Mar do Caribe. Oh, se estiver de acordo, meu amor. Você gostaria de ir para lá?

— A qualquer lugar que vá você, meu amor. A qualquer lugar.

* * *

Quando o visconde e sua esposa retornaram de sua viagem de bodas, uma grande quantidade de correspondência os esperava, assim como tardios presentes de bodas e cartões de felicitações.

Rosellen levantou a vista de seu lugar no escritório junto a Wynn.

— Que estranho.

— O que acontece, meu amor, Stubbing fez confusão com minha correspondência? Me atreveria a dizer que ele esteve muito ocupado com os preparativos para que minha mãe e lorde Hume viajem à Áustria com ele e Susan. Só desejaria que levassem o cão com eles. A tarefa de arrumar esta desordem seria mais fácil se o maldito animal não comesse a metade das cartas.

— Não, tolo, o que é estranho é este pacote. Vem de lorde e lady Conmfrey, de Bath, suponho. É uma remessa bancária de cinquenta libras, a última que vou receber, segundo eles escrevem na nota.

— Não te faz falta nada mais. Não voltará a se casar em um futuro imediato, meu amor. Mas esta nota é até mais estranha. — Ele elevou um pacote grande, dentro de um papel marrom haviam dois pequenos soldados, detalhadamente pintados.

— Tully Hadfield os envia de Gales, diz que são para o bebê. Não sei se os devolve porque a consciência o obriga ou porque não conseguiu vendê-los por um preço

decente. Parece que ele somente sentia curiosidade por minhas pinturas secretas. Conheceu uma viúva rica e ela tem quatro, não acredito, que são cinco filhas mulheres. Isso é uma sorte ou ele poderia haver se sentido tentado em ficar com os soldadinhos.

Rosellen tocou seu estômago arredondado.

— Como é que seu amigo sabe sobre o bebê? E o que ocorreria se for uma menina?

— Nesse caso, minha Rosellen, teremos que seguir tentando-o. Além disso, não é você a que se queixa do porque a educação das mulheres oferece oportunidades muito limitadas? O que teria de mau que uma menina com olhos turquesa brincasse com soldadinhos de chumbo?

Rosellen pegou uma carta dirigida à lady Stanford. O envelope estava escrito a lápis, com letra tosca, havia uma folha dobrada em seu interior. A nota estava velha, descolorida e imprecisa, as mordidas de Buck a faziam completamente ilegível. Mas Rosellen pôde decifrar uma parte da nota anexa:

“Minha lady, encontrei esta carta com seu nome nela. Estava em um chapéu que encontrei flutuando em um rio. O homem que a escreveu deve lhe amar muito, mando a carta mas meu burro necessitava do chapéu, por isso fiquei com ele.

O amor dos seres humanos e a fidelidade dos animais é tudo com o que podemos contar.

Atentamente,

Um amigo.”

FIM